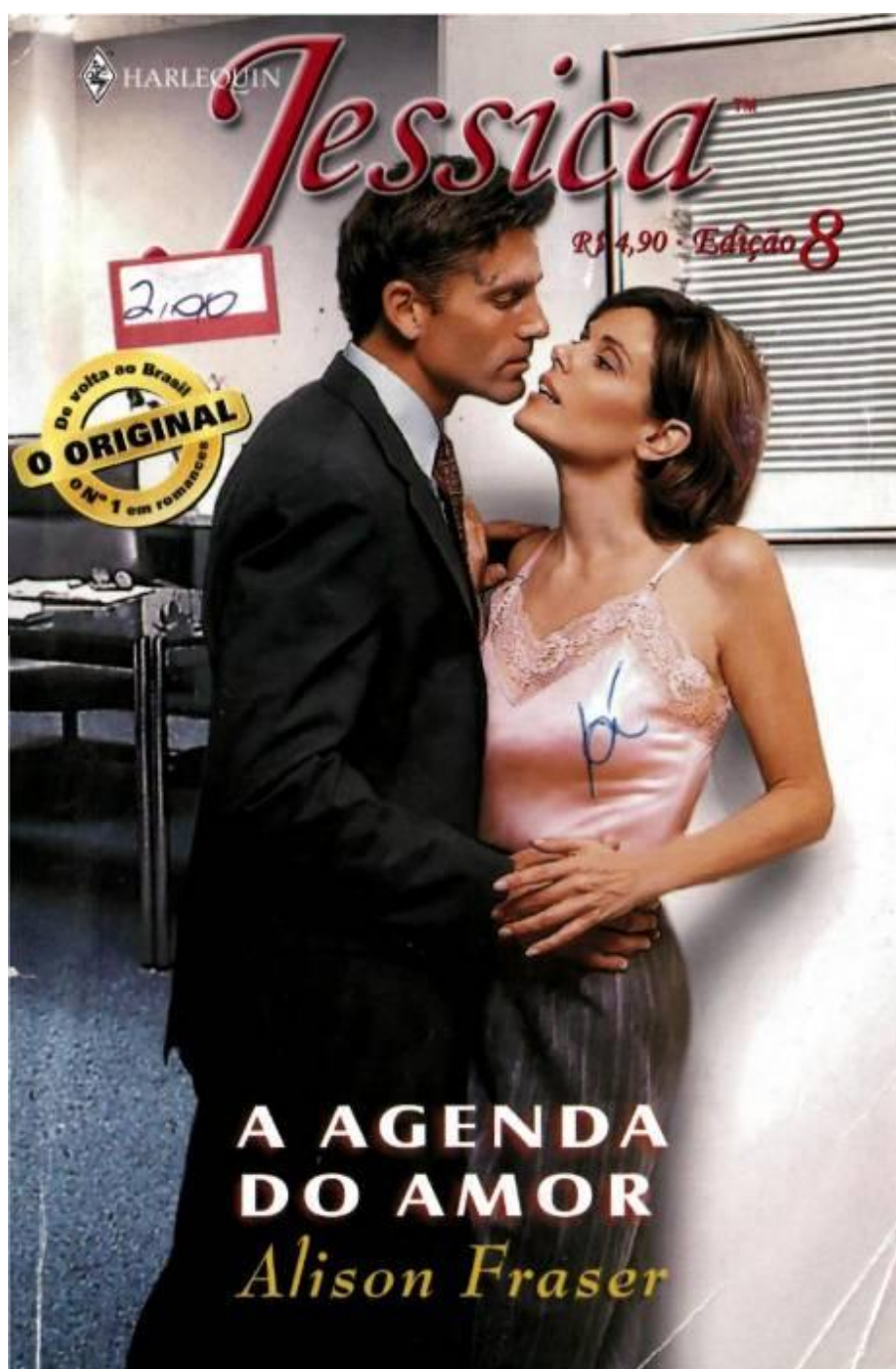






A AGENDA DO AMOR

Tradução: *Cristiane Pacanowski*

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte. Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Copyright© 2001 by Alison Fraser

Originalmente publicado em 2004 por Harlequin Mills & Boon London

Título original: THE BOSS'S SECRET MISTRESS

Editoração Eletrônica: TopTextos Edições Gráficas Ltda. Tel.: (55 21) 2240-2609

Impressão:

RR DONNELLEY MOORE

Tel: (55 11)2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para todo o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S/A Rua Teodoro da Silva, 907 Grajaú, Rio de Janeiro, RJ - 20563-900 Tel: (55 21) 3879-7766

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171,4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ - 20921-380

Correspondências para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Lucas Reycart: obstinado, arrogante, dinâmico. Impossível trabalhar com ele, mas também impossível ignorá-lo!

Tory Lloyd: bonita, esperta e confusa. Lucas, o novo diretor-presidente, está determinado em torná-la sua amante!

Juntos, eles formam uma equipe e tanto, na sala de reunião e também em cômodos mais íntimos. Mas Tory sabe que é apenas uma questão de tempo até que Lucas descubra que seu coração guarda um segredo...

Digitalização: Simoninha

Revisão: Cryst

— Eu não sei por quê, Sr. Ryecart. Não é como não é como se eu pudesse demiti-lo.

Lucas emitiu um som exasperado.

Não é o que eu quis dizer, e você sabe disso! Você não pode se esquecer de nossas respectivas posições por um único instante?

Não, já que você me perguntou, eu não posso me esquecer. E nem você, imagino, se você estivesse em meu lugar.

— Subordinado a mim? — sugeriu ele.

— Sim! — ela foi direto ao ponto.

— Se fosse assim. — Os olhos dele percorreram atrevidamente o seu corpo. O elevador chegou e Lucas entrou com ela. Tory queria sair outra vez, mas parecia um ato de covardia. O que ele poderia fazer nos cinco segundos que levava para que o elevador alcançasse o térreo? Ele poderia apertar o botão de emergência. Tory não percebeu que era o que ele tinha feito até que o elevador balançou.

— Você não pode fazer isso! Ele sorriu.

— Agora, vamos conversar.

— Eu não quero conversar! Ele disse num tom arrastado:

— Muito justo. Não vamos conversar.

E com um passo diminuiu a distância entre eles...

CAPÍTULO UM

— Lucas Ryecart? — repetiu Tory, mas aquele nome não lhe significou nada.

— Você deve ter ouvido falar dele — insistiu Simon Dixon. — Empresário norte-americano, comprou a Howard Productions e a TV Chelton no ano passado.

— Acho que eu me lembraria — disse Tory a seu assistente de produção. — Mas não estou interessada nas negociações duvidosas dos homens do dinheiro. Se Eastwich necessita de uma injeção de capital, importa de onde o dinheiro vem?

— Se isso significa que um de nós pode acabar demitido — advertiu Simon num tom dramático —, então eu diria que me importo.

— São apenas rumores. — Tory sabia, por experiência própria, que boatos pouco correspondem à verdade.

— Não tenha tanta certeza assim. Você sabe como ele é chamado na Howard Productions? — perguntou Simon apenas para ter o prazer de pronunciar em tom soturno. — O Ceifeiro Implacável.

Tory riu incrédula. Após um ano no setor de Documentários da Howard Productions, ela conhecia Simon muito bem. Ele dramatizava as situações ao máximo. Era tão agitador, que as pessoas o chamavam de Chef.

— Simon, você sabe qual é seu apelido? — Ela não pôde evitar a pergunta.

— Naturalmente. — Ele sorriu. — E você sabe qual é q seu? Tory encolheu os ombros. Ela não sabia, mas devia ter um.

— A Donzela de Gelo. — Não era muito original. — Está pensando que é pelo seu jeito frio?

— Claro — concordou Tory, bem ciente dos motivos.

— Mas é improvável que você seja vítima dos cortes na equipe. — Simon continuou pensativo. — Quero dizer, que homem pode resistir aos cabelos da Shirley Temple, aos olhos do Bambi e a uma grande semelhança com o nome daquela que atuou em *Uma linda mulher*!

Tory reagiu ao ouvir essa avaliação sobre sua aparência.

— Um que prefira o tipo supermodelos loiras... Sem falar **naqueles que** preferem um "gênero" bem diferente.

— Eu devo ter muita sorte — reconheceu num tom afeminado antes de rejeitar. — Não, este é heterossexual. Foi descrito como um presente de Deus para as mulheres.

— É mesmo? — Tory permaneceu impassível.

— Tenho certeza de que Deus é capaz de doar mais que um presente às mulheres — afirmou Simon —, nem que fosse para compensar as muitas desvantagens que Ele causou a vocês.

Tory riu, sem se afetar com os comentários machistas de Simon.

— De qualquer maneira, acho que podemos supor com segurança, criteriosamente, que seu emprego está a salvo — e continuou tagarelando —, de modo que resta eu ou nosso amado líder, Alexander Não-tão-grande-assim. Em quem você apostaria, querida Tory?

— Não faço idéia. — Tory começou a ficar impaciente com Simon e suas especulações. — Mas se você está tão preocupado, procure algum trabalho para fazer antes que este tal de Ryecart venha inspecionar sua última aquisição. Possibilidade remota.

— Não tão remota — advertiu ele. — Segundo boatos, ele deve vir nas próximas 110 horas.

— Certamente será Alex — reiterou Simon, presunçosamente. — Sua época de glória já passou e, além disso, está bem distante há alguns meses.

Tory se irritou desta vez.

— Não é verdade. Ele só teve que resolver alguns problemas.

— Alguns? — zombou Simon. — A esposa dele foge para a Escócia. A posse de sua casa é reintegrada. E sua respiração cheira como uma advertência para as balas de menta... — Nós sabemos o que isso significa, não é mesmo?

— Você não vai dar uma rasteira no Alex, não é, Simon?

— *Moi?* Eu faria algo desse tipo?

— Sim. — Estava certa quanto a isso.

— Você me atingiu em cheio. — Ele colocou as mãos sobre o coração num trejeito teatral. — Por que eu daria uma rasteira no Alex se... ele mesmo pode fazer isso muito melhor, você não acha?

— De qualquer maneira, vou voltar para minha mesa antes que nosso amigo americano chegue.

Tory franziu a testa.

— Alex já chegou?

— O papa é muçulmano? — respondeu levianamente. Depois balançou a cabeça enquanto Tory pegava o telefone. — Eu não perderia meu tempo se fosse você.

— Tarde demais, *ma petite* — anunciou Simon com satisfação quando Colin Mathieson, o produtor executivo sênior, surgiu na porta da sala deles. Bateu de leve antes de entrar. Um desconhecido que devia ser o americano o seguia.

Ele não era nem um pouco o que Tory esperava. Ela estava preparada para um quarentão, bem vestido, que fizesse bronzamento artificial e que tivesse um olhar de caçador.

Era por isso que ela estava atônita. Bem, era o que dizia a si mesma depois. Na hora, ela só olhava fixamente. Alto. Muito alto. Mais de 1,80 m. Quase casual nas calças caqui, camisa com o colarinho desabotoado e sem gravata. Cabelos escuros, lisos e penteados para trás, um rosto longo e angular. Olhos de um azul surpreendente. Uma boca oblíqua por humor ou por cinismo. O homem mais bonito que Tory já vira em toda a vida.

O recém-chegado deparou com seu olhar e sorriu como se soubesse. Nenhuma dúvida de que isso acontecia a toda hora. Sendo um presente de Deus, ele estava acostumado a isso.

Colin Mathieson a apresentou:

— Tory Lloyd, assistente de produção — e ela se recuperou o suficiente para apertar a mão que se estendia em direção a ela. — Lucas Ryecart, o novo executivo da Eastwich.

— Tory trabalha conosco há aproximadamente um ano — continuou Colin. — E uma grande promessa. Participou do documentário sobre mães solteiras que você viu.

Lucas Ryecart assentiu e, soltando a mão de Tory, comentou:

— Programa bem produzido, senhorita Lloyd... ou é senhora?

— Senhorita — respondeu Colin por ela. O americano sorriu com a confirmação.

— Embora um pouco discutível em seu propósito.

Tory levou um instante para perceber que ele ainda estava falando sobre o documentário e por fim destacou:

— E um assunto controverso.

Lucas Ryecart olhou surpreso mas não desconcertado.

— E verdade, e o ponto de vista era quase complacente.

— Não adotamos nenhum viés. — Tory permaneceu na defensiva.

— E claro que não — ele pareceu acalmá-la, e acrescentou: — Você apenas deu às mães o discurso livre e deixou que elas se condenassem.

Tory sugeriu a Alex que ele suavizasse o tom das entrevistas. Mas Alex estava mais preocupado com seus problemas pessoais. Lucas Ryecart captou sua expressão meditativa e prosseguiu:

— Nos documentários para televisão é sempre difícil julgar qual é o limite. Entreviste o assassino em série, e você estará explicando ou glorificando seus crimes? Entreviste as famílias das vítimas e você estará restabelecendo o equilíbrio ou simplesmente levando à televisão o luto das pessoas?

— Eu me recusaria a fazer qualquer uma dessas coisas — Tory respondeu sem hesitar.

— É mesmo? — Ele olhou como se agora a estivesse avaliando como um problema.

Foi Simon quem veio salvá-la, embora não intencionalmente.

— Eu não. Eu faria qualquer coisa por uma boa história.

Os olhos de Ryecart passaram de Tory para Simon e Colin Mathieson os apresentou.

— Este é Simon Dixon. O número dois de Alex.

— Simon. — O americano fez um gesto com a cabeça.

— Sr. Ryecart — sorriu Simon presunçosamente. — Ou deseja que nós o chamemos de Lucas? Sendo americano, você deve achar a formalidade inglesa muito antiquada.

Tory tinha de reconhecer, Simon era corajoso. Lucas Ryecart, entretanto, mal piscou quando respondeu tranqüilamente:

— Por ora, Sr. Ryecart.

— Bem, você é o chefe — murmurou Simon, ficando vermelho.

— Exato — concordou Ryecart sem prolongar a questão. Deu um sorriso e estendeu a mão a Simon num gesto conciliador. Simon, o puxa-saco, aceitou os dois.

— Vocês sabem onde podemos encontrar Alex? — perguntou Colin.

— Ele nunca está — murmurou Simon em um tom baixo mas audível.

Tory disparou um olhar silenciador para ele antes de dizer:

— Acho que ele está verificando locações para um programa.

— Aquele sobre decisão de tutelas? — indagou Colin. — Achava que nós o havíamos abandonado.

Tory manteve as mentiras vagas.

— E algo ainda em estágio de conceituação, sobre... — Ela fez uma pausa para inspirar-se e ficou ruborizada quando sentiu os olhos do americano sobre ela mais uma vez.

— Alcoolismo e seus efeitos no desempenho profissional — ajudou Simon.

Ela não ficara grata. Compreendeu que isso significava uma referência ordinária ao problema de Alex com as bebidas.

O olhar de Lucas Ryecart se dirigiu ao sorriso debochado de Simon, e voltou para ela. Ele percebeu sua raiva, mas absteve-se de comentar.

— Bem, peça a Alex para me ligar quando chegar. — Colin seguiu em direção à porta para continuar a apresentação guiada.

— Já nos encontramos antes? — perguntou Ryecart. Onde poderiam ter se encontrado?

— Não, acho que não — respondeu. Mesmo sem estar convencido, deu de ombros.

— Provavelmente, não. Tenho certeza de que me lembraria de você. Ele deu um sorriso eletrizante para ela. A palavra lindo não era suficiente para caracterizá-lo.

O coração de Tory deu um salto estranho.

Ele sorriu outra vez, e foi embora em seguida.

Tory respirou fundo e sentou-se novamente em sua cadeira. Homens como esse deveriam carregar um aviso do Ministério da Saúde.

— Notícia boa para você, queridinha.

— O quê? — Tory parecia não entender.

— Ora essa, querida... — Simon achou que ela estava se fazendo de desentendida. — Você e o chefão. Ele mexeu com você.

— Você está sendo ridículo! — disparou ela.

— Estou? — Simon deu-lhe um sorriso debochado. — Estou falando sobre olhares demorados. Acho que a Donzela de Gelo derreteu.

Tory cerrou os dentes e se limitou a encará-lo. Ela ainda podia recordar o olhar que deu ao americano.

— Bem, quem pode culpar você? — prosseguiu Simon. — Ele tem pelo menos uma qualidade irresistível: é rico. Absurdamente rico.

— Cale a boca, Simon — interrompeu ela. — Mesmo que eu estivesse interessada no dinheiro dele, definitivamente ele não é meu tipo.

— Se você está dizendo... — Ele não ficou convencido. — É melhor. Dizem que ele ainda está de luto por sua esposa.

— Esposa? — a voz dela ecoou. — Ele é casado?

— Era — ele a corrigiu. — A esposa morreu em um acidente de carro há alguns anos. Colidiu com um caminhão de combustível. Aparentemente, estava grávida na ocasião.

Os detalhes acertaram Tory em cheio, e seu estômago se revirou. Não, não poderia ser. Ou poderia?

Lucas podia virar Luc. Era americano. Trabalhava nos meios de comunicação, embora em uma área completamente diferente.

— Ele já foi correspondente estrangeiro?

Ela desejou que Simon achasse a idéia ridícula. Em vez disso, ele a olhou surpreso.

— Na verdade, foi sim, minhas fontes me disseram que trabalhou para a Reuters no Oriente Médio alguns anos antes de se casar com o dinheiro.

Os Wainwright. Tory sabia, embora mal pudesse acreditar. Ele fora casado com Jessica Wainwright. Ela sabia disso porque quase se casou com um membro da mesma família. Como não o reconheceu imediatamente? Ela havia visto uma fotografia. Jessica radiante de branco casando-se com seu belo repórter de guerra. Naturalmente,

tinha sido tirada havia mais de uma década.

— Então, você o conhece de algum lugar? — perguntou Simon, curioso.

Contar a Simon seria como contar a todo o mundo.

— Eu me lembro de ter lido sobre ele em uma revista. — Esperou poder encerrar o assunto.

* * *

— Aonde você vai? — perguntou ele, vendo-a pegar sua bolsa e casaco.

— Almoçar — disparou ela.

— Ainda não é meio-dia — enfatizou ele, sendo de repente o empregado modelo.

— Ou saio ou mato você — retrucou Tory num tom sombrio.

— Nesse caso — Simon quis parecer arrependido —, *bon appetit!* Sua raiva diminuiu um pouco, mas mesmo assim ela precisava de ar fresco e de ficar sozinha. Foi em direção às escadas dos fundos, esperando não encontrar ninguém. A maioria das pessoas usava o elevador.

Descendo as escadas de dois em dois degraus, ela chocou-se direto contra um indivíduo que estava imóvel no andar térreo. Deu um salto para trás, olhou para cima e viu Lucas Ryecart. O rosto do americano revelou um sorriso, transformando linhas marcantes em um charme inegável.

— Nós nos encontramos outra vez, Tory, não é?

— Eu, eu... sim. — Mais uma vez Tory se limitou à linguagem monossilábica.

— Está tudo bem? — Ele percebeu sua agitação. Ela parecia um coelhinho nervoso na mira de faróis.

Ela reuniu suas sagacidades, rapidamente.

— Sim. Tudo bem. Só estou indo... ao dentista — mentiu ela desnecessariamente. — Estarei de volta mais tarde — acrescentou, sentindo-se uma colegial levada.

— Não é necessário — dispensou-a Lucas Ryecart. — Estou certo de que Colin não se importará se você tirar o resto do dia de folga.

Ele disse isto quando Colin Mathieson apareceu na escada, segurando uma pasta.

— Tory tem de ir ao dentista. — O americano fez uma cena ao consultá-lo. — Você acha que nós conseguiríamos nos virar sem ela esta tarde?

Lucas Ryecart tomava as decisões agora.

— Certamente, se ela não está bem — concedeu Colin, mas não ficou satisfeito. Havia prazos a serem cumpridos, e Alex raramente aparecia por lá estes dias para se encontrarem.

— Estarei aqui amanhã — garantiu ela. Colin lhe deu um grato sorriso.

— Tory é uma verdadeira *workaholic* — reconheceu ele, notando o franzir entre as sobrancelhas escuras de Lucas Ryecart.

— Bem, melhor do que a outra variedade, eu suponho. — Os olhos do americano se fixaram em Tory. Ele tinha uma maneira muito direta e intensa de olhar as pessoas.

Tory sentiu-se enrubescer outra vez. Ele poderia saber por que estavam acobertando Alex?

— Eu tenho que ir. — Não esperou permissão e pôs-se a andar, descendo rapidamente as escadas para sair pela fachada de vidro imponente da Eastwich.

Foi direto para seu apartamento. Optara por alugar, pois qualquer mudança na carreira implicaria uma mudança de endereço. Isso talvez acontecesse mais rápido do que o esperado agora que um Lucas Ryecart tinha chegado em Eastwich.

Tory pegou um álbum de fotografias antigas e encontrou uma de cinco anos atrás. Sentiu um alívio, certa de que mudara o bastante para não ser reconhecida. Seu rosto estava mais magro, os cabelos mais curtos, e a maquiagem consideravelmente mais sofisticada. Não era mais aquela garota sonhadora que achava que era apaixonada por Charlie Wainwright.

E ainda com um nome diferente — Charlie sempre preferia Victoria ou Vicki, ao contrário de Tory, como os amigos a chamavam —, não se surpreendia por Lucas Ryecart não ter ligado uma coisa à outra. Provavelmente ele só a vira em uma foto, deixando a mais vaga das

lembranças, e tudo o que soubera era sobre uma garota chamada Vicki que estava na faculdade com Charlie. Ninguém especial. Uma garota legal qualquer.

Poderia imaginar a elegante mãe de Charlie usando aquelas mesmas palavras. Vicki provavelmente passou por uma mudança de personalidade, indo de uma garota qualquer a uma garota comum, e de legal a nem um pouco legal. E o que pensar da garota partiu o coração de seu filho?

Foi o que Charlie divulgou na época. Esqueça o fato de que foi ele que terminou o noivado.

Pegou outra fotografia, do rosto lindo de Charlie, com feições de menino. Não sabia por que a tinha guardado. Se ela o havia amado, certamente não o amava mais. Não restou nem mesmo a dor.

A vida seguiu em frente. Charlie tinha a família que sempre quisera e ela a sua carreira e os seus relacionamentos ocasionais onde era ela que detinha o controle.

Bem, em condições normais. Onde estava esse controle quando conheceu Lucas Ryecart naquela manhã? Escondido em algum lugar dentro dela.

Tinha sido como um aroma que atingia direto os sentidos. Por alguns instantes, quase não conseguiu dominá-lo, como se estivesse se afogando e tivesse se esquecido de como nadar.

É claro que ela voltou a si rapidamente quando ele começou a falar. Ficou indignada com sua crítica a respeito do documentário sobre mães solteiras. Ele nem se preocupou se estava sendo justo, e com o fato de que havia comprado a Eastwich, e junto com isso, se tinha o direito de expressar tais opiniões. Era só recordar o que ele tinha dito naquele tom arrastado profundamente americano e ela ficaria a salvo.

A pergunta vagava em sua cabeça. "A salvo de quê?"

Tory, entretanto, ignorou-a. Algumas coisas são melhores se deixadas de lado.

CAPITULO DOIS

Pela manhã, Tory havia afastado qualquer ameaça que Lucas Rye-cart representasse.

Ele podia estar apenas iniciando uma conversa quando perguntou a ela se já se conheciam. Mesmo que tivesse visto uma fotografia sua, ficaria apenas com a mais vaga impressão. E por que faria a ligação entre uma estudante chamada Vicki e sua funcionária Tory Lloyd? Ela não desconfiaria de Luc e Lucas, até Simon falar sobre o passado dele. E ninguém sabia realmente nada sobre ela em Eastwich.

Confiante, Tory foi para o trabalho casualmente vestida com uma camiseta branca e calças de algodão. Como era sábado, não havia telefonemas a atender e após uma hora ela já tinha visto suas correspondências mais importantes. Levou o resto para a conferência pessoal do chefe.

Ela não esperava encontrar Alex ali, num sábado. Imaginou **que ele** havia ido pôr seu próprio trabalho em dia.

Isto antes de notar sua aparência. Com uma barba de muitos dias e os olhos quase fechados de sono. Suas roupas estavam igualmente amarrotadas e uma colcha envolvia o que ele chamava de sofá do pensamento.

Aos trinta anos, Alex Simpson fora aclamado como um jovem e dinâmico produtor de televisão, destinado aos maiores prêmios. Recebera muitos. Agora, aos quarenta e poucos anos, ele se perdera em algum lugar pelo caminho.

— Isso não é o que parece. — Ele fez uma careta, mas era óbvio que estava aliviado por ser Tory. — É que o marido de Sue está de folga e não tive tempo para me acomodar.

— Não vai dizer nada, vai? — Ele sorriu de uma maneira um tanto infantil, já sabendo a resposta.

Ela garantiu sua lealdade. Não se interessava por Alex como muitas mulheres. Nem estava certa se gostava dele. Porém ele tinha um aspecto vulnerável que lhe despertava uma veia protetora.

— É melhor que não circule por aí assim — aconselhou ela com sinceridade.

— Suponho que não. — Alex fez outra cara. — Ouvi dizer **que o**

novo diretor executivo veio aqui ontem.

Tory assentiu.

— Disse que você estava fora pesquisando um programa.

— Eu estava, de certo modo — alegou ele pouco convincente. — Pena, eu o perdi.

Tory olhou para ele incrédula, mas absteve-se de demonstrar sua incredulidade, pois se Lucas Ryecart encontrasse Alex naquelas condições, ele poderia não estar na próxima folha de pagamento da Eastwich.

— Tory, eu estava pensando... — ele lhe lançou um olhar suplicante

— ...se eu podia ir para a sua casa. Só para me arrumar. E talvez dormir por uma ou duas horas.

— Não sei, Alex. Sabe como as pessoas falam por aqui, e se alguém vir você...

— Não verã — prometeu ele. — Serei um poço de discrição.

— Sim, mas... — Tory não teve a chance de terminar, antes que Alex sorrisse em gratidão a ela.

— Você é uma ótima garota. — Ele pulou de sua mesa com algo de seu velho entusiasmo. — Um banho, um pouco de descanso, e serei um novo homem.

— Está bem. — Tory já se arrependia enquanto dizia. — Tenho uma chave extra em minha mesa.

— Vai precisar do endereço. — Ela o escreveu em seu bloco de telefones. — Pode usar o telefone para encontrar um hotel ou algo do tipo.

— Generoso de sua parte, Tory, querida... — ele parecia arrependido — mas receio que os hotéis estejam fora de cogitação até o dia do pagamento. Meu crédito está zerado e o banco se recusa a aumentar o limite do meu cheque especial.

— O que vai fazer? Não pode continuar dormindo no escritório — Tory o advertiu.

— Não, você está certa. Não creio que você pudesse... — ele começou esperançoso, e então respondeu: — Não, esqueça. Encontrarei um lugar.

Ela tentou ser mais durona. Lembrou-se de que Alex ganhava

muitíssimo melhor do que ela para fazer muito menos. Era seu problema se ele não conseguia administrar seu dinheiro?

— Não se incomode. — Ele forçou um sorriso corajoso. — Me recuperarei em breve. Meu bônus anual da Eastwich será pago no próximo mês, isso se nosso colega americano não o cancelar.

Ou você mesmo o cancele, pensou Tory enquanto olhava Alex, através dos olhos de Lucas Ryecart. Ele era uma figura caótica, cujo passado glorioso tornara-se apenas história.

— Olhe, pode usar meu sofá — ofereceu Tory — até o pagamento.

— Querida Tory, você é uma salvadora de vidas. — Alex pensou em dar-lhe um abraço, mas ela o deteve.

— E vamos nos ater estritamente a uma política de "mantenha suas mãos longe" — acrescentou ela.

— É claro. — Alex se afastou dela. — Sem problema. Sei que não está interessada.

— Cinco dias. — Tory calculou quando seu próximo salário deveria aparecer na conta bancária.

— Certo. — Alex lhe deu outro sorriso agradecido e saiu.

— Alex — Tory o chamou da porta —, tente permanecer sóbrio, por favor.

Ele assentiu, então, reconhecendo que seu problema aumentava cada dia mais, e disse:

— Se eu não conseguir, arranjaré outro lugar. Certo?

— Certo. — Tory esperava que sua promessa fosse sincera. Ele não era um bêbado violento, mas mesmo assim ela não o queria em sua casa naquele estado.

Depois que Alex saiu, ela ficou imaginando a dimensão do erro que cometera. Ela sabia que essa atitude poderia tomar alguma proporção.

Tory retornou para seu trabalho, mas foi interrompida minutos depois. A porta se abriu e ela ergueu os olhos, esperando ver Alex novamente. Ficou emudecida ao ver aquele homem na soleira. Vestido com uma calça jeans preta, camisa branca e óculos escuros, ele continuava tão devastador quanto antes.

— Como está o dente? — perguntou ele.

— O dente? — repetiu ela estupidamente.

— Resolvido, mas não esquecido? — sugeriu ele. Tory compreendeu. Precisava adquirir uma memória melhor se fosse continuar a mentir para aquele homem.

— Está bem. — Ela garantiu. — Na verdade, havia esquecido dele.

— Bom. — Os olhos dele a analisaram, fazendo com que sentisse nua, a camiseta delineava demais seu corpo. — Não precisava ter vindo. Como costuma passar seus sábados?

— Isso varia. — Ela encolheu os ombros evasivamente, então baixou os olhos para seu trabalho.

Ele notou o gesto e mudou de assunto:

— Simpson já foi?

— Simpson? — Tory ficou paralisada.

— Alex Simpson. — Ele se inclinou no batente da porta, com olhos indecifráveis através das lentes escuras. — Pelo menos deduzi que fosse Simpson e não algum vagabundo que passava, agindo como se estivesse em casa.

— Alex estava aqui, sim — ela confirmou. — Ele veio pôr o trabalho em dia.

— Ele estava atualizando o sono quando o vi — retrucou Ryecart.

— Sério? — Tory fingiu estar surpresa. — Ele disse que havia chegado muito cedo. Talvez tenha cochilado sem perceber.

— Dormido para esquecer, é meu palpite — o americano falou arrastado, e, distanciando-se da porta, cruzou a sala para sentar na beira da mesa dela. Tirou os óculos e avaliou-a por um ou dois instantes antes de acrescentar. — Vocês dois são um casal? E isso?

— Um casal? — Tory levou um tempo para compreender.

— Você e Simon estão envolvidos emocionalmente? — Ele esclareceu.

— Não, é claro que não! — Tory negou com veemência.

— Não precisa fazer tempestade num copo d'água. Só estava perguntando. Ouvi falar que Simpson tem uma certa reputação com as mulheres — comentou ele, distanciando-se mais de Tory.

— E daí você concluiu que eu e ele... que nós somos... — Ela não desejava expressar aquilo em palavras.

Ele o fez por ela.

— Amantes?

Tory percebeu que estava ficando vermelha. Ele a analisou, como se ela fosse um espécime interessante, e seu rubor aumentou.

— Não acreditava que as mulheres ainda ficassem assim.

— Possivelmente não as mulheres que você conhece — rebateu Tory, antes que pudesse se controlar.

Ele entendeu o insulto. Poderia tê-la colocado no olho da rua por aquilo. Em vez disso, riu.

— É verdade — ele admitiu. — Costumo preferir as mais experientes. Menos controversas. Poucas expectativas. E poucas recriminações no fim... Ainda assim, quem sabe? Poderia me transformar.

E Papai Noel existe, pensou Tory, enquanto imaginava se ele estava flertando com ela ou apenas se divertindo.

— E você? — indagou ele com o mesmo sorriso preguiçoso.

— Eu? — perguntou ela. — Oh, eu prefiro o tipo invisível. Muito menos controversos. Nenhuma expectativa. E absolutamente sem recriminações.

— Você não namora?

— Eu não namoro — repetiu Tory, mas sem o tora de incredulidade dele — e tampouco preciso mudar.

Ele olhou, mais confuso do que perturbado, com olhos que duvidavam de sua seriedade.

— Isso é uma resposta direcionada — perguntou ele finalmente — ou uma declaração geral de propósito?

— O quê? — Tory franziu os olhos na direção dele.

— Está apenas me dizendo para passear — traduziu ele — ou todos os homens estão fora de cogitação?

Tory refletiu sobre o quanto gostaria de manter seu emprego. Apenas o suficiente para manter uma certa barreira, ela decidiu, então, não dizer nada. Seus olhos, no entanto, disseram muito mais,

— E comigo, acredito — concluiu ele com uma confiança mal entalhada. — Bem, não se preocupe. Posso viver na esperança.

Ele corrigiu a postura na beirada da mesa, dizendo:

— Tem alguma idéia de como posso contatar Simpson?

— Eu... não tenho certeza. — Tendo negado qualquer relacionamento com Alex, Tory não podia revelar o fato de ele estar hospedado em sua casa. — Eu poderia entregar uma mensagem a ele.

— Bom. Pedi a todos os chefes de departamento para me encontrarem às 9 da manhã de segunda-feira, para um relatório — ele explicou. — Seria prudente que Simon estivesse lá.

— Direi a ele... se encontrá-lo. — Ela se ofereceu, ansiosa para dispersar a idéia de que ela e Alex tivessem algo além de um relacionamento profissional.

— Bem, se não puder, não se preocupe — continuou ele. — É problema de Simpson se ele não pode deixar um número atualizado no banco de dados.

— Mas você o viu esta manhã.

— Então por que não o acordei? — Ele fez a pergunta que ela já esperava. — Vamos dizer que a manhã seguinte não seria o melhor momento para encontrar o novo chefe, não acha?

Tory considerou aquilo incrivelmente justo por parte do americano, dar a Alex a chance de se redimir. É claro, ele poderia preferir demiti-lo quando estivesse sóbrio.

— Alex é um ótimo produtor de televisão — declarou ela, lealmente.

— Ele venceu uma BAFTA há três anos.

— Simpson era um ótimo produtor — Lucas Ryecart a corrigiu — e, neste negócio, você só é tão bom quanto sua última atração. Simon deveria saber disso.

Ele também suspeitou de seus motivos.

— Por que está tão preocupada com Simpson? Se ele partisse, faria algum bem à sua carreira.

— Duvido. — A quem ele queria enganar? — Simon tem mais experiência do que eu.

Ele franziu a sobrancelha e só ligou uma coisa a outra quando a viu olhar para a outra mesa da sala.

— Mais disposto a promover sua própria causa, se bem me lembro. É ele a razão pela qual é leal a Simpson?

— Como?

— Não quer trabalhar para este tal de Simon?

Não, Tory certamente não queria, mas também não queria prejudicar Simon.

— Não é homofóbica, é? — supôs ante o silêncio desconfortável dela.

— O quê? — Tory foi surpreendida por sua franqueza.

— Homofóbica — ele repetiu. — Anti-homossexuais...

— Sei o que significa! — Tory interrompeu zangada e, não se importando com quem ele era, o informou: — Pode ser difícil para um americano entender, mas reticências não são sempre uma indicação de estupidez.

— Colonos arrogantes e ruidosos, você quer dizer. — Ele não tinha problemas em decifrar o insulto. Mas não estava aborrecido com ele.

— A preferência sexual de Simon é um assunto completamente indiferente para mim — declarou ela em tom rude.

— Se você está dizendo — respondeu ele, como se não acreditasse muito.

— Não sou homofóbica! — insistiu ela, furiosa. — Querer ou não trabalhar para Simon não tem relação com isso.

— Certo. — Ele acatou a observação e imediatamente perdeu o interesse por aquilo, enquanto olhava seu relógio, dizendo:

— Tenho de ir. Tenho uma reunião em Londres. Vou lhe dar meu número.

Ele pegou a esferográfica dela, rasgou um pedaço de papel de seu bloco, escreveu o nome e dois telefones.

— O de cima é meu celular — informou ele. — O outro é do Abbey Lodge. Estou lá por enquanto.

O Abbey Lodge era o mais exclusivo hotel da localidade, freqüentado por poderosos homens de negócios e celebridades a passeio.

— No caso de ter problemas para localizar Alex Simpson — ele explicou, evidentemente divertindo-se ante sua expressão desconfiada.

— E claro. — Quase havia arrancado o papel da mão dele.

— Ainda assim, se quiser me ligar, por qualquer outro motivo... — disse ele, maliciosamente — ...sinta-se à vontade. Tenho certeza de que podemos encontrar algo sobre o que conversar.

— Eu... — Tory não podia pensar em algo sensato a dizer. Havia sido tão presunçosa, que era constrangedor.

— Enquanto isso — o sorriso dele se tornou menos irônico —, é um belo dia. Por que não matar logo o trabalho?

— Tenho algumas coisas para terminar, — alegou ela, sensata.

— Bem, sabe o que eles dizem: só trabalho e nenhuma diversão... — citou ele erroneamente — feita por um produtor chato de televisão.

— Não sou eu quem está indo a Londres para uma reunião de negócios no sábado.

— Eu disse negócios? — Ele ergueu a sobrancelha negra. Tory franziu o rosto na direção dele. Ele disse, não disse? Ele balançou a cabeça, acrescentando:

— Não, isto é estritamente pessoal.

— Sinto muito. — Tory repudiou qualquer intenção de bisbilhotar. Mas ele continuou:

— De certa forma, isto envolve você. Vou jantar com a mulher que estava namorando até recentemente... um jantar de despedida — enfatizou ele.

Os olhos de Tory encontraram os dele brevemente, e então se desviaram mais uma vez. Não havia nada de sutil em seu interesse por ela.

— Isto não é realmente da minha conta, Sr. Ryecart — respondeu riu em um tom formal.

— Não agora, talvez — ele se levantou —, mas quem sabe o que o futuro pode nos reservar?

Ele lhe lançou outro sorriso. Dentes brancos perfeitos em um rosto bronzeado. Muito bonito.

— Não devo acreditar que nos encontraremos com muita frequência, Sr. Ryecart — disse de maneira contida —, tendo em vista seu **cargo** superior, mas tenho certeza de que me esforçarei para ser educada quando isso acontecer.

— Resumindo, está me dando um fora.

As unhas de Tory pressionaram a palma das mãos. O homem não tinha a mínima idéia das regras que regulavam uma conversa normal.

— Eu não disse isso — retrucou ela, por entre dentes cerrados. — Só estava mostrando que... que eu o respeitaria, e nada mais — resumiu com uma precisão comovente.

Tory sentiu um desejo curioso de esmurrá-lo. Fez um grande esforço para controlar-se, para lembrar-se de que ele era seu chefe.

Ele ergueu a mão pacificamente, sem dúvida tendo notado as intenções dela. Podia ser arrogante, mas não era estúpido.

— Quer saber, vamos concordar em dispensar essa adulação também — sugeriu ele e finalmente se dirigiu à porta.

O coração de Tory congelou. O que aquilo significava?

— Sr. Ryecart... — Ela o chamou.

Ele virou-se com uma expressão agora distante. Será que a havia dispensado também?

Ela não pretendia esperar para descobrir. Perguntou francamente:

— Devo procurar outro emprego?

— O quê? — Tal idéia estava obviamente fora de questão. Ele ponderou rapidamente antes de responder. — Se está me perguntando se a Eastwich vai sobreviver, ainda não sei. Não é segredo que esteja operando com prejuízo, mas não a teria comprado se não acreditasse que uma virada fosse possível.

Era uma resposta direta, prática, que fez Tory sentir-se tola. Imaginara que rejeitar Lucas Ryecart era uma ofensa digna de demissão, mas ele obviamente não pensava assim.

— Não foi isto que quis dizer, não é? — Ele adivinhou, diante de sua expressão transfigurada.

— Não — Tory admitiu relutantemente. — Pensei...

— Que eu a demitiria por não corresponder às minhas investidas — concluiu ele em tom aborrecido. — Meu Deus, faz um péssimo julgamento só de mim... ou a respeito de todos os homens?

Tory mordeu os lábios antes de responder:

— Eu, eu... se o julguei mal...

— E muito — ele confirmou. — Posso ser um americano ruidoso e arrogante e então você já me descartou como um...

— Não é verdade... — Tory tentou negar. Ele a ignorou.

— E posso até deixar o que há em minhas calças me comandar de

vez em quando — continuou grosseiramente —, mas não estou desesperado nem sou vingativo. Se deixar a Eastwich, não será por minha causa.

Tory queria que o chão a engolisse. Ela começou a dizer:

— Sinto muito, não deveria... — e ele a deixou falando sozinha.

Lucas Ryecart não era vingativo, mas era genioso. Ele saiu e bateu a porta violentamente.

Sentiu-se abalada e estúpida, e desejou ter ficado de boca calada.

Ele estava flertando com ela. Nada mais. Talvez flertasse com todas as mulheres simpáticas supondo que todas gostassem. Estava certo. A maioria gostaria.

Ela olhou pela janela, a tempo de vê-lo caminhar pelo estacionamento. Não se preocupou em ser vista. Já fora esquecida.

Tentou lembrar-se do que Charlie, seu ex-noivo, havia dito. Não falara muito sobre sua falecida irmã, mas tinha mencionado seu marido algumas vezes. Ele obviamente admirava aquele homem mais velho, que passara o início de sua carreira transmitindo notícias de lugares em crise pelo mundo inteiro. A mãe de Charlie também havia se referido a seu genro com certa afeição e Tory formou várias imagens: marido fiel, jornalista dedicado, ótimo ser humano.

Nenhuma se adequava ao Lucas Ryecart que conhecera, mas haviam se passado anos desde a morte de Jessica Wainwright e o tempo muda as pessoas. As condições dele haviam certamente mudado, visto que a Eastwich era apenas uma das companhias de televisão que lhe pertenciam. Também não era mais o tipo casadoiro. Sua franqueza era, indiscutivelmente, uma virtude, porém qualquer outra qualidade nobre passara despercebida para Tory.

Tory sentia como se estivesse agredindo a si mesma. Chutou então II lata de lixo e não se moveu para arrumar a bagunça que havia feito. Seguiu o conselho do americano e passou a tarde no Country Clube Anglicano, o ponto de encontro dos jovens profissionais. Durante duas horas, praticou windsurfe no lago artificial, uma habilidade que havia adquirido em seu primeiro feriado no exterior. Era sua principal maneira de relaxar.

Voltou mais tarde para seu apartamento. Estava vazio, para seu alívio. Supôs que Alex tivesse achado algum outro lugar para se hospedar.

No entanto, foi bruscamente acordada às duas da manhã pela campainha. Foi primeiro à janela da sacada e não ficou surpresa ao ver Alex apoiado contra o muro.

Desculpe, perdi minha chave — justificou-se ele, enquanto ela abria o portão e conduzia sua figura cambaleante para dentro.

— Oh, Alex, você prometeu. — Ela suspirou aborrecida e por um momento cogitou fechar a porta para ele.

— Não pude evitar — murmurou ele, pateticamente. — Eu a amo, a amo de verdade... Sabe disso, Tory?

— Sim, Alex. Agora, shh! — Tory o empurrou às pressas para dentro do saguão antes que acordasse os vizinhos.

— Não estou bêbado. — Ele exalava cheiro de uísque, enquanto ela o conduzia para dentro de seu apartamento. — Só tomei uma dose ou duas. Por culpa dela. A vagabunda. Telefonei, mas ela não me atendeu.

Tory suspirou, enquanto ele se esparramava no sofá. Não se moveria naquele momento. Devia tê-lo mandado embora.

— Por que ela não fala comigo? — ele suplicou com um ar magoado.

— Ela sabe que é a única que amei.

— Provavelmente o marido dela estava lá — comentou Tory em um tom cínico.

— Marido? — Ele desviou os olhos entreabertos em sua direção, então recobrou-se para reclamar com agressividade. — Eu sou o marido dela. Aos olhos de Deus e tudo mais. Na alegria e na tristeza. Na riqueza e na pobreza. Até que a morte ou a casa de penhores nos separe — concluiu ele com um soluço de auto-piedade.

— De quem está falando, Alex? — Tory finalmente perguntou.

— Rita, é claro. — Uma dúvida cruzou sua mente, e então ele começou a cantar. — Querida Rita, ninguém é melhor que você...

— Shh! — Tory o calou mais uma vez. — Vai acordar a vizinha.

— Não se incomode — anunciou Alex, desta vez como um garoto contrariado. — Todas as mulheres são desprezíveis... exceto você,

Tory — ele sorriu encantadoramente para ela.

— Achei que estivesse falando de Sue — comentou ela em um tom reprovador.

— Sue? — ele pareceu esquecê-la por um momento.

— Sue Baxter. Trabalha na Eastwich. O marido é da Marinha. A mulher com quem tem vivido nos últimos meses.

Bêbado como estava, Alex compreendeu a suposição.

— Acha que não amo Rita por que estive me divertindo com Sue? Mas eu a amo. Sue é apenas...

— Um passatempo? — sugeriu Tory sarcasticamente.

— Sim. Não. Você não entende — respondeu ele em uma sucessão rápida. — Homens não são como mulheres, Tory, tem de entender isso.

— Oh, eu entendo — Tory lhe assegurou, e antes que ele pudesse* justificar sua infidelidade com fundamentos biológicos, ela levantou¹ e pegou um cobertor e um travesseiro que havia separado mais cedo.

— É um educador nato, Alex — acrescentou ela, cobrindo-o sem cerimônia. — Levante a cabeça.

Ela encaixou o travesseiro.

— Você não é uma mulher, Tory — disse ele solenemente —, é uma amiga.

— Obrigada — murmurou ela ante esse elogio irônico. Não que se importasse muito.

— Boa noite, Alex.

— Boa noite, Tory — repetiu ele, já sossegado. Logo adormeceu. Tory perdeu o sono.

Após passar a tarde surfando e a noite fora, deveria estar suficientemente cansada para dormir durante um furacão, e ainda assim não conseguia, com Lucas Ryecart em seus pensamentos.

Alex havia lhe proporcionado uma distração temporária, mas tornara-se mais uma preocupação. Como poderia manter Alex sóbrio no dia seguinte para que pudesse estar apresentável para o encontro com Ryecart na segunda?

Tentou dizer a si mesma que não era problema seu. E realmente não

era. Afinal, o que devia a Alex? Ele lhe dera uma chance, contraindo-a como assistente de produção quando tinha pouca experiência, mas ela certamente o havia recompensado. Seria muito mais sábio deixar que Alex se cuidasse sozinho. Talvez ele pudesse até mesmo se entender com o americano. Era um homem inteligente, articulado, com um diploma de Cambridge e vinte anos de experiência na Indústria da televisão.

E Lucas Ryecart, quem era ele?

Ele era o homem que usaria Alex para limpar o chão, era aquele cuja imagem perambulava por sua mente pela segunda noite seguida.

CAPÍTULO TRÊS

Tory acordou com um tremendo mau humor e não se sentiu muito melhor após o banho. Vestida com um jeans e uma camiseta, foi à sala de estar acordar Alex. Queria que ele partisse o mais rápido possível.

Só que ele ainda não acordara. Com os braços agarrados a uma almofada e as pernas penduradas pelo sofá, ele jazia balbuciando em seu sono. Estava um caco, e seu cheiro era terrível, mistura de bebida e cigarro. Nunca o achara atraente, mas naquela manhã estava repelente. Sem chance de se organizar e recuperar-se até segunda.

Estava certa. Quando ela o acordou com um café forte, estava cheio de remorso.

Esquecera sua promessa de não aparecer bêbado no apartamento dela. Aparentemente, bebeu um uísque para tomar coragem antes de telefonar para sua esposa em Edimburgo, e ela bateu o telefone em sua cara.

— Então, a culpa fora basicamente de Rita — concluiu Tory em tom cético, decidindo que uma abordagem simpática não ajudaria.

Ele pareceu um pouco envergonhado.

— Não disse isso exatamente.

— Só porque — Tory murmurou em resposta — não encontrei

muitas candidatas à santidade, mas sua esposa deve ser uma delas. Ele pareceu abalado, mas não argumentou.

— Está certa, não a tratei muito bem, não é? Tory ergueu as sobrancelhas.

— Está bem, eu admito — ele gemeu. — Fui infiel a ela algumas vezes, mas não significou nada. É Rita quem amo. Após vinte anos juntos, ela deveria saber disso.

— Vinte anos? — Tory não imaginava que Alex tivesse um casamento tão longo.

— Nos conhecemos na faculdade. Ela era tão inteligente, divertida e companheira. Não funciono sem Rita — protestou ele, desesperado.

— Então deveria tentar reconquistá-la — aconselhou Tory. — Faça isso ou reaja, Alex, antes que tudo se perca.

— Já perdi tudo — disse ele.

Tory resistiu ao ímpeto de sacudi-lo.

— Tem um emprego bem remunerado, faz algo que costumava adorar. Fique assim por mais uma semana e talvez o emprego lhe dê adeus também.

Alex pareceu chocado e tentou suavizar:

— Claro, perdi alguns prazos e faltei a uma ou duas reuniões. Mas Colin compreende. Ele sabe que logo entrarei na linha de novo.

— Esqueceu o americano.

— Rycart. — Alex deu de ombros ao ouvir o nome. — Só deve se interessar pelos negócios.

— Acho que não. — Tory decidiu que Alex precisava de um contato com a realidade. — Há algo que deve saber. Ele o viu ontem pela manhã, largado no sofá do escritório.

— Droga — Alex praguejou em voz alta. — Talvez tenha pensado que trabalhei durante toda a noite — disse ele com esperança.

Tory sacudiu a cabeça novamente.

— Esse cara não é nenhum idiota, Alex. Quer vê-lo na primeira hora de segunda-feira.

— Bem, não é civilizado da parte dele — zombou Alex —, não acordar um homem adormecido e fazer-me suar até segunda de manhã para me demitir?

Aquela possibilidade já havia ocorrido a Tory também, mas ela não disse nada.

— Terá de fazer um esforço para impressioná-lo na segunda, Alex.,

— De que adianta? — Ele fez uma pergunta retórica. — Para que ir até lá e dar-lhe o prazer de me demitir?

— Oh, pelo amor de Deus, Alex! — Ela perdeu a paciência. — Pare de agir como um perdedor!

— Sinto muito, não devia ter dito isso — desculpou-se Tory ao perceber que a expressão dele desabava, expondo toda a sua vulnerabilidade.

— Não, está tudo bem. — Ele a olhou com admiração, e Tory sentiu seu coração empedrar. Não precisava que Alex transferisse sua dependência emocional para ela.

— Bom, é com você. Não lhe direi o que fazer. — Levantou abruptamente para recolher as xícaras de café e levá-las para a pequena cozinha adjacente.

Ele a seguiu e ficou observando-a, enquanto enxaguava a louça na pia.

— Eu poderia preparar uma seleção de documentários para propor a produção nos próximos meses.

— Que documentários? Ele encolheu os ombros:

— Tenho certeza de que poderíamos pensar em algo.

— Nós? — repetiu ela.

— Pensei, bem, você poderia...

— Desistir do meu único dia de folga?

— Bom, se tiver planos... — Ele acreditava piamente que ela não tinha.

— Também acha que minha vida é um tédio, não é? — acusou ela, quase apagando a estampa do pires que enxugava. — A velha e boa Tory, sem nada melhor para fazer no fim de semana.

— Não, é claro que não. — Recuou Alex rapidamente, percebendo que havia tocado em uma ferida aberta.

— Só sei que trabalharei melhor tendo você como guia para meus atos — Alex acrescentou.

Tory sabia que ele não faria nada se não o ajudasse. Ela cedeu.

— Vá tomar banho, farei um café e então começaremos.

— Tory, você é uma grande companheira.

Tory ouviu a água correndo abruptamente em seguida, além de Alex cantando. Os homens eram inacreditáveis. Em um momento, estava confessando amor eterno pela esposa e a destruição diante de sua perda, e no outro, cantava uma seleção dos vinte sucessos dos anos setenta.

Tudo na psique masculina era mantido em pequenos cubículos separados.

Tory fora a única filha de Maura. Deu à luz aos dezoito anos. O pai de Tory era um conferencista de arte, casado. Pelo menos esta era uma das histórias que Maura lhe contara.

De qualquer maneira, Maura havia decidido criá-la. Não muito bem, pois Tory passara sua infância em um vaivém entre os avós gentis e modestos, que viviam em um trailer no subúrbio, e os vários apartamentos em que sua mãe viveu, com vários homens.

Amava sua mãe, mas preferia morar com seus avós. Ao ficar doente quando criança, vovó Jean foi quem a levou para a quimioterapia e segurou sua mão, prometendo que seus lindos cachos cresceriam novamente.

A leucemia de sua infância era agora uma lembrança distante, ainda que, em certos aspectos, moldasse sua vida. Ela acreditava que tudo na infância influenciava o destino.

Olhou em volta de sua cozinha, tudo em seu lugar e com um lugar para tudo. Influência de seus avós.

Não havia nenhum sinal visível de sua mãe, mas Tory sabia que carregava alguns dentro de si.

— Tory? — Uma voz interrompeu seus pensamentos. — Você está bem?

— Claro. Fiz café. — Ela carregou uma bandeja com um bule e canecas e um prato de *croissants*.

Alex a seguiu e, após um começo lento, eles começaram a ter algumas idéias para programas futuros.

Trabalharam o dia todo, com apenas uma breve parada para um sanduíche, e quando Alex se dedicava à atividade, o profissional

premiado ressurgia. Tory lembrou-se por que quis trabalhar com ele. Quando não estava enterrado na cama ou arrastando-se pelos bares, Alex era um produtor extremamente talentoso.

Por fim, eles pensaram em quatro propostas concretas e traçaram um esboço promissor de outra. Alex sentou-se, parecendo satisfeito consigo mesmo, tanto quanto podia, enquanto Tory se satisfazia pensando na reação de Lucas Ryecart.

— Onde é o restaurante de comida para viagem mais próximo? — perguntou Alex.

— Há um chinês, a duas ruas de distância — respondeu ela. — Tenho um cardápio aqui. Podemos telefonar para pedir, então irei buscá-lo.

Ela seguiu a pé e voltou apressada, para que a comida não esfriasse. Não reparou em quem vinha atravessando para segui-la pelos degraus de sua porta da frente.

— Eu faço isso — ofereceu ele, na hora em que ela punha a refeição no degrau para que pudesse usar a chave.

Tory reconheceu imediatamente a voz e virou-se. Lucas recuou, diante do olhar alarmado.

— Desculpe se a assustei. Tory sentiu-se confusa. Ele tinha seu endereço. Ele possuía sua ficha. Possuía a Eastwich.

Só não a possuía, Tory lembrou a si mesma.

— Queria falar com você — prosseguiu ele. — Decidi que seria melhor fora do horário de trabalho... Posso entrar?

— Eu... não! — Tory estava apavorada com a idéia. Não queria que ninguém, especialmente ele, descobrisse que Alex estava usando seu apartamento como base.

— Tem companhia? — concluiu ele.

— O que o faz pensar isso? — Seu tom de voz negou a hipótese.

Ele olhou para as sacolas plásticas, de onde o cheiro da comida emanava.

— Bem, se não é isso, tem um apetite muito voraz. Sherlock Holmes vive, pensou irritada e mentiu quase contente:

— Estou recebendo uma amiga para o chá.

— E eu estou me intrometendo. — Ele deduziu. — Mas não vou

demorar. Só queria pedir desculpas.

— Desculpas? Pelo quê?

— Ontem de manhã. Eu estava fora de controle. Hora errada, lugar errado, e fui muito apressado.

Tory não sabia como reagir. Parecia um pedido sincero de desculpas.

— Eu, eu... isto não é realmente necessário — respondeu ela, finalmente. — Nós dois dissemos coisas. Só gostaria de esquecer todo o incidente.

— Ótimo. Vamos esquecer o assunto. — Ele ofereceu-lhe a mão.

— Certo. — Tory a apertou com uma certa reserva.

Seu aperto de mão era firme e a fez estremecer, como se seu toque fosse elétrico. O calor se espalhou por seu corpo como um fogo lento.

Um tanto alarmante ficar excitada com um aperto de mão. Até mesmo o pensamento causou-lhe um rubor na face.

Ele percebeu isto e sorriu. Será que sabia?

— Você é muito jovem — disse ele, repentinamente. Ela sacudiu a cabeça.

— Tenho vinte e seis.

— É jovem. — Ele sorriu sem escárnio. — Tenho quarenta e um. Os olhos de Tory se arregalaram, denunciando sua surpresa. Não aparentava.

— Muito velho, eu reconheço — acrescentou ele, sacudindo a cabeça.

— Para quê? — perguntou Tory, um tanto inocente.

— Para garotas jovens o suficiente para serem minhas filhas — concluiu, rindo de si mesmo na hora.

Não, você não é. Tory quase disse as palavras. Mas por quê, se queria livrar-se dele? Não queria?

— Colin Mathieson me disse que tinha trinta e poucos — ele recordou-se em seguida.

Tory sentiu uma pontada no coração. Colin acreditava que tivesse mais de trinta.

— Talvez ele estivesse pensando em outra pessoa — sugeriu Tory

debilmente.

— Talvez — repetiu ele. — De qualquer modo, se soubesse sua idade real, não a teria convidado para sair.

— Não teria — ela frisou.

— Não? — ele arqueou a sobrancelha, antes de admitir. — Bem, teria sido minha estratégia. Creio que não me prenderia a isso.

— Foi Colin quem me deu seu endereço — continuou ele. — Disse a ele que queria lhe falar sobre Simpson. — Alex? Por um momento Tory havia esquecido de Alex.

Ela podia contar ao americano, é claro. Mas importava se ele tivesse uma conclusão errada sobre a presença de Alex ali?

Tory acreditava que sim, então não disse nada.

— Conseguiu localizá-lo, por falar nisso? — indagou Lucas diretamente.

— Ele está ansioso para encontrá-lo — inventou ela. — Acho que tem alguns projetos prontos e quer discuti-los com você.

Lucas Rycart pareceu levemente surpreso, mas não contestou.

— Bom — ele começou a falar —, creio que seja melhor deixá-la fazer sua refeição... — Ao mesmo tempo que a porta abria-se atrás de Tory.

Quando ela se virou, seu coração pesou como chumbo. Alex segurava seu casaco, obviamente pronto para sair. Ao vê-la, seu rosto nublou-se de culpa.

Tory foi rápida para compreender aonde ele iria. Cansado de esperar pela refeição, sairia para procurar bebida.

— Aí está você. — Alex se recuperou depressa. — Fiquei com medo que se perdesse e ia sair para procurá-la.

— Não, eu... — Ela olhou para os dois homens, mas não fez nenhum esforço para apresentá-los.

Lucas Rycart, é claro, sabia exatamente quem era Alex. Olhou **para** Alex, e então para Tory, mantendo os olhos fixos nela. Gélidos **de raiva**.

— Desculpe — Alex percebeu a súbita queda na temperatura. — Vejo que estou atrapalhando. Quer que eu suma por uma ou duas horas? Quer que deixe o apartamento livre?

— Não faça isso, Alex. — Havia passado o dia todo com a mente voltada apara o trabalho. Não lhe daria a chance de se ausentar.

Era a resposta errada na opinião de Lucas Ryecart.

— Não, não faça isso Alex — ele imitou seu tom de voz ansioso. - A Srta. Lloyd e eu já acabamos qualquer assunto entre nós. Tendo dito isto, virou-se e partiu. — Droga! — Tory praguejou frustrada.

Alex, percebendo o sotaque americano, começou:

— Aquele era...?

— Sim! — Tory confirmou e, tropeçando na comida chinesa, pegou as sacolas e empurrou-as para Alex. — Leve para dentro!

Em seguida, desceu os degraus e atravessou a rua a tempo de pegar Lucas Ryecart abrindo a porta de seu Range Rover.

— Espere, por favor — pediu ela, antes que ele pudesse colocar-se diante do volante.

— Certo, estou esperando. — Ele cruzou os braços vigorosos sobre o peito largo.

Tory notou a tensão e a raiva sob o gesto aparentemente casual.

— Eu... só queria esclarecer qualquer possível mal-entendido. Sobre a presença de Alex aqui, quero dizer. Sabe... não é...

— O que parece? — Ele interrompeu suas divagações com a sobrancelha erguida de modo zombeteiro.

— Sim — confirmou ela. — Quero dizer, não, não é...

— Então aquele não era Alex Simpson — falou ele num tom arrastado — e você não ia dividir o jantar com ele, e ele não está realmente hospedado em seu apartamento e você não mentiu para mim sobre o envolvimento de vocês.

— Isso não vem ao caso — murmurou ela para si mesma e teria partido se aquela mão não a tivesse agarrado para ficar lá.

Ela tentou soltar o braço e tentou empurrá-lo. Mas ele era muito rápido para ela. Agarrou seus pulsos e arrastou-a, até encostá-la de costas para o carro.

Ryecart o fizera com um mínimo de força. Seu orgulho era o único ferido.

— Me deixe ir!

— Certo. — Ele a soltou, mas permaneceu tão próximo que ainda a

mantinha presa, e perguntou:

— A mulher de Simpson pediu o divórcio?

— Sim, possivelmente. Por quê?

— Bem, isto explica a necessidade do sigilo — concluiu ele —, se não a atração.

Os olhos dele se estreitaram com desprezo, e Tory se descobriu colérica:

— Você não sabe de nada!

— Está certa, eu não sei — concordou do mesmo modo. — Não sei por que uma mulher jovem, bonita e inteligente perderia seu tempo com um derrotado decadente com mulher, dois filhos e o hábito de beber... Talvez pudesse me esclarecer?

— Alex não é um derrotado! — protestou Tory, irada, lembrando-se dos esquemas dos programas que haviam preparado para mostrar àquele homem. Algumas das idéias deles eram muito boas. Tudo parecia inútil agora. — E ele não tem problemas com bebidas.

Ele lhe lançou um olhar de piedade.

— Quem disse que o amor não é cego? Ela lhe devolveu um olhar furioso.

— Não estou apaixonada por Alex Simpson! Nem mesmo acredito em amor!

— Então, não ama Alex Simpson — refletiu ele em voz alta. — Não ama ninguém. Gostaria de saber o que a faz levantar de manhã, Tory Lloyd?

— Meu trabalho — respondeu ela tanto literal quanto figurativamente. — É o que importa para mim. É tudo o que importa para mim.

Ele inclinou-se na direção dela para dizer em voz baixa:

— Se isso é verdade, Simpson deve ser um tremendo fracasso na cama.

Tory reagiu com uma incredulidade pasma:

— Tem que ser tão...?

— Preciso?

— Grosseiro?

— Não posso evitar — alegou ele. — Sou americano, afinal de

contas.

O tom dele era sério, mas ria por dentro.

— É disso que gosta em Simpson? Ele é convenientemente refinado?

— Mais do que você, de qualquer modo.

A esta altura, Tory havia desistido de se preocupar com a segurança de seu emprego. E Lucas Ryecart havia abandonado qualquer esforço para ser um patrão justo e sensato.

— Não vou discutir sobre isso. — Ele ignorou qualquer insulto e completou. — Mas pelo menos tenho uma noção básica de moralidade.

— Sério? — Tory desdenhou.

— Sim, sério — repetiu ele. — Se eu fosse casado, não dispensaria minha esposa e meus filhos só porque um modelo mais novo e bonito surgiu...

— Não foi assim que aconteceu — Tory quase lhe deu um tapa. — E quem sabe o que você faria? Não é casado, é?

— Não atualmente, mas já fui. — Seu rosto nublou-se brevemente. Ela havia esquecido momentaneamente a ligação dele com Jéssica Wainwright.

— E quando fui casado, era fiel — acrescentou calmamente. Tory acreditava nele. Não havia enganado Jéssica porque a adorava.

— Sr. Ryecart — respondeu ela, por fim. — Não creio que isso seja da minha conta.

— Será, Srta. Lloyd. — Ele zombou da formalidade dela. — No dia em que a roubar de Simpson.

— O quê?

— Eu disse...

— Eu ouvi! — Só não acreditava naquilo. Era uma piada? Os olhos azuis dele lhe diziam que não era brincadeira.

— Finalmente decidi que estou interessado — afirmou ele, impassível.

Poderiam estar fazendo negócios. Ela deveria ser sua última aquisição.

— Achei que fosse muito velho para mim — Tory o lembrou oportunamente.

— Disse isso sim — concordou ele secamente. — Mas como você já está vivendo com alguém de idade avançada, obviamente não compartilha minha opinião.

— Não estou vivendo com Alex — ela ferveu com a negativa.

— São somente bons amigos, certo? — Ele lançou-lhe um olhar incrédulo.

Tory queria agredi-lo. Nunca havia sentido uma vontade tão violenta antes.

— Ah, pense o que quiser! — retrucou ela, finalmente. — Só não desconte em Alex.

— O que significa? — As sobrancelhas castanho-escuras se ergueram.

— Que você pode se interessar por mim... — continuou ela com raiva.

Uma gargalhada debochada a interrompeu.

— Adoro a sutileza britânica. Não só me interessa por você, Srta. Lloyd. Eu a quero. Desejo você. Gostaria de...

— Certo, já entendi — ela o interrompeu. — Mas isso não é minha culpa ou de Alex. Não o encorajei. Se isso afeta nossas posições na Eastwich...

— Vai me denunciar por assédio sexual? — O olhar dele se tornou mais duro.

Ele estava colocando palavras em sua boca.

— Eu não disse isso.

— Bom, porque eu já havia lhe dito antes — resmungou de volta.

— Sou completamente capaz de separar minha vida privada e meu cargo. Se eu decidisse demitir Simpson, não seria pelo fato de ele estar atualmente dormindo em sua cama.

— Ele não está! — Tory protestou mais uma vez, apenas para notar um sorriso cínico, que a fez perder finalmente a paciência. — Para o inferno com isso! Você está certo, é claro. Alex e eu somos amantes. Na verdade, somos como coelhos. Dia e noite.

Isto o calou, porém logo em seguida ele questionou:

— Quem está sendo grosseiro agora?

— Chama-se ironia — rebateu ela.

— Tudo bem, então você e Simpson não são amantes... — ele deduziu em voz alta.

— Deixe-o em paz — murmurou ela sem fôlego. Ele a ignorou, concluindo:

— Prove!

— E como supõe que eu faria isso? Instalando uma câmera de vigilância em meu quarto?

— Isso dificilmente provaria algo — respondeu ele serenamente.

— Alguns casais raramente fazem isso no quarto. Prefiro sexo a céu aberto. E você?

Ela fechou os olhos para reprimir a imagem e ouviu sua fala suave prosseguindo:

— Um encontro é o bastante, inicialmente. Os olhos de Tory reabriram.

— Um encontro? Está me convidando para sair? — Esta era a idéia principal — ele confirmou.

— Para provar que não estou tendo um caso com Alex? — Seu tom de voz demonstrava o quanto ela achava aquilo absurdo.

— Se você fosse minha mulher, não deixaria que outro homem se aproximasse muito.

— Alex não é assim — disse ela com desdém. — Ele é muito civilizado.

— Verdade. — Ele olhou para o outro lado da rua, na direção de sua janela.

Tory seguiu seu olhar a tempo de ver Alex fechando a cortina. Ele os estivera observando. Pouco surpreendente.

— Ele está curioso, só isso — explicou ela. — Ele percebeu quem você era. Não é nada pessoal.

— Aposto que sim — debochou ele em resposta.

— É verdade! — insistiu.

— Ok, então é verdade — repetiu ele, provocando-a. — Nesse caso, ele não se importará se eu fizer isso.

O americano se aproximou e a beijou antes que ela pudesse impedi-lo. Seus lábios tocaram os dela com uma intimidade efêmera, e ela foi deixada com a sensação da marca em sua boca.

— Eu... — gaguejou ela com os olhos arregalados. — Você não devia...

— Não, eu não devia. Mas agora eu já fiz...

Agora que tinha feito, ele a beijaria de novo. Os olhos dele diziam aquilo.

Tory teve tempo para protestar, mas estava totalmente impotente, com os olhos fechados, os lábios abertos, deixando-o invadi-la.

A paixão os incendiou tão rápido que os pegou de surpresa. Ela sabia que aquilo era loucura, mas não parecia se importar. Ele puxou o corpo dela contra o seu. Caíram contra a lateral do carro e esqueceram onde estavam.

As mãos dele corriam pela sua pele e envolviam seus seios firmes e pequenos. Ela gemeu em sua boca e não o deteve. Queria aquilo.

A sanidade só se restabeleceu quando a porta da frente da casa mais próxima bateu e uma voz exclamou alto:

— Olhe, mamãe, eles ainda estão se beijando.

Tory ouviu aquela voz e empurrou Lucas pelos ombros. Lucas Ryecart estava inabalável e lançou-lhe um sorriso lento e sensual.

— Vai voltar comigo. — Era uma afirmação, não uma pergunta.

Tory não entendeu.

— Para meu hotel — ele deixou clara sua intenção.

— É claro que não! — Tory demonstrou alguma indignação. Ele a ignorou:

— Por que não? Ambos queremos. Tory sacudiu a cabeça, negando.

Ele sorriu, e aquele sorriso a chamava de mentirosa. Ele a considerava uma tola.

O orgulho retornou e ela tentou livrar-se dele. Ele a segurou facilmente, com mãos grandes espalmadas em sua cintura.

— Não tem de voltar para Simpson — garantiu ele. — Ajudarei você a se livrar dele amanhã.

Tory olhou para ele. O que estava sugerindo?

— Acabamos de nos conhecer — disse ela.

— E daí? — Ele riu. — Com que frequência se sente assim?

Seu corpo estava tremendo pelo simples toque dele em sua cintura.

— Não tem de vir morar comigo — prosseguiu ele. — Ainda não,

pelo menos. Mas não pode continuar vivendo com Simpson.

— Não estou vivendo com Alex — repetiu ela pela vigésima vez. — E meu apartamento.

— Ainda mais fácil — deduziu. — Pode colocá-lo para fora. Tory não levou em conta o beijo e finalmente se perguntou por que estava conversando com um perfeito estranho.

— Você é louco — concluiu ela com mais do que um ar de seriedade.

— Não, sou honesto — rebateu ele —, e não vejo muito sentido em lutar contra o inevitável.

Ele com ela na cama. Tory não precisava de tradução. Seus olhos lhe diziam. A certeza dele era perturbadora. Era hora de reagir.

— Sr. Ryecart — ela lhe lançou um olhar implacável —, ou você se considera muito bom ou me considera muito pouco. Seja como for, seria mais fácil caminhar sobre pedras em brasa com uma lata de gasolina na mão que ir para a cama com você. Isto é honesto o suficiente?

Na verdade, Tory se perguntou se aquilo era ofensivo o suficiente.

Aparentemente, não, visto seu suspiro de descrença. Ela perdeu a paciência e empurrou-lhe o peito com força. Ele, pego de surpresa, desequilibrou-se, mas recuperou-se a tempo de agarrá-la, enquanto ela tentava escapar.

— Não pode dormir com Simpson novamente. Entendeu?

— Sim — ela engasgou com a palavra. E assim a deixou finalmente partir.

Ela correu porta adentro. Não olhou para trás. Mas Lucas a observou até desaparecer.

CAPÍTULO QUATRO

Na segunda pela manhã, Alex e outros produtores sêniores estavam desanimados para sua primeira reunião oficial com o novo chefe.

Duas horas mais tarde, eles retornaram mais relaxados.

Alex retornou meia hora depois.

Simon o viu primeiro.

— Aí está ele.

Alex mostrou o rosto na porta:

— Tory, posso vê-la um minuto?

— Talvez queira ajuda para arrumar suas coisas — sugeriu Simon em um tom esperançoso.

— Cale-se, Simon — disse Tory e bateu a porta da sala de Alex. — Está tudo bem? — perguntou ela com tato, e então ouviu-o falar entusiasmado sobre o americano e seus planos para a Eastwich.

— Quando ele me pediu para esperar — prosseguiu Alex —, pensei, é agora. Vou ser demitido. Mas nada, só queria discutir a direção que eu tencionava dar ao departamento.

O olhar de Tory era incrédulo.

— Naturalmente, entreguei a ele o trabalho que havíamos preparado — afirmou ele presunçosamente. — Pareceu impressionado.

— Sério? — Tory tentou transmitir um pouco de seu ceticismo. Alex não compreendeu:

— Não se preocupe, ele sabe que você teve participação nisto. Perguntou-me há quanto tempo estávamos trabalhando tão intimamente.

Tory percebeu o sarcasmo e teve vontade de gritar. Perguntou-se como poderia fazer Alex cair na realidade.

— Não levaria a sério o que ele fala, Alex — alertou ela por fim.

— Ele me pareceu bem sincero... De qualquer maneira, quero comemorar. Vamos almoçar. Antoine's. Por minha conta.

Tory se perguntou como Alex de repente podia arcar com uma refeição cara como aquela.

— Obrigada — respondeu Tory —, mas tenho um compromisso em menos de uma hora. Podíamos ir à cantina, se preferir.

Alex, como Tory previa, disse:

— Vou deixar para a próxima, se não se importa.

— De modo algum — Tory voltou para sua sala, ainda confusa sobre a estratégia de Ryecart.

— E aí? — Simon perguntou ao vê-la.

— Está tudo bem — respondeu Tory, laconicamente. — Vou à

cantina almoçar.

— Vou com você. — Simon queria mais informações.

Caminharam juntos pelo corredor e ela repetiu algumas das palavras que Alex dissera sobre o americano, enquanto Simon erguia a sobrancelha, incrédulo.

— Srta. Lloyd! — Alguém chamou atrás deles.

— Espere — disse Simon. — É o homem.

— Não diga. — Com os dentes cerrados, virou-se e encontrou Lucas Ryecart os observando.

O que sentia era uma reação meramente física. Repetia umas cem vezes para si mesma que não gostava dele.

Seu interesse era mútuo e óbvio, tão evidente, que Simon disse:

— Devo desaparecer?

— Sim!

— Não!

As respostas foram simultâneas, mas Simon sabia o que lhe era conveniente. Sorriu para Lucas antes de seguir pelo corredor. Abandonada, Tory partiu para a ofensiva:

— O que quer?

— Precisamos conversar — respondeu ele baixinho —, mas não aqui. Vamos almoçar.

Tory sacudiu a cabeça:

— Não posso.

— Ou não quer? — desafiou ele.

— Certo, não quero — confirmou ela. Ele assentiu e então a olhou longamente:

— Se lhe serve de consolo, você também me apavora.

Estaria falando sério? Tory não tinha certeza, mas a conversa rumava para um território perigoso.

Ela fingiu entender de outra forma, respondendo:

— Não sei por que deveria me temer, Sr. Ryecart. Não posso demiti-lo.

— Não pode esquecer nossos respectivos cargos por um momento?

— Shh! — pediu ela, enquanto não atraíam atenção. — Não, já que pergunta. Não posso esquecer. Nem você o faria, creio, se estivesse

em minha posição.

— Abaixo de mim? — sugeriu ele.

— Sim! — ela foi direta.

Ele sorriu, atribuindo um novo significado à conversa, enquanto Tory corava furiosamente.

— Você... — Tory podia pensar muitos nomes pára xingá-lo, mas nenhum era grosseiro o suficiente.

— Já sei, posso deduzir. — Ele se divertia mais do que qualquer coisa.

Tory ferveu de frustração e raiva. Se não fosse embora, o agrediria.

Ela caminhou até o elevador e ele a seguiu.

O elevador levou séculos para chegar, e ela permaneceu lá, ignorando-o. O que era difícil, visto que podia sentir o olhar dele sobre si.

Tory hesitou, mas o que ele poderia fazer nos cinco segundos que o elevador levava para chegar ao térreo?

Tory não percebeu o que ele havia feito, até que o elevador parou.

— Não pode fazer isso! — Ela estava genuinamente indignada com a atitude dele.

— Por que não?

— Eu... você... Porque... bem, simplesmente não pode!

— Não se preocupe — garantiu ele. — Vou me repreender seriamente mais tarde... Mas agora, vamos conversar.

— Não quero conversar. — Tory olhou para o painel de controle, querendo investir contra ele.

— Muito bem. Não vamos conversar. — Ele diminuiu a distância entre eles.

— Se tocar em mim...

— Vai gritar?

— Sim!

— Bem, é claro, o que mais poderia fazer com o elevador parado?

Ele tocou levemente uma mecha de cabelo em seu rosto. Então, antes que ela pudesse protestar, recuou para o seu lado do elevador.

— Não entre em pânico. Não a tocarei até que me peça.

— Estaremos ambos mortos antes disso — rebateu ela.

Ele se encostou contra a parede, como se tivesse todo o tempo do mundo.

— Não contou a Simpson sobre nossa conversa ontem, contou?

— Não havia nada a contar — retrucou ela em um golpe final.

— Deve ser bem comum para você, suponho, ser cortejada por outros homens.

— Acontece o tempo todo — alegou ela, inexpressiva.

— Posso acreditar nisso — disse ele rindo. Ele tinha um jeito de olhar que fazia Tory compreender a expressão "olhar de cama". Tentou firmemente evocar alguma indignação.

— Então por que ficar com um perdedor como Simpson?

— Quando posso ter alguém como você? — respondeu ela, em um tom de escárnio.

— Certamente qualquer homem jovem, livre e solteiro seria algo melhor que Simpson — disse ele pensativo. — Mas, sim, já que está perguntando. Reconheço que tem todas as chances de me ter.

A exposição dele tirou o fôlego de Tory.

— Após mostrar a porta da rua a Simpson, é claro — estabeleceu ele, como uma condição.

— E se eu não o fizer?

— Não tinha pensado nessa possibilidade — admitiu ele. Lucas Ryecart ainda era um estranho para ela. Ela o olhou. Naquele dia, estava vestido formalmente. Pareceria

um autêntico homem de negócios não fosse por sua postura, com as mãos nos bolsos, e o corpo encostado contra a parede do elevador.

Ele a percebeu e a encarou, dirigindo-se aos seus pensamentos, enquanto continuava:

— Se eu quisesse demitir Alex Simpson, poderia tê-lo feito esta manhã sem grandes esforços. Acho que eleja teve número suficiente de avisos.

Tory imaginava que o quadro executivo da Eastwich ignorasse a conduta recente de Alex.

— Se vocês não estivessem morando juntos, provavelmente eu o fizesse. No entanto, não estava certo se por motivos profissionais ou só porque ele está vivendo com a mulher que quero — ponderou ele

em voz alta.

Sua franqueza conduziu Tory à incoerência.

— Então, decidi deixar como está no momento — concluiu ele — e caso ele continue a aprontar, não terei nenhum dilema.

— Você o demitirá, de qualquer maneira? — perguntou Tory.

— Correto — confirmou ele.

— E se ele recuperar a forma? — desafiou ela.

— Então, não terá nada com que se preocupar. — Os olhos dele encontraram os seus e seu olhar não vacilou.

— Talvez eu é que devesse sair.

— Da Eastwich?

— Sim.

— Faria isso por Simpson?

— Bem, sinto muito por desapontá-lo, mas auto-sacrifício não é parte de minha natureza — disse ela. — Tente auto-preservação.

— De mim? — ele franziu a sobrancelha.

— Quem mais? — rebateu.

Ele pensou sobre aquilo por um instante, antes de indagar:

— Eu a perturbo muito?

— Sim. Não... O que espera? — retrucou ela sucessivamente e disfarçou qualquer confusão com um olhar fixo.

— Você me perturba também, Srta. Lloyd. Estou com o dever de tirar a Eastwich do colapso econômico, e não posso deixar de pensar em uma de suas assistentes de produção... O que um homem deve fazer? — Ele argumentou com um sorriso lento e relaxado.

— E tudo uma brincadeira para você, não é?

— Uma brincadeira? — refletiu ele. — Não diria isso. Bem, não mais do que a vida é como um todo.

Então a filosofia dele era a vida é uma brincadeira. Pouco tranquilizador. Para ela e para a Eastwich.

— Vem com a idade — ele acrescentou diante, do silêncio dela.

— O quê?

— A compreensão de que nada deve ser levado tão a sério, muito menos a vida.

— Obrigada — respondeu Tory secamente —, mas prefiro tirar

minhas próprias conclusões, quando eu crescer, é claro.

— Eu estava sendo condescendente?

— Só um pouco.

— Raro, mas definitivamente lindo — murmurou ele ante aquele lapso momentâneo.

Tory tentou bravamente não se sentir lisonjeada e contrariou-se com um olhar mal-humorado.

— Muito tarde. — Ele lia seus pensamentos muito bem.

— Poderia liberar o elevador, por favor? — disse ela com uma voz tensa. — Gostaria de ir almoçar.

— Claro — concordou ele para surpresa dela e soltou a tecla de emergência.

O elevador entrou em funcionamento um tanto repentinamente e Tory cambaleou para a frente. Não corria o risco de cair, mas Lucas Ryecart a segurou assim mesmo.

As mãos dele aqueciam sua pele. Ela ainda estremecia ante a leveza de seu toque.

Ela tentou protestar. Levantou a cabeça, mas as palavras não surgiam. Era o modo como ele a olhava.

Puxou-a para si, e ela foi, como se não tivesse vontade própria. Só o que sabia era: queria que ele a beijasse. Envolveu-se em seus braços. Ele segurou o rosto dela em suas mãos e baixou sua boca para a dela. No momento em que o elevador parou e a porta se abriu, ele a estava beijando cuidadosamente e ela, indefesa, retribuindo.

Muito tarde, Tory se separou de Lucas para encarar Colin Mathieson e um homem alto, grisalho, de idade indeterminada.

— Estávamos procurando por você, Lucas, garoto — falou ele mansamente —, mas obviamente não nos lugares certos.

Tory, aterrorizada e humilhada, não iria ficar por ali e partiu. Ela ouviu o estranho rir alto, como se achasse graça na situação. Não ouviu nada de Lucas Ryecart, mas podia imaginar muito bem aquele sorriso de satisfação.

Ela foi para a cantina da equipe, certo de que ele não a seguiria.

— Onde você esteve? — perguntou Simon, quando ela sentou com uma refeição composta de salada e suco de laranja. — Já estava

pronto para desistir de você. Fiquei imaginando se ele olha para todas as mulheres dessa forma.

— Cale a boca, Simon — murmurou ela, repreendendo-o. Mas Simon era incontrolável.

— Fale-me sobre o desejo. Costumava achar que era só uma expressão. Como nos romances femininos: "Ele lhe lançou um olhar misterioso". Mas não desde que vi Reycart.

— Simon! — Tory olhou em volta e respirou aliviada por não haver ninguém em uma distância audível. — Pode achar que esse tipo de coisa é engraçada, mas duvido que Lucas Ryecart ache. Já ouviu falar em calúnia, suponho.

— Difamação — corrigiu Simon. — Eu nem escrevi... bem, ainda não.

— O que quer dizer com ainda não? — Ele só podia estar brincando.

— Poderia escrever na parede do banheiro. L ama T. Ou seria T ama L? — perguntou ele com um ar especulativo.

— Nenhum deles — respondeu ela, rangendo os dentes.

Tory não demorou no almoço, retornou sozinha para o escritório e dedicou-se ao trabalho, para não ter que pensar em mais nada.

Alex não voltou do almoço, mas ela se convenceu de que isso não era um problema seu. Trabalhou até tarde como sempre e estava saindo pela porta justo quando Colin Mathieson estava guardando sua pasta na traseira de seu carro.

— Tory. — Ele a saudou com um sorriso muito cordial. — Estou contente de tê-la encontrado. Queria trocar uma palavra.

— Você é uma humilde jovem assistente de produção. Ele é um homem do mundo, rico e charmoso. Tem certeza que sabe o que está fazendo?

Ele foi bem claro, o que fez com que Tory murmurasse "sim" e "não" nas horas certas e contivesse seus sentimentos de algum modo, até que pudesse gritar na privacidade de seu próprio carro.

Colin realmente acreditava que ela fosse tão ingênua a ponto de levar Lucas Ryecart a sério.

No dia em que fizesse isso, estaria realmente com problemas.

CAPÍTULO CINCO

Após o incidente do elevador, Tory estava determinada a evitar Lucas Ryecart. E isso mostrou-se fácil de conseguir. O americano passou o dia seguinte trancado em reuniões antes de ir para os Estados Unidos e desaparecer pelo resto da semana.

A ausência dele colocou as coisas em perspectiva para Tory. Enquanto ela havia se queixado sobre a nova reunião que teriam, ele estava em um avião, em algum lugar do mundo com sua cabeça em negócios e dinheiro. Talvez ele a desejasse da mesma forma que desejaria a qualquer brinquedo de gente grande, como um carro ou um iate. Por um momento ele se divertiria, e depois mudaria para algo — ou alguém — novo.

Ela havia quase conseguido tirá-lo da cabeça, quando chegou um cartão-postal.

Não havia nenhum nome no cartão, somente uma foto da Estátua da Liberdade de um lado, e as palavras "Ele já foi?", do outro.

— Você está bem? — Alex percebeu sua expressão contorcida do outro lado da mesa do café da manhã.

— Sim, estou — rapidamente pôs o cartão entre as demais cartas. — É só uma carta da minha mãe.

— Pensei que ela tivesse se mudado para a Austrália — comentou. Tory se viu obrigada a mentir mais uma vez, já que ele viu a foto do cartão.

— Ela está de férias em Nova Iorque.

— Você é o máximo. Tentarei procurar um lugar no meio da semana — prometeu Alex. — embora esta seja uma tarefa bastante difícil, com o retorno de Ryecart na segunda.

— Eleja voltou mesmo? — contrariou-se Tory.

— Eu não disse? — continuou Alex. — Ele passou um fax ontem marcando uma reunião com nosso departamento. Segunda-feira de manhã no Abbey Lodge.

— Não, você não disse. — Tory se empenhou em esconder a irritação.

— Não se preocupe. Ryecart só quer discutir a futura direção do departamento.

— Bem, vou evitar chamar atenção — replicou —, se der na mesma para você.

Alex não discutiu. Ter sido perguntado a respeito de sobriedade por Tory fez com que readquirisse um pouco de sua antiga ambição. Ele estaria muito ocupado promovendo sua própria carreira.

De fato, chegou a manhã da segunda-feira. Era uma competição entre dois homens: Simon e Alex.

Simon saiu na frente por ter chegado na hora. Pegos pelos concertos na rodovia, Alex e Tory já estavam quinze minutos atrasados quando chegaram ao Hotel Abbey Lodge e adentraram na cova do leão.

Era uma pequena sala de conferências, quase toda tomada por uma mesa oval e oito cadeiras de couro. Tory colocou Simon entre ela e o "grande homem", fez Alex sentar-se do lado oposto, e rapidamente explicou o atraso deles.

Havia alguma semelhança com a verdade. O carro de Alex *estava* na oficina. Ela *havia* lhe dado uma carona. E eles não haviam previsto aquela obra na rodovia.

— Você e Tory moram no mesmo bairro? — disse Lucas.

— Não, não exatamente. — Alex deslizou um olhar conspirador em direção a Tory.

— Foi muita bondade sua, Tory, sair do seu caminho -- disse Lucas.

Passara uma semana desde que eles haviam se encontrado e, neste tempo, ela havia se colocado em terapia de aversão. Ela não iria gostar deste homem, mesmo que seu trabalho dependesse disto. Teria que olhar para ele sem paixão e ver a desumanidade que existia por baixo de suas belas feições.

Desta vez estava preparada — porém não o suficiente. Quando encontrou seus olhos, esqueceu-se do resto.

— Na verdade, não foi fora do meu caminho, de forma alguma — sua voz tinha um tom desafiante.

Ryecart entendeu imediatamente. Ela estava respondendo ao seu

cartão-postal. Não, Alex não havia ido embora.

Ele continuou a fitá-la até que ela foi forçada a desviar o olhar, e então ele passou a tratar de negócios.

Falou da direção que pretendia que o departamento seguisse. Disse que os programas anteriores haviam sofrido atrasos e conseqüentemente a perda dos temas ou a duplicação por outras companhias.

— Sabemos da duplicação — explicou Alex. — Abandonamos um projeto há pouco tempo porque Tyne Tess estava muito mais adiantado.

— Quanto custou isso para a Eastwich? — perguntou Lucas Ryecart.

— Não me lembro — admitiu ele.

— Eu me lembro. — Lucas Ryecart declarou uma quantia.

— Parece certa — disse Alex bastante casual —, orçamentos não são normalmente minhas preocupações.

Tory hesitou em seu íntimo. Será que Alex tinha que pular no buraco que o americano estava cavando para ele?

Houve um momento de silêncio antes que Ryecart retomasse a palavra sumariamente.

— Como pude perceber.

Alex, então, retrocedeu para dar as impressões certas.

— Não que eu não tente trabalhar dentro de um orçamento. Na verdade, alguns programas foram feitos quase sem dinheiro.

— É mesmo?! — a incredulidade de Lucas Ryecart era óbvia. — Tudo bem, surpreenda-me!

— Desculpe? — Alex piscou.

— Qual programa foi feito quase sem dinheiro?

— Bem... — ficou a balbuciar — é uma expressão. Claro que não quis dizer isso literalmente, mas acredito que não sejamos mais esbanjadores que nenhum outro departamento. Veja o Drama — tentou desviar o assunto. — É de conhecimento geral que a última obra de época custou meio milhão.

— E ganhou o dobro disto quando a Eastwich a vendeu para o exterior — disse Lucas. — Continuando, Alex esquematizou algumas propostas para os programas futuros com os quais presumo que todos estejam familiarizados.

— Deixei uma cópia em cima da sua mesa — disse Alex com sua expressão vazia.

— É mesmo?!

Era visível que Simon não estava impressionado com os esforços de Alex, e Tory não o culpava.

— Tome a minha — ela empurrou o documento em sua direção. — Eu tenho uma cópia.

— Simon, você pode ir adiantando o seu trabalho, enquanto discutimos isto — continuou Lucas Ryecart. — Ok. Pessoal, podemos descartar os itens um e quatro, de início.

— Podemos? — Alex repetiu em tom arrogante, embora Tory tivesse certeza de que ele entendia.

— Descarte, apague, cancele. — Lucas Ryecart lhe deu uma seleção de alternativas que de alguma forma fizeram com que Alex parecesse o tolo.

Certamente Simon permitiu-se um sorriso malicioso. Alex voltou com:

— Por que... se eu puder saber?

Seu tom sugeriu que o americano estava sendo ditatorial.

— Você pode saber sim. — Lucas Ryecart claramente considerou Alex orgulhoso e não desafiante. — A proposta um é muito próxima a um programa prestes a ser veiculado pela BBC2, e os custos do número quatro são demasiado altos.

— Os custos são o único critério? — disse com um tom de artista contrariado.

Lucas Ryecart permanecia inalterado.

— Com as perdas atuais da Eastwich, sim. Mas se você quiser gastar seu próprio dinheiro nisto, Alex, esteja à vontade.

Alex parecia furioso, enquanto Simon sentia grande satisfação.

— Proposta dois... — Lucas Ryecart mal pausava — também é provável que atraia uma demanda extremamente masculina, a não ser que possamos provar cada reclamação que fizermos contra os fabricantes de medicamentos. Então, sobram duas idéias na mesa: discriminação racial nas Forças Armadas e consumo de drogas nos parquinhos infantis. Ambas valem a pena... e, além disso, Simon e

eu, nós dois temos uma idéia que gostaríamos de expor.

Alex imediatamente suspeitou.

— A mesma idéia?

— Na verdade, não — foi Simon quem respondeu. — Nem todos nós somos a favor da abordagem conspirativa.

Seu olhar de menosprezo incluía Tory. Ela poderia ter protestado se Lucas Ryecart não estivesse lá. Ele provavelmente desprezaria qualquer reivindicação de imparcialidade.

— Tory... — o americano voltou seus brilhantes olhos azuis para ela — talvez você tenha alguma idéia que também queira apresentar.

Pelo menos duas das propostas eram originalmente suas, mas, ao dá-las a Alex, havia perdido os direitos autorais.

Balançou a cabeça e se perguntou se ele a considerava tola. Com certeza, havia contribuído bem pouco para a reunião até o momento.

— Como vocês, Tory e eu trabalhamos bastante próximos, neste documento. — Alex imaginou que a estava resgatando da obscuridade.

Ao contrário, confirmou a suspeita de Simon: que trabalhavam como um grupo, excluindo-o.

— Bem próximos, entendo — complementou Ryecart.

— Bem... sim — Alex não podia determinar exatamente a atitude daquele homem.

Tory finalmente foi movida a revidar.

— Tem algum problema com isso, Sr. Ryecart? Ele a encarou em resposta.

— De forma alguma. Aguardo a hora de trabalhar bem próximo a você, Srta. Lloyd.

Tory olhou para os outros dois homens mas não encontrou apoio. Alex havia visto o comentário do americano como humor sexista e ria disfarçadamente; quanto a Simon, estava gostando de seu desconforto.

— Voltando ao assunto em questão — continuou Lucas Ryecart —, sugiro que cada um de nós exponha sua idéia num tempo determinado, digamos quarenta minutos. — Retirou seu relógio e o pôs na

mesa. Olhou em volta, esperando que um voluntário iniciasse. Ninguém o fez.

— Não estamos acostumados a trabalhar com restrição de tempo — alegou Alex por todos eles.

— Mas acredito que prazos diminuam a conversa fiada — disse com aspereza. — E quarenta minutos é a duração no ar da maioria dos documentários produzidos pela Eastwiche... serei o primeiro, a não ser que alguém tenha algo contra.

Ninguém contestou. Tory se sentiu um pouco envergonhada por todos eles. Eram tão desajeitados.

— Ok — prosseguiu —, minha idéia, de alguma maneira, foi me dada de mão beijada. Um de nossos patrocinadores, Chuck Wiseman, é um grande editor nos EUA e está querendo expandir seu império para o Reino Unido. Especificamente, ele comprou duas revistas femininas de qualidade: a *Toi* e a *Vitalis*. Alguém as lê?

Tory foi a única a responder:

— Sim.

— Sua opinião? — perguntou sério.

— *Toi* é uma imitação fraca de *Marie Claire*. *Vitalis* é principalmente sobre cabelos, unhas e maquiagens, com um artigo ocasional de consciência social.

— Cético, mas exato — balançou a cabeça em acordo. — Chuck pretende transformar as duas em uma só, mantendo o que cada uma tem de melhor, na esperança de criar algo mais original.

— Isto nunca vai funcionar — comentou Alex.

— Provavelmente, não — repetiu Ryecart —, mas Chuck está determinado e ele é um homem importante para ser nosso aliado.

— Onde entramos? — Tory estava intrigada.

— Chuck está enviando as duas equipes para passarem um fim de semana juntas, na esperança de que a familiaridade traga resultados positivos — explicou Ryecart.

— Para onde ele os está enviando? Se for algum lugar quente e ensolarado, você pode me escalar — sorriu Simon.

Ryecart deu um pequeno sorriso.

— Creio que não, Simon, mas vou tomar nota de seu entusiasmo. É

um curso de atividades ao ar livre em *Derbyshire Dales*.

— Ele deve estar brincando! — exclamou Tory antes que pudesse evitar.

— É, foi o que pensei — repetiu Ryecart —, mas Chuck estima que eles poderão sair de lá como um time sólido.

— Se eles não se matarem primeiro — murmurou Simon.

— Ou morrerem, caindo de uma montanha — acrescentou Tory —, estes cursos exigem preparo físico e psicológico.

— E aí que entramos — replicou Ryecart.

— Um *reality show*? — indagou Tory.

Ele assentiu.

— Eu pensaria em algo mais fragmentado — julgou Tory —, com as potencialidades de uma boa história de interesse humano. — Digo, se a equipe sabe que é um teste, haverá uma certa tensão desde o início.

— Dois grupos de pessoas passando um fim de semana juntas, em circunstâncias difíceis. Como observador de TV, poderia apostar em algo bombástico — concordou ele.

— Do que estamos falando aqui? — perguntou Alex. — Um de nós, mais equipe de câmera, entrevistando estas mulheres enquanto elas descem as montanhas, fazendo rapei?

— Sem equipe — rejeitou Ryecart —, o centro tem vigilância de câmera contínua e usa câmeras de vídeo para eventos externos. Toda a cobertura da área será entregue à organização de Chuck e depois a nós.

— Isto é permitido? — perguntou Simon.

— O centro já assinou um documento passando os direitos autorais para Chuck — explicou Ryecart. — O plano é que um repórter da Eastwich vá disfarçado como um novo membro da equipe da *Toi*. Eles terão que unir as revistas imediatamente, já que o curso é este fim de semana: Quem quer que vá... — olhou para os três — eu levarei até Londres, hoje, para a entrevista.

Tanto Simon como Alex olharam para Tory.

— Por que eu? — Temia a idéia de uma viagem de carro na companhia de Lucas.

— As duas são revistas femininas. Você é mulher. Alex e eu não somos — disse Simon devagar.

— Certo. — Alex apoiou Simon excepcionalmente. Tory olhou na direção do americano.

— Isto pode ser decidido depois — disse Ryecart e mudou de assunto. — Certo, quem quer expor sua idéia agora?

Alex foi mais rápido que Simon e começou a mostrar sua idéia em torno das drogas nos parquinhos infantis.

Alex tinha uma idéia um tanto romanceada, mas obviamente já havia pesquisado sobre o assunto e tinha feito contatos com um diretor de escola, pronto a cooperar.

Simon apontou que nenhum diretor de escola pública estaria disposto a ajudá-lo se isto significasse pôr a corda no pescoço.

— E você saberia disto tendo estudado em um lugar como Eton? — retrucou Alex.

— Eu estudei em escola pública sim — disse Simon com superioridade.

— Uma das piores, aposto. — Alex apostou certo.

— Enquanto você, sem dúvida, foi um típico garoto do ginásio estadual.

Simon sorriu com escárnio em réplica. Alex tinha muito orgulho disso.

— Então? — Alex olhou Simon de forma hostil.

— Isto mostra que isto é tudo. — Simon sorriu com malícia em resposta.

Exasperada, Tory interveio secamente:

— Bem, se interessar a alguém, eu estudei em uma escola de inclusão londrina. O lema extra-oficial era: Faça a eles antes que eles façam a você... Mas esperava deixar meus dias de colégio para trás.

Alex e Simon olharam espantados, como se um cachorrinho de estimação tivesse, de repente, mostrado as presas.

Mas o fato arrancou um sorriso dissimulado de Lucas Ryecart quando percebeu que ela estava ridicularizando a competição deles por supremacia.

— Certo.

Alex concordou e voltou a falar sobre seu projeto favorito, enquanto Simon continuou a criticar os comentários ocasionais e a arbitragem de Ryecart.

— Você não compartilha aquela visão?

Tory olhou para cima e encontrou os olhos de Lucas Ryecart sobre ela de novo. Estava distraída e tinha apenas uma vaga idéia do que havia acontecido antes, então resguardou-se:

— Não diria exatamente isso.

— Não, mas seu sorriso tinha uma sombra de cético — disse como se a estivesse observando.

— Possivelmente — admitiu.

— Então você não concorda com Alex que a maioria dos adultos com menos de quarenta anos terá experimentado algum tipo de droga recreativa?

Agora que sabia o que eles haviam discutido, não estava mais inclinada a expressar sua opinião.

— Tory não deve ter experimentado — interrompeu Simon. — Você é muito certinha, não é, Tory? Não fuma. Não bebe. Não quase tudo.

— Cale a boca, Simon — respondeu sem muita esperança.

— Vê... ela nem mesmo xinga — sorriu malicioso como um travesso menino de colégio. — Duvido que os pais dela fumassem erva quando novos.

— É aí que você se engana! — Tory estourou sem considerar a sabedoria presente.

Arrependeu-se de sua explosão quase que imediatamente, quando todos da sala a olharam.

— Você se importaria de falar mais sobre isso? — convidou Simon.

— Sim — voltou a si —, me importaria.

— Mas se ajudar na matéria... — tentou, mais entretido que maligno.

— Simon — um aviso em tom baixo veio de Lucas Ryecart —, deixe para lá.

Tory deveria ser grata. Ele percebeu sua vulnerabilidade. Mas isto não a tomava ainda mais vulnerável para ele do que para Simon?

— Claro. — Simon foi sábio o suficiente para não querer se tornar inimigo do americano. — Não pretendia pisar no calo de ninguém.

— Isto muda as coisas — murmurou Alex, e depois deu a Tory um sorriso de apoio.

Ryecart assumiu o controle, mais uma vez.

— Simon, você gostaria de expor sua idéia agora?

— Com todo prazer. — Simon estava obviamente confiante.

Tory o ouviu expondo sua idéia de uma novela-documentário sobre um dia na vida de um membro do Parlamento. Soava bastante cortês, até Simon nomear o parlamentar que propunha usar. Uma figura de controvérsias, com visões intolerantes, um provável produtor de alguma televisão interessante.

— É praticamente certo que ele não será reeleito — concluiu Simon.

— Então, ele não tem nada a perder.

— Ele concordou com isto? — perguntou Ryecart.

— Concordou — confirmou Simon.

— Você o conhece pessoalmente? — perguntou Alex.

— Na verdade, sim — respondeu Simon. — Estudei com o irmão mais novo dele.

Simon falou sobre a abordagem que tomaria, e Lucas Ryecart lhe deu carta branca para prosseguir. Fez o mesmo com Alex.

— Tudo bem, nos reuniremos de novo em três semanas e veremos em que pé estamos.

Tory pensou que estavam dispensados, e esboçava um sinal de alívio enquanto pegava sua pasta e saía da sala. Estavam no *lobby* do hotel quando o americano disse:

— Tory, gostaria de falar com você.

Alex parecia estar pronto a perguntar pela carona, mas Lucas Ryecart prosseguiu:

— Simon, talvez você pudesse dar uma carona para Alex até Eastwich, já que o carro dele está na oficina.

— Claro, sem problema. — Simon sabia fazer mais do que se opor.

— Podemos conversar durante o almoço — começou a guiar Tory pelo cotovelo.

— Na sala de jantar?

Ela não estava vestida para um almoço num restaurante cinco estrelas.

-- Poderíamos comer um lanche no bar — continuou ele — ou chamar o serviço de quarto, se você preferir.

— Serviço de quarto? — Tory repetiu de uma forma um tanto estúpida.

— Estou hospedado aqui — Ryecart lembrou-lhe.

— Você pensa que subirei com você?

— Penso, não — respondeu —, espero, com certeza. Seu sorriso era mais divertido que lascivo.

— Então, como será? — acrescentou ele.

— Não estou com fome! — contrariou ela.

— Comida de bar, então — decidiu por ambos e trocou de direção.

— Eu disse... — estava prestes a repetir a frase.

— Ouvi. Você pode não estar com fome, mas eu estou, então você pode sentar e me observar comer, enquanto falamos de negócios.

— Não podíamos simplesmente voltar para a sala de reuniões? — Ela queria manter a formalidade.

— E correr o risco de ficarmos a sós? — Ele levantou uma das sobrancelhas. — Bom, se para você está tudo bem...

— Não — mudou de idéia —, vamos para o bar.

— Claro, se é isso que você quer — concordou ele.

Ele realmente era o homem mais provocativo de todos, Tory pensou enquanto entravam no bar.

Amplo e bem iluminado, não permitia intimidade, mas estava quase vazio. Ele a acomodou em um reservado de canto e estava prestes a ir fazer o pedido no balcão quando o garçom apareceu. Lucas pediu bife e salada e insistiu em que ela comesse pelo menos um sanduíche.

Através da mesura e do embaraço que persistiu, Tory concluiu que Lucas Ryecart era um rosto familiar.

— Somos de dar gorjetas?

Não pôde resistir ao comentário logo depois que o jovem garçom desapareceu.

— Não muito — disse ele com um sorriso malicioso —, mas Chuck é, então acho que tenho um tratamento atencioso por associação.

— Seu amigo comprador de revista — lembrou-se em voz alta. —

Ele está hospedado aqui também?

— Estava — confirmou —, um pouco rústico demais para ele, então voltou para o Ritz.

Em Londres, Tory concluiu.

— Você faz parecer que ele está morando lá.

— Ele está no momento lá e no Plaza Nova York. Ele permuta entre os dois.

— Ele tem família?

— Ele está entre esposas — disse Lucas — e não tem nenhum filho, a não ser um enteado já crescido... Você está olhando para ele, a propósito.

— Chuck é seu padastro?

— É ou era... não tenho certeza no momento. Ele casou algumas vezes desde então.

— Era, eu acho — disse Tory espontaneamente. — Caso contrário, eu teria uma multiplicidade. Ou dois padrastos oficiais, talvez.

Tory normalmente era reticente sobre seu passado, mas parecia haver encontrado um parceiro de viagem em questões de filiação.

— Quantos anos você tinha quando seus pais se divorciaram? — sua pergunta era mais trivial que solidária.

— Eles não o fizeram. Nunca foram casados.

— Você acha isso constrangedor?

— Não! — disse ela prontamente. — Por que eu deveria?

— Por nada — suavizou. — Era bastante raro, naquele tempo... então, eram eles os *hippies* originais fumantes de erva?

Tory se ofendeu com a pergunta.

— Isto é relevante para meu trabalho na Eastwich?

— Poderia ser — respondeu ele —, se você fosse trabalhar com Alex na matéria dele sobre drogas. É melhor entrar nestas coisas com a mente aberta.

Tory ficou tentada a discutir com ele, mas não estava certa se este era o caso. A verdade era que sua mãe havia usado drogas no passado. As chamadas drogas leves. Mas elas trouxeram mais danos que benefícios a Maura. Tory tinha idade suficiente para desaprovar, mas muito jovem para fazer algo sobre isso. Era uma

das vezes em que voluntariamente levantava acampamento e voltava para a casa de seus avós em Purley.

— Prefiro trabalhar em outra história — declarou ela, finalmente. -

— Por mim, tudo bem — admitiu com um sorriso curto. — O quão convincente você acredita que seria como um editor de filmes de uma revista feminina?

— Você quer que eu faça o trabalho da *Toi/Vitalis*?

— Bem...

— Por que sou mulher? — Este era o raciocínio de Simon.

— Não, não exatamente — negou Lucas Ryecart. — Simplesmente, não consigo ver Alex fazendo trilha em pântanos, a não ser que haja um *pub* no fim do caminho, e eu não vejo Simon no papel de observador, silenciosamente se misturando na estrutura.

Como não podia argumentar contra essas declarações, Tory sentiu que o trabalho era seu.

— Certo — murmurou, sua expressão dizia mais.

— Você não está feliz?

— Eu tenho que estar?

— Bem, sim — contrariou ele. — Não quero um bom programa sabotado por falta de compromisso da sua parte. Então, se não está disposta a fazer este serviço, prefiro que diga agora.

A comida chegou, dando-lhe um minuto ou dois para considerar sua resposta.

— Estou disposta -- disse mais positivamente, — Quando começo? Pretendia parecer incisiva, mas não estava preparada para a resposta dele.

— Esta tarde. Você tem uma reunião com os funcionários no escritório da *Toi*.

— Em Londres? Ele assentiu.

— E se eu não conseguir o emprego?

— Você já conseguiu. As entrevistas foram mês passado. Você escreve sobre filmes em um jornal regional e esta é sua primeira publicação em revista.

Enquanto ele examinava a proposta da capa, Tory, de repente, constatou no que estava embarcando. Teria que mentir sobre si e seu

passado e manter essas mentiras consistentes.

— Alguém saberá que não sou uma funcionária legítima?

— Somente o diretor do grupo, e ele está ciente de seu papel. Tory não tinha certeza absoluta se ela estava.

— Você não espera que eu provoque problemas? — perguntou.

— Claro que não — disse ele enfático —, não queremos acusações de produzir material; caso contrário, a credibilidade da Eastwich pode ir pelos ares. Sente e observe como você fez hoje.

— Isto é uma crítica?

— Um comentário — corrigiu ele. — Depois da autopromoção de Alex e Simon, sua reticência foi quase refrescante, embora potencialmente limitadora, no âmbito da carreira... isto é um conselho, não uma ameaça.

Tory aceitou o que ele estava dizendo. Tinha que se esforçar mais.

— Eu tenho idéias, sabe?

— Tenho certeza de que sim — respondeu ele. — O problema é que você as deixa serem apropriadas pelos outros.

— Trabalhamos como uma equipe — declarou um pouco irritada.

— É? — levantou uma sobrancelha em descrédito. — Talvez alguém devesse dizer isso a Alex e Simon. Eles parecem estar jogando em lados opostos. E sua lealdade... bem, ambos sabemos onde ela atualmente está.

Com Alex, ele queria dizer, e Tory se viu corando como se fosse verdade. Mas não era. Não nesse sentido.

— Alex é meu chefe. Isto é tudo!

— É o que você insiste em dizer.

— Porque é verdade.

— Ok. Eu também sou seu chefe — lembrou-lhe desnecessariamente. — Posso vir morar com você? — Ele lhe deu um sorriso zombeteiro.

Cansada de se defender, Tory respondeu no mesmo estilo:

— Claro, por que não? Você poderia tirar vantagem e roubar o sofá do Alex.

— Você está tentando dizer que não está dormindo com Alex?

— Não, eu estou dizendo isso — corrigiu-o. — Pergunte a ele, se

quiser.

— Então por que o fingimento de que Alex está morando em outro lugar? — desafiou.

— Por que algumas vezes as pessoas somam dois e dois e acham cinco — contradisse de propósito.

— Outras pessoas ouviram sobre a reputação de Alex com as mulheres. Pelo que sei, ele testou mais de um sofá desde que a esposa o deixou.

— Olha, gosto de manter casa e trabalho separados. E no que diz respeito ao trabalho, Alex é meu chefe, pura e simplesmente.

— E no que diz respeito à casa?

— Um hóspede irritante que deixa a pasta de dentes aberta.

Ele deu um sorriso curto, mas ainda incrédulo. Por que ele não podia aceitar a verdade?

Para alívio de Tory, ele finalmente voltou a falar do projeto da revista, informando-a sobre o que ele via como o papel dela — passivo, mas observador.

— Quando eu realmente começo a trabalhar lá? — perguntou com antecipação.

— Amanhã — respondeu ele sucinto. — Isto lhe dará quatro dias na revista antes do fim de semana que as duas equipes passarão juntas.

— Mas a revista é em Londres — protestou ela sem forças.

— E é para onde estamos indo — acrescentou ele —, tão logo terminemos o almoço e você tenha ido para casa fazer a mala.

— Mala? Quer que eu fique lá? — Tory estava com os olhos arregalados de dúvida.

— Algum problema?

— Em Londres?

— É a idéia, sim.

— Com você? — Ela o olhava petrificada.

— Se quiser, ainda que eu não tenha planejado isto — revelou ele. — É certamente uma proposta interessante.

— Eu não... — Tory gaguejou, até que viu o sorriso tomando o rosto dele.

— Não, eu sei — ele a tranqüilizou ainda rindo. Maldito homem.

CAPÍTULO SEIS

Ryecart explicou: Tory teria a entrevista na redação da revista às quatro da tarde. Ficaria hospedada em um hotel de Londres e trabalharia para a *Toi* até o final da semana. Ele teria uma reunião com um investidor e pernoitaria em outro hotel. Os dois compromissos seriam no centro de Londres, então era natural que viajassem para lá juntos. Ponto.

Ele, então, levou Tory em casa para que arrumasse a mala. Esperou-a do lado de fora.

Em seguida, foram às pressas para a capital e Tory preferiu não dar prosseguimento a nenhuma conversa. Ela praticamente o acusou de atraí-la para a cidade grande com fins imorais. Então achou melhor ficar em silêncio.

Quando chegavam aos arredores de Londres, o celular dela tocou.

Era do escritório. Não se surpreendeu ao constatar que era Alex, perguntando-lhe por onde andava. Ele disparou a insultar os americanos, devido ao encontro daquela manhã.

Tory rapidamente trocou o telefone de ouvido, torcendo para que Lucas não tivesse escutado os palavrões furiosos ditos por Alex. Seu entusiasmo inicial pelos americanos esvaíra-se.

Ela repetiu o nome de Alex algumas vezes em tom de advertência mas acabou interrompendo-o:

— Na verdade, o Sr. Ryecart está ao meu lado. Gostaria de falar com ele?

Alex se calou uns instantes, diminuiu o tom de voz e prosseguiu com mais um questionário. Ela conseguiu responder à maioria das perguntas com um "sim" ou "não", e manteve a voz cautelosamente neutra.

Quando enfim desligaram, o americano logo comentou:

— Então, concorda com ele? — começou Lucas Ryecart. — Sou um arrogante de merda?

— Você ouviu?

- Não sou surdo.
- Está achando que Alex falava de você?

Ele desviou o olhar da estrada e a encarou fixamente com um olhar cético.

— A não ser que ele tenha problemas com algum outro americano. Tory enrubesceu e percebeu que ele havia ouvido muito mais do que ela pensara.

— Bem, sabe o que se diz a uma pessoa bisbilhoteira? — respondeu ela, tentando colocá-lo na defensiva.

— O quê? — Ele deu uma risada de escárnio. — Que deveria sair do carro quando algum passageiro fala mal dela?

Tory resolveu mudar de tática.

— Desculpe-me se você se ofendeu, mas faz parte do trabalho falar do chefe e você o deixou irritado.

— Acha que ligo para a opinião de Simpson? Já fui insultado por homens bem melhores do que ele. Mas você concorda com ele?

Tory ficou tentada a dizer "sim" mas preferiu sair pela tangente:

— Não tenho nenhuma opinião a respeito.

— Covarde — disse ele num tom mais engraçado do que desagradável. — Aliás, eu não avisaria a Simpson que ouvi o que ele disse.

— Por que não? — imaginou exatamente o contrário.

— Um homem em sua posição tem apenas duas opções. Ou ceder e nos constranger com desculpas esfarrapadas que não quero nem ouvir, ou retirar o que disse com um show de machismo, o que, no mínimo, confirmará meu instinto de que Simpson não vale os problemas que causa.

— Está bem. — Tory entendeu aonde ele quis chegar. — Não lhe conto mais nada.

— Sábia decisão. Sabe o que está entalado na minha garganta em relação a Simpson? Era uma pergunta retórica, e Tory nem se prontificou a responder.

— Ele é muito pouco para uma garota como você.

— E quem me bastaria, na sua opinião? — perguntou ela.

— Qualquer homem bem-apegoado, inteligente e sem problemas com bebida.

Ele não, então. Será que tinha perdido o interesse? Tory supôs que deveria ficar feliz, mas talvez fosse mulher o bastante para ter o orgulho ferido também.

— Vou lhe deixar pensando. Mas enquanto isso, vamos testar suas habilidades de navegação. Há um guia de ruas de A a Z no porta-luvas. Estamos atrás da Hermitage Road, na direção noroeste.

— Certo. — Tory gostou da mudança de assunto.

Ela conhecia bem esta parte de Londres. Orientou-o até a redação da revista sem grandes problemas.

— Você é boa nisso — comentou ele ao chegar ao escritório da *Toi*.

— Sou de Londres — confessou ela, dando-se conta de que faltavam apenas cinco minutos para sua reunião. — O porta-malas está aberto? Preciso da minha mala.

— Pode deixar lá. Depois eu volto para buscar você.

— Então espero você aqui — respondeu Tory, sem entender qual era o jogo dele.

— Ligo assim que estiver a caminho. Qual é o número do seu celular?

— Vou anotar para você.

— Não precisa. E só me dizer.

— É melhor eu ir. — E olhou para o relógio outra vez. — Não quero me atrasar para a entrevista.

— Boa sorte.

— Pensei que o emprego era meu.

— E é — garantiu ele. — Esta é a parte mais fácil. Finalmente saltou do carro e subiu as escadas. Virou-se e ele lhe lançou um tímido aceno. Sem retribuir, ela passou pela porta giratória que levava à recepção.

— Pois não. — Uma loura elegante examinou-a de cima a baixo por trás do balcão. Tory lhe disse seu nome e percebeu os olhos da loura vibrarem ao reconhecê-la, mas, sem bajulações, convidou-a a esperar na sala de estar.

Assim que se sentou e pegou a última edição da *Toi*, outra loura idêntica apareceu para acompanhá-la até a sala do diretor de Recursos Humanos, no segundo andar. A entrevista foi, como Lucas dissera, mera formalidade, mas ela sentiu que o diretor não estava de todo entusiasmado com o motivo de sua visita. Ele a advertiu de que, devido às circunstâncias de sua contratação, poderia encontrar alguma hostilidade por parte da equipe editorial.

— Não sei se entendi. Quer dizer que sabem por que estou aqui?

— Não, não sabem — garantiu. — Se soubessem, poderíamos ter um protesto geral. Na verdade, avisei aos superiores o que poderia ocorrer se fosse descoberta.

— Então por que seriam hostis comigo?

— Estou apenas especulando a possibilidade — retrucou ele. — Afinal, havia ao menos dois editores juniores candidatos ao cargo e, para todos os propósitos, parece que você recebeu o emprego somente por recomendações pessoais, digamos, vindas de cima.

— Entendo. — Ela estava entrando para uma revista feminina, com um ambiente sabidamente desagradável, vista como protegida de alguém.

— Infelizmente não há nada que eu possa fazer para mudar essa situação.

— Não se preocupe, vou sobreviver. — Tory estava certa de que iria.

— Que bom que está tão confiante. Vou lhe mostrar o departamento editorial.

Eles desceram até o andar do editorial. Tory estava atenta aos olhares curiosos e vigilantes sobre ela.

Foi apresentada a Amanda Villiers, editora-chefe, que conduzia uma reunião com a

equipe.

A nova chefe se mostrou gentil e sorridente, mas havia também um quê de aspereza em cada comentário seu.

— Seu currículo é bastante interessante — elogiou-a. — *The Compickers Times* foi seu primeiro emprego, não foi? Editora da página feminina.

— *Cornwall Times* — corrigiu Tory, ciente de que o erro havia sido proposital.

— Tanto faz. — Amanda Villiers deu um breve sorriso. — Desconheço as zonas rurais. Escrevia o que para esposas de fazendeiros? Como tirar tinta de ovelha de baixo das unhas? Ou como preparar um *Boeufen Croute* perfeito, após ter matado o boi, é claro?

— Esqueceu de mencionar costurar um casaco exclusivo, com lã de rebanho — sugeriu Tory, fazendo Amanda perder a pose.

— Bem, tenho certeza de que é tudo fascinante — disse Amanda com ar de desprezo. — Mas uma revista feminina de edição nacional é um mundo totalmente diferente. Não que eu precise lhe dizer isso. Você passou dois anos naquela revista francesa... como se chama mesmo?

Boa pergunta. Tory passou uma hora no trajeto de carro aquela tarde decorando o currículo, mas não tinha sido o suficiente.

— Não acredito que alguém já tenha ouvido falar dela — murmurou, evasivamente.

— Não, eu não conhecia — Amanda torceu o nariz —, mas, conte-me, querida, como alguém troca uma revista como a *Cornish Times* por uma quase pornô em Paris?

— É uma longa história — dirigindo-se a todos na sala — que pode entediar vocês até quando estiverem deitados no saco de dormir ouvindo o vento soprar por entre as barracas.

— Meu Deus, o fim de semana de aventura — bradou Amanda. — Você sabia dessa viagem e mesmo assim quis trabalhar aqui? Devia estar desesperada.

— Tenho certeza de que o trabalho compensa. — Tory tentou transmitir entusiasmo na voz.

Amanda pareceu cética e se dirigiu a uma jovem à sua direita.

— O que acha, Sam? Você já trabalha aqui há seis meses. Acha que vale a pena passar um final de semana lá no fim do mundo?

Sam, uma moça de aproximadamente trinta anos, respondeu algo inaudível. Em seguida, baixou o olhar para as anotações à sua frente.

Os ombros denunciavam o medo disfarçado. Mas medo de quê? De Tory, que havia impedido sua promoção, ou da sarcástica Amanda, que já demonstrara estar pronta para passar a perna em alguém na primeira oportunidade?

— Bem, é melhor fazer as apresentações. — Amanda enfim lembrou-se das boas

maneiras e apresentou rapidamente cada uma. — Quando começa?

— O mais rápido possível — respondeu Tory, prontamente.

— Nesse caso, escolha uma cadeira — sugeriu Amanda, deixando poucas opções para Tory.

Enquanto Amanda conduzia a sessão de *brainstorming* sobre cirurgia plástica, Tory se sentia parte da mobília. Idéias eram lançadas para discussão, opiniões e críticas ouvidas, mas ninguém parecia incluir Tory.

Todas eram lideradas por Amanda, que, tendo antes humilhado Tory o bastante, agora a ignorava por completo.

Mas Tory também sabia que tinha pouco a acrescentar sobre temas como "silicone nos seios" e "lipoaspiração". Ela entendia que algumas mulheres precisavam de um "auto-aperfeiçoamento", mas parecia lhe haver uma obsessão crescente pela busca de um belo corpo. Revistas andavam recheadas de artigos desse tipo, e a única dúvida era se estavam apenas documentando o fenômeno ou alimentando-o.

— E você, Vitória? — Finalmente Amanda se dirigiu a ela. — Já passou por algum ajuste? Plástica de seios, talvez? — Examinou o tamanho mediano dos seios de Tory e completou: — Não, acho que não... O nariz, no entanto. Bastante arrebitado. O que vocês acham, meninas?

Duas mulheres riram, como se Amanda tivesse contado uma piada, mas uma, na outra extremidade, pareceu mostrar desaprovação.

Tory se perguntou a que tensões ocultas seria exposta nas horas desagradáveis que passaria na companhia de cada uma durante o final de semana.

Quando o celular de Tory interrompeu a reunião, Amanda lhe lançou um olhar de piedade e disse:

— Temos uma regra de ouro, querida, celulares são desligados durante as reuniões. Pensei que soubesse disso.

Tory fez uma careta, antes de se desculpar.

— Vou pedir que me ligue mais tarde.

— Não, não tem problema. Hora de encerrarmos, não, *mes enfants*! Todas concordaram, e Tory pensou se alguma vez alguém discordou de Amanda. Talvez alguém que tenha sido mandado embora.

— Então, atenda — instruiu Amanda —, antes que ele desista de você para sempre.

— Está bem.-- Oi — disse com a boca no telefone.

— Estou aqui fora. — Lucas respondeu apenas.

— Certo, estarei aí em um minuto — prometeu, desligando o aparelho.

-- Tipão autoritário, não? — concluiu Amanda depois do breve diálogo.

— Digamos que sim — retrucou Tory.

— Adoro esses tipos — comentou Amanda. — Na cama, principalmente.

Tory forçou uma risada. Essa era uma tarefa do novo emprego: rir das piadas de Amanda.

— Bem, ande logo, não o deixe esperando, querida Vicky. — Aquela mulher usava tons tão sarcásticos.

Estava ansiosa para ver-se livre de Amanda e de seu séquito.

Felizmente, lembrou o caminho de volta ao elevador; afinal, ninguém se ofereceu para acompanhá-la, mesmo tendo uma das editoras assistentes ao seu lado.

— Então, o que achou? — perguntou-lhe a moça, enquanto desciam juntas no elevador. — Acha que vai gostar daqui?

Tory encolheu os ombros.

— Este foi somente o primeiro dia.

— E ela não vai mudar — acrescentou a moça. — Se não se importa que eu diga, acho que ela não foi com a sua cara.

Tory reforçou suas próprias suspeitas de que trabalhar com Amanda seria um pesadelo. Graças a Deus seria um emprego temporário.

— Vou tentar conviver com isso — disse Tory.

A companheira de elevador lançou-lhe um olhar que parecia dividido entre um sentimento de piedade e admiração.

O elevador chegou, e Tory correu até o carro de Lucas.

— O que foi? — perguntou ele.

Ela respirou fundo de raiva, antes de responder.

— Nem me pergunte!

— Foi tão ruim assim?

— Pior. — Tory estremeceu antes mesmo de ver Amanda surgir do edifício.

Ele acompanhou seu olhar.

— Quem é essa?

— A editora do inferno. — Ela fez uma careta. — Podemos ir?

— Claro — concordou ele na mesma hora. — Imagino que tenha sido apresentada a ela.

— Mais do que apresentada. Logo após uma breve apresentação, o diretor de Recursos Humanos me abandonou no covil de lobos.

— Covil de lobos?

— A equipe editorial — explicou. — Acredite. Ele riu, mas percebeu que ela não estava brincando.

— Acha que a farsa já foi descoberta? Ela negou com a cabeça.

— Bom, deixe para lá. — Ele tentou consolá-la. — Só precisa agüentar isso por alguns dias.

— Que parecerão semanas — reclamou ela. — Você já tentou alguma vez fingir ser

alguém que não era?

— Já — respondeu ele. — Uma vez me fingi do filho surdo e burro de um pastor de ovelhas no norte do Afeganistão.

— Está de brincadeira, não? — O tom de voz brincalhão assim lhe pareceu.

— Não exatamente, embora haja momentos hilários. Eu estava cobrindo o conflito Rússia-Afeganistão quando me deparei com uma situação em que ser um jornalista americano não seria nada saudável... Passamos alguns dias sem comer, mas sobrevivi — concluiu com um riso seco.

Tory se deu conta de que a história era verídica. Esquecera a vida anterior de Lucas como correspondente internacional. Esta era a primeira vez que ele fazia alguma alusão a essa época.

— Ok, você venceu. — Ela entendeu a mensagem. — Admito que trabalhar como farsante na *Toi* não chegue nem perto de ser um risco, mas ainda temo estragar tudo. Só tenho uma vaga idéia do que uma editora faça. Elas vão me achar tão inútil quanto realmente sou.

Lucas repensou a última observação e apontou:

— Mas se estão esperando que você estrague tudo, não há problemas se estragar, há?

— Suponho que não — concordou Tory. — Só não quero dar esse rostinho a Amanda Villiers.

— É. Já ouvi falar que é um monstro.

— Ouviu? De quem?

— De Chuck. Ao menos, acho que estamos falando da mesma pessoa. Ele a chama de Mandy.

— Na frente dela? — Tory não achou que ela o engoliria.

— Acho que sim. Ele a levou para almoçar uma vez, e nunca o ouvi chamá-la de Sita. Villiers.

— Era um almoço de negócios? — indagou Tory. Ele encolheu os ombros.

— Pode ter sido... Ela é bonita? Tory piscou antes de responder:

— Talvez. Era ela na escada.

— Então não devia ser almoço de negócios — julgou. — Chuck sempre tem segunda intenção com mulheres bonitas.

— Ele é meio...? — Não encontrou meios delicados de expressar suas dúvidas.

— Meio velho? Provavelmente. Mas acho que as mulheres não ligam para isso. Chuck tem muito charme. Tem muito dinheiro também — completou seco.

— E você não se incomoda? — Tory não conseguiu conter a curiosidade.

— Chuck é bastante esperto e sabe se virar.

— E sua mãe? Não se importa?

— Mamãe morreu há vinte anos.
— Desculpe — disse ela automaticamente. — Por ser tão intrometida.
— Não se preocupe. É sinal de que está interessada o bastante em mim para me fazer perguntas pessoais — declarou com um sorriso na voz.

— Eu estava apenas querendo manter uma conversa.

— Ah, está bem. — Fez um gesto pacificador com a mão. — Mas para sua informação, sou viúvo, tenho quarenta e um anos, meus pais já morreram, não tenho dependentes, sou sã, sadio, nenhum mau hábito.

— Você se esqueceu da parte "procuro mulher jovem e atraente para relação divertida".

— A maioria das pessoas que se diz com senso de humor muitas vezes não o tem. Eu já encontrei a mulher jovem e atraente, muito obrigado, embora ainda não saiba se ela quer uma "relação divertida".

Ele se referiu a ela, claro. Mas Tory não podia ter certeza, a não ser que lhe perguntasse, o que não lhe parecia inteligente de sua parte.

— Não tem nada a dizer?

— Duvido que eu seja seu tipo.

— Vamos ver — retrucou ele sem desfazer o sorriso. — Enquanto isso, acomode-se em seu hotel. Ele se chama The Balmoral, fica na Kingscote Avenue, na altura da W10.

Encontrar o hotel já era outra história. Apesar do pomposo nome, ele ficava escondido em uma rua de fundos em uma parte desprivilegiada de Earl's Court.

Não faria qualquer objeção. Já vivera em áreas piores com a mãe.

— Nem pense em saltar aqui — disse quando a viu preparar-se para descer do carro. — Você não vai ficar nessa espelunca.

— Deve ser melhor por dentro.

— Vamos embora.

— Para onde? — perguntou ela, enquanto se afastavam.

— Pode dormir no meu quarto hoje à noite — respondeu e, antes de qualquer objeção, acrescentou: — Eu disse dormir, e não dividir.

— E o que você vai fazer? — perguntou, ainda não convencida com a afirmação.

— Não se preocupe comigo. Vou sair para jantar com uma pessoa, que pode me hospedar por uma noite.

"Pessoa?", "Homem ou mulher?". A pergunta não saía da cabeça de Tory. E quando decidiu pensar que era mulher, sentiu uma pontada de ciúme, puro e simples. Mas por quê? O bom senso lhe dizia que não poderia se envolver com ele, mas isso não diminuía a atração que sentia. Não era somente sua aparência. O timbre de voz mexia com ela, o jeito, a maneira direta de ser, embora chegasse por vezes a ser

desconcertante.

— Na verdade — começou —, pensando bem, essa pessoa poderia ajudá-la. Ou talvez a esposa dele possa.

"Sua esposa". Um momento de alívio foi imediatamente seguido de recusa. Não estava mesmo preocupada, estava?

— De que forma? — quis saber.

— Ela trabalhou para uma revista antes de terem filhos. Poderia lhe passar informações importantes sobre a rotina de uma editora.

— Com certeza me ajudaria. — disse Tory.

— Certo, venha jantar conosco e aproveite as dicas dela. — Era um convite bastante casual.

Tory ainda hesitou, mas não adiantou.

— Chegamos — anunciou Lucas.

Um porteiro apareceu para abrir a porta do carro.

— Reserva no nome de Ryecart — anunciou, assim que se aproximaram do balcão, e informou: — Na verdade, a Srta. Lloyd é que vai ocupar o quarto. É possível estender a reserva de uma para quatro noites?

Quando a nova reserva estava confirmada, ele lhe informou:

— Você pode ficar aqui por todo esse tempo. Poupe o estresse de procurar outro hotel.

— Mas certamente será muito... — interrompeu-se antes de usar a palavra "caro" diante do porteiro.

— Ponha na conta da Eastwich — ordenou ele, como se aquilo fizesse o dinheiro parecer irrelevante.

Lucas deixou a bagagem no depósito para ser retirada mais tarde.

— Por que não tira um tempinho para se revigorar antes do nosso jantar? — sugeriu a Tory. — Não se preocupe com o tempo. Tenho ligações a fazer. Vou esperá-la no bar.

Tory não teve chance de recusar. Ficou sob os cuidados do porteiro, que a acompanhou ao quarto no quinto andar.

O quarto era tão luxuoso quanto imaginara. Assim que o porteiro saiu, ela passou um tempo admirando a silhueta da cidade de Londres. Em seguida, ainda indecisa sobre a sensatez de sair para jantar com Lucas, embora parecesse um convite inocente, ela tomou uma ducha, pôs um vestido lilás pálido e passou no mínimo vinte minutos tentando ajeitar os cabelos rebeldes e fazer um penteado sofisticado, mas desistiu e soltou-os, deixando-os encaracolados mesmo.

Ele percebeu a mudança de estilo com um sorriso.

— Está encantadora. Vou precisar da chave do seu quarto.

— Para quê?

— Para deixar minha mala — lembrou-lhe indicando lentamente o depósito de malas. — Eles guardam pelo número do quarto.

— Ah. — Tinha de parar de ficar na defensiva a cada coisa que ele dissesse. — Aqui está.

Esperou por ele enquanto buscava a mala.

Os dois deixaram o hotel e o porteiro uniformizado já acenava para um táxi.

Assim que se ajeitaram dentro do táxi, ele abriu um sorriso e perguntou-lhe:

— Você me acha irresistível?

— Não!

Ele estendeu a mão até seu rosto e, como não houve nenhum sinal de recusa, aproximou o rosto dela ao seu.

Encarou-a por tanto tempo, que Tory achou que não passaria daquilo. Enfim, beijou-a. Seus lábios mal tocaram os cantos do dela, enquanto uma das mãos afastava os cachos do seu rosto.

Acabou quase antes mesmo de começar. Ele se ajeitou e se recostou no banco do táxi.

Tory ficou irritada. Se queria beijá-la, que o fizesse direito.

— E um silêncio ameaçador se seguiu — exclamou ele. — Mas ainda assim ele se viu feliz; ao menos ela não lhe deu um tapa.

— Ainda — advertiu Tory, sombria. Mas o sorrisinho estava de volta.

— Não sei mais se quero ir jantar com você — declarou em tom desdenhoso.

— Tarde demais. Já chegamos.

O lugar era cercado de esplêndidas casas georgianas. Amigos ricos, é claro.

— Eles sabem que também venho?

Lucas afirmou com a cabeça, pagou o taxista, ajudou-a a descer do carro e respondeu:

— A Caro sabe. Aliás, está louca para falar sobre os segredos de uma editora. Percorrer os caminhos da memória, disse ela.

— E o que ela faz agora?

— Cuida dos filhos em casa.

— De quantos anos?

— Os gêmeos vão fazer três anos, e o bebê, apenas alguns meses... Gosta de crianças? — perguntou enquanto subiam os degraus.

— Cozidas ou fritas? — brincou ela.

— É sério?

— Gosto o suficiente — respondeu — para devolvê-las no final do dia.

— Eu também pensava assim. Até o dia em que você se vê pensando que não seria

tão ruim ter um filho seu.

A confissão foi tão inesperada, que Tory o encarou para ter certeza de que falava sério.

— Com a pessoa certa, é claro. — Os olhos azuis se encontraram com os dela, semi-intencionados, divertidos.

Ele estava flertando. Tory sabia disso. Mas mesmo assim aquela declaração era importante.

— Nunca vou ter filhos. — Ela não tinha dúvidas a respeito.

— Como pode estar tão certa disso? — disse, abrindo um leve sorriso.

— Porque estou. — Não queria entrar em detalhes. Ele balançou a cabeça. Ainda não acreditava.

CAPÍTULO SETE

Lucas examinou Tory por mais um tempo e disse:

— Um dia você vai ver — antes de se virar para apertar a campainha.

Foram atendidos por uma mulher que vestia um avental de cozinha sobre um elegante vestido de verão. Era ligeiramente mais velha que Tory, tinha um rosto bonito e sardento e cabelos ruivos que escapavam de um prendedor.

— Luc, que bom ver você! — Deu-lhe um abraço e um beijo na bochecha antes de se dirigir a Tory. — E você deve ser a futura editora. Prazer em conhecê-la. Entrem, não reparem os brinquedos.

Ela os acompanhou ao longo de um largo corredor.

— Meninos, tio Luc está aqui!

O efeito foi imediato, e duas figuras idênticas surgiram do quarto correndo e abraçaram as pernas de Lucas Ryecart. Sem hesitação, ele abaixou-se e ergueu uma em cada braço, para deleite dos meninos, que estavam excitadíssimos com a presença do "tio Luc".

— Meninos! — Finalmente chamou a mãe, interrompendo a excitação dos filhos. — Tio Luc veio jantar conosco. Vocês vão para a cama.

O aviso evocou um protesto conjunto de "Ahs" e expressões de decepção.

— Vocês ouviram sua mãe. — Lucas colocou-os no chão. — Mas se já tiverem subido as escadas quando eu contar cinco, vou contar a história mais amedrontadora que aconteceu com meus amigos, Al e Bill, quando se perderam numa selva na América do Sul.

— Uma selva de verdade?

— Sério?

Os dois se lançaram escada acima o mais rápido que suas pernas permitiram.

— Você não precisa — disse Caro, quando ele chegou ao cinco.

— Mas eu adoraria. — E, arqueando uma das sobrancelhas, perguntou a Tory: — Você se importa?

Tory fez que não. Caro parecia bastante simpática.

— Assim teremos chance de termos uma conversa de mulher — sorriu Caro, maliciosa.

— Sobre o trabalho na revista, espero — completou Lucas.

— É claro. Sobre o que mais? — Caro fingiu-se de inocente.

No mesmo instante, Lucas subiu as escadas de dois em dois degraus.

Caro o seguiu com o olhar admirada.

— Ele sempre acerta o nome deles. Nem as avós os diferenciam ainda.

— Ele vem aqui com frequência?

— Ele tenta — respondeu Caro em tom de perdão —, mas está sempre tão ocupado.

E os meninos adoram quando o tio Luc vem. Ele é padrinho deles.

— É mesmo?

— Bem, de um deles — corrigiu Caro, dirigindo-se para os fundos da casa. — Você se importa se conversarmos na cozinha, enquanto preparo o jantar?

Tory negou com a cabeça e se ofereceu:

— Precisa de ajuda? Não levo muito jeito, mas sei descascar bem legumes. Para ser sincera, salada de frango e pasta de atum são o supra-sumo dos meus dotes culinários.

Caro riu.

— Ah, eu costumava me alimentar de sanduíches e iogurte quando era solteira. A vida parecia curta demais para ter tempo de cozinhar.

— É. — Tory sorriu em cumplicidade. Em seguida, deu uma olhada ao redor, apreciando o ambiente. — Mas mora numa casa encantadora agora.

— Dinheiro — respondeu Caro, mexendo uma panela que fervia. — A família de meu marido tem dinheiro.

— Certo. — Tory não sabia muito bem como responder a tanta franqueza.

— E, pelo que Luc me falou, você também está entrando no mundo feminino e falso das megeras.

— Já passei pela cerimônia de iniciação. — Tory relatou a breve reunião com a equipe editorial.

Caro não se mostrou surpresa. Pelo visto, Amanda Villiers, editora sênior, era conhecida no mercado como serpente.

Tory ouviu as histórias de Caro sobre sua experiência em uma revista semelhante à *Toi* e algumas dicas de como parecer estar trabalhando para conseguir manter a

farsa por alguns dias.

— Vai dar tudo certo. — Caro tentou elevar a baixa confiança de Tory. — Mas se precisar de ajuda, estarei à disposição, entre unia fraude e outra.

Havia um tom de tristeza na voz de Caro, o que fez Tory lhe perguntar:

— Quando parou de trabalhar?

— Quando os meninos tinham uns dois anos, acho... — Caro ergueu a cabeça para trás. — Eu era uma dessas mães que fazia tudo e de repente desperta e percebe que os filhos estão estressados e tristes.

— Parece estar em voga; as mulheres estão reavaliando suas vidas. No meu caso, eu amo meu trabalho, mas não acho que conseguiria dar conta de tudo: casa, família e carreira.

— Você consegue por um tempo — retrucou Caro. — Mas, quando vê, os bebês se tornam crianças de dois anos, que já conseguem lhe dizer que odeiam quando você sai para trabalhar e a babá lhe informa que quer deixar o emprego no dia seguinte. Você se desespera porque depois' vem mais um filho, quando mal conseguia cuidar dos outros dois. É o momento decisivo. Acho que tive mais sorte do que a maioria, porque não precisávamos de dinheiro.

— Mas sente falta do trabalho — completou Tory, como que entendesse.

— Às vezes — admitiu Caro, mexendo a panela.

— Quando estranhos aparecem para jantar? — perguntou Tory, em tom escusatório.

— Não quis dizer isso.

— Tem certeza?

— Bem — Caro mudou de expressão —, não fiquei extasiada quando Luc me avisou, mas é porque achei que você seria mais uma de suas namoradas.

— Não sou namorada dele. — Tory alterou as feições. — Ele disse...?

— Não, não. — Caro rapidamente desmentiu. — Na verdade, muito pelo contrário. Só quis dizer que nas poucas vezes que ele trouxe uma mulher para jantar, eram namoradas. E elas tendem a ser, digamos, irritantemente superiores. Em geral são advogadas, investidoras de banco, donas de uma companhia. São sempre inteligentes e perspicazes e costumam ser estonteantes. Deve ser por isso que se sentem obrigadas a falar com uma reles mortal, como se fôssemos praticamente idiotas.

Tory arregalava os olhos em concordância.

— Conheço o tipo mas não consigo imaginá-las tratando Lucas assim.

— Ah, não! — exclamou Caro. — Para piorar, eram simpaticíssimas na presença de Luc. Lançavam-lhe olhares apaixonados.

— E ele provavelmente adora isso. — Tory riu.

— Luc nunca me pareceu um tipo egoísta, embora ache que todos os homens

bonitos têm um ego do tamanho do mundo.

— E verdade — concordou Tory.

— Então, você também o acha bonito? — perguntou Caro. O sorriso de Caro denunciou a brincadeira.

Tory também mudou de expressão.

— Não foi bem isso que eu disse.

— Mas ele é — insistiu Caro, como se fosse um fato indiscutível. — Acho que talvez seja algum tipo de proteção — continuou em tom pensativo.

— Proteção? — Tory perdera o fio da meada. — O quê?

— Sair com mulheres desse tipo — respondeu Caro. — Quer dizer, independente do gosto, ninguém acharia essa última namorada simpática. Inteligente e de classe? Sim. Mas simpática? Definitivamente, não.

— E o que aconteceu com ela?

— Mudou-se para Norwich, mas não vejo por que isso seria um problema intransponível. Fica a quanto tempo de Londres? Duas horas?

— Um pouco mais.

— Não é tão longe. Mas essa foi a desculpa que deu para o fim da relação. Será que ele conheceu alguém? Há mulheres super inteligentes, arrogantes e super modelos em Eastwich?

— Não que eu me lembre. — Decerto Tory não se encaixava naquela categoria. Com 1,70 m, não era nenhuma super modelo, estava longe de ser super inteligente e não se considerava arrogante. Será que Ryecart não estava saindo com outras mulheres também?

— De qualquer forma, eu tenho essa teoria de que ele só sai com mulheres pelas quais não corre o risco de se apaixonar. Eleja amou e já perdeu, portanto, não quer passar por isso novamente.

— Entendo. — Tory realmente entendia; mas não estava convencida.

Caro confidenciou em tom mais sóbrio:

— Eleja foi casado e ela morreu.

— Eu sei.

— Ele contou para você?

Tory confirmou, lembrando que eleja havia comentado isso.

— Ele não costuma tocar no assunto; mesmo em ambiente familiar — disse Caro, surpresa.

— Você e Lucas são parentes? — perguntou a Caro.

— Mais ou menos. Sua esposa era minha cunhada. Ou teria sido, se não tivesse... — A mulher parou de falar quando viu a expressão de Tory, e lhe perguntou: — Está tudo bem?

Tory lutou para manter as emoções sob controle quando descobriu a verdade. Lucas era filho único e sua esposa tinha um irmão.

Ela estava na casa de Charlie, seu ex-noivo. E estava conversando com a mulher que tão rápido a substituiu.

— Você não parece bem. — Caro viu a expressão alarmada de Tory.

— Eu... Foi um bicho — mentiu Tory, desesperada. — Achei que ia melhorar, mas parece que não. Preciso voltar para meu hotel. — Tory se dirigiu à porta da frente.

— Claro. Vou chamar Luc. Ele...

— Não! — recusou Tory abruptamente, amenizando com um: "Sinceramente, não quero que ele tenha que me levar de volta. Posso pegar um táxi. Perdão. Adorei conhecer você..."

Tory chegou à porta de entrada, pronta para fugir. Mas Caro ficou aliviada quando ouviu um barulho de chave na porta.

— É o Charlie. Ele pode levar você para o hotel.

Tory sentiu-se encurralada. A porta se abriu e os olhos correram para o homem de terno escuro que entrava.

Charlie se pôs claramente chocado, abrindo e fechando a boca, sem conseguir pronunciar uma só palavra, esforçando-se para entender a presença dela ali.

Quando Caro começou a apresentá-los:

— Esta é Tory.

— Prazer em conhecê-lo. Ele respondeu, murmurando:

— Olá, tudo bem?

— Perdão, tenho de ir. Não estou me sentindo bem e deixei meu remédio no hotel.

Ele ficou estático, encarando-a.

— Você vai levá-la até o hotel, não vai, Charlie? — insistiu Caro. Ela parecia não perceber a tensão.

Tory achou que Charlie inventaria uma desculpa e se surpreendeu com a resposta:

— Claro, meu carro está lá fora.

— Viu? — Caro estava satisfeita com a solução que arranajara. Ela acompanhou Tory pela escada, enquanto Charlie se adiantou para abrir a porta do carro. Caro disse, simpática como sempre: — Volte outra vez para jantar. Depois quero saber como foi lá na *Toi*.

— Está bem, obrigada. — Tory sorriu para a mulher com quem simpatizara bastante, sabendo que, se possível, não voltaria a vê-la.

— Eu explico ao Luc — gritou, enquanto se afastavam do meio-fio.

Tory ainda acenou timidamente e sentiu um certo alívio quando se viu fora do campo de visão da casa.

Mas Charlie dirigiu até o fim da curva e estacionou. Virou-se para examiná-la, como

se ainda não pudesse acreditar no que via.

— Desculpe. — Tory achou que devia desculpas. — Eu não sabia. Ele nunca me disse.

— Ele?

— Lucas.

— Você veio com ele? — Charlie estava começando a entender os fatos. — Ah, você é a assistente de produção da Eastwich. Ela confirmou com a cabeça.

— Minha esposa a chamou por outro nome — disse, esforçando-se para lembrar.

— Tory — respondeu ela. — Era o nome que minha mãe me chamava quando eu era pequena. Voltei a usá-lo depois que... — E deixou a frase em suspenso. O que ia dizer? "Depois que você me largou?".

Era verdade. Voltou a usar o outro apelido num ímpeto de reinventar a si mesma. Agora que ele estava à sua frente, ela não sentia nenhuma paixão. Que estranho!

— E não se deu conta de quem Luc era? — concluiu ele.

— Percebi quando ele assumiu a Eastwich. Mas ele me convidou para ser apresentada a uma editora de revista feminina. A Eastwich está fazendo esse documentário... E só descobri quem era Caro há cinco minutos.

— Está bem. — Charlie assimilava a informação, encarando-a atentamente. — Você não mudou nada. Nem um pouco.

— Não sei se isso é bom — disse Tory, tentando entender. Charlie permaneceu sério.

— Você continua a mesma, exatamente como a imaginava. Tory não gostou do tom de Charlie. O passado estava morto para ela.

— Sua esposa é um amor — comentou ela, com sinceridade.

— Obrigado — respondeu, mas parecia que ela o parabenizara pelo carro novo. E ainda acrescentou: — Mas ela não é você.

Tory percebeu a emoção em seus olhos. Era o mesmo olhar da época em que começaram a se conhecer, quando ela ainda imaginava que eram apaixonados. Mas agora via que tudo não passara de ilusão.

— Não, não é — concordou. — É a mulher que lhe deu os filhos que sempre quis ter.

Foi uma observação pungente que o apunhalou.

— Isso foi cruel.

— Foi? — Tory nem se importou em continuar: — Esse é um mundo cruel.

— Você ficou durona, Vicky. — Ele pareceu atordoado com a idéia.

— A vida faz isso com as pessoas.

— E verdade. Não tem idéia do quanto eu queria...

— Pare — interrompeu-o ela.

— Mas nem sabe o que vou dizer. — E pegou-lhe a mão. Ela tirou-a imediatamente.
— Nem quero saber, Charlie. Acho que vou saltar aqui.
— Por favor, Vicky — suplicou, mas ela já abrira a porta e nem interrompeu o movimento quando ele gritou: — Você tem que me perdoar.

Ela continuou a andar e apertou a estola contra o corpo quando sentiu a brisa da noite tocar-lhe os ombros. Nem olhou para trás.

Não correu. Charlie Wainwright não a amedrontava.

Não ficou com raiva dele. Sua raiva se dirigiu a outro homem. Um americano alto, de olhos azuis, cabelos escuros, com um péssimo senso de humor.

Como explicar o que ele havia feito? Não poderia ser apenas coincidência. Ele foi longe demais. O que ele pretendia? Ver como ela reagiria quando encontrasse o ex-noivo?

Ela sentia pena de Caro. Estava casada com um homem que era, no máximo, um fraco, e sendo enganada por outro que parecia bastante leal para ser padrinho de um de seus filhos.

Ninguém podia ser amigo de verdade e tramar toda essa situação.

Mesmo se o objetivo fosse provocar Tory, havia o perigo de machucar Caro. Devia saber disso. Ele não era nenhum idiota.

Mas o que mais a irritou foi que passou quase o dia inteiro com Lucas Ryecart e deixou as barreiras entre os dois caírem. Percebeu que se vestira para ele esta noite. Admitiu ter sentido ciúme quando o viu com aquela mulher no bar. E, ao vê-lo com os afilhados e ao ouvir Caro falar sobre ele com tanto carinho, foi seduzida a enxergá-lo de maneira diferente.

Ao menos deveria agradecer por ter despertado agora, senão poderia correr o grande risco de se apaixonar pelo canalha.

Não havia comido nada desde o almoço e a caminhada até o hotel provocou-lhe fome e dor nos pés. Decidiu pedir o serviço de quarto. Havia uma enorme variedade de opções de pratos, mas acabou pedindo uma salada, uma omelete e uma garrafa de vinho branco para relaxar. Comeu, assistindo a um documentário sobre maridos infiéis. Parecia o programa certo para aquela noite.

Estava se aprontando para ir dormir, já mais relaxada depois do vinho, quando bateram à porta. Presumiu que fosse o serviço de quarto.

Abriu e fechou a porta imediatamente, antes mesmo que Lucas tivesse a chance de impedi-la.

Ignorou a próxima batida, as que vieram a seguir e os repetidos apelos.

— Tory! Abra a porta! Precisamos conversar.

Tory não via motivo para conversa. Na verdade, ela já decidira até que uma carta de demissão seria a próxima forma de comunicação entre os dois. Planejou-a

mentalmente durante o jantar. Mas não tinha a menor intenção de entregá-la pessoalmente.

— Tory! — O tom de voz havia se transformado, e agora era de raiva contida. — Não queria fazer isso, mas você não me deixa outra alternativa. — Ele tentou derrubar a porta à força. Mas não conseguiu. — Tory! — Seu nome foi gritado mais uma vez, seguido de um determinado: — Tudo bem.

Ela esperou ansiosa por sua próxima ação. Ouviu o clique do sistema eletrônico e, em seguida, ele estava dentro do quarto. Ele fechou a porta, mas não avançou no quarto.

— Não precisa se apavorar. Não vou atacar você.

— Como você conseguiu isso? — Ela apontou o cartão eletrônico em sua mão.

— Eu disse na recepção que tinha perdido o meu. Eles me deram outro, porque pude provar que eu era o hóspede deste quarto.

— Até que ponto você se rebaixa! — disse ela, sem esconder seu desdém.

— Mais baixo do que isso — respondeu ele, sem tentar se defender.

— Então? — Esperou que começasse a falar. Ele não demonstrava nenhuma pressa.

— Desculpe se seu plano foi por água abaixo. — O tom de Tory era de escárnio.

— Você acha que eu queria assistir ao grande encontro de vocês? — perguntou ele.

— Por que mais teria tramado isso?

— Espere aí. Eu não tinha a menor idéia de que você tinha alguma ligação com a família Wainwright até descer e descobrir que você. tinha ido embora e me deparar com a agitação de Charlie.

— E acha que eu acredito nisso?

— Já desisti de ter qualquer tipo de expectativa em relação a você. Mas, sim, estou sendo sincero, eu estava tão no escuro quanto você.

— Está bem. — Pareceu verdade. Da parte dele. Ela, é claro, não estava totalmente no escuro.

— Ou mais ou menos isso, não é? — perguntou ele, com astúcia. Tory se viu de súbito na defensiva.

— Eu não sabia quem estávamos visitando até cinco minutos antes de Charlie chegar.

— Mas você sabia da minha ligação com os Wainwright.

Tory pensou em negar. Afinal, ele nunca havia, de fato, mencionado o nome da esposa ou dos parentes dela. Mas qual seria o sentido?

— Eu já tinha percebido, sim — admitiu —, no primeiro dia em que nos encontramos.

— Por isso que você me era tão familiar. — Seus olhos endureceram-se de desconfiança. — Já devo ter visto alguma foto sua, embora você tenha mudado...

- Meu cabelo era mais longo, eu usava óculos e agora uso lentes.
- E por que nunca mencionou nada?
- O que exatamente? — replicou Tory. — Que fui noiva do irmão de sua falecida esposa? Não é a forma mais fácil de me apresentar ao novo chefe.
- Mas teve muitas oportunidades depois... Realmente acha que eu a teria levado para a casa deles se tivesse a mínima idéia?

Ela deu de ombros.

O gesto pretendia irritá-lo, e o irritou de tal forma que apertou os lábios e avançou quarto adentro.

Interpretando o propósito de forma equivocada, Tory recuou. Sentiu-se tola, quando notou que ele se dirigia ao minibar.

- Relaxe. Agora tudo o que eu quero é um drinque.

Tory disse a si mesma para manter-se calma. Ele estava jogando, só isso.

- Posso preparar um para você? — Abaixou-se para avaliar as opções.
- Não, obrigada.

Observou-o pegar duas garrafinhas de uísque do armário, servi-los em um copo e refestelar-se em uma cadeira.

- Então, o que aconteceu entre você e Charlie? — perguntou, como se seu interesse fosse meramente casual.

- Hoje?

- Não, já chegaremos a essa parte. No passado.

Tory pensou em mandá-lo cuidar da própria vida. Mas não era mais necessário.

- Nós nos conhecemos na faculdade, começamos a sair e nos envolvemos mesmo antes de termos segundas intenções.

- Qual de vocês?

- Qual de vocês o quê?

- Tinha segundas intenções? Os dois, pensou Tory.

- Charlie — respondeu ela, por fim.

- O que ouvi — disse, dirigindo-se a ela — foi que o noivado acabou repentinamente e que Charlie ficou arrasado.

Tory não se surpreendeu. Foi Charlie quem decidiu acabar o noivado, e ela deixou a cargo dele como iria explicar para todo mundo os reais motivos do fim da relação.

- Essa história não condiz muito com a idéia de que foi ele quem desistiu, condiz?

- Quem contou a história para você? A mãe dele?

- Pelo que eu me lembre, sim — confirmou. — Charlie não estava muito bem da cabeça na época. Ele disse que descobriu algo que tornava o noivado de vocês impossível.

Isso era verdade, e ela ficou satisfeita de saber que Charlie fora discreto, embora não

soubesse quem ele queria poupar: ele mesmo ou ela.

— Aposto que a mãe dele não conseguiu conter a alegria. — Tory sabia que para Diana Wainwright ela nunca seria suficiente.

— Realmente ela não achava que você fosse a moça ideal. Não o tipo dela. — Tory imitou a maneira arrogante de Diana.

— Está certo, Diana pode ser um pouco esnobe, mas sempre se preocupou se Charlie algum dia seria capaz de esquecê-la. — Havia um tom de acusação em sua voz. — Aparentemente, ele a pôs no lugar de destruidora de corações.

— Bom, ela estava errada, não estava? Quanto tempo depois? Um ano, talvez?

— E você queria que ele tivesse feito o quê? Se entregado à bebida? Ou que tivesse voltado rastejando para você?

— Eu não quis que aquilo acontecesse — negou Tory com raiva.

— Não. — Ele não estava acreditando nela.

— Não! — Repetiu ela, cerrando os dentes. Ele não pareceu satisfeito e completou:

— Espero que não.

— Isso importa agora? — perguntou Tory — É passado, acabou, virou história.

— É?

— É, claro — declarou inflexível. — Não via Charlie havia cinco anos.

— Mas o encontrou hoje — lembrou ele —, e ele viu você. Aonde ele estava querendo chegar?

— Sim — respondeu vagarosamente.

— E? — Esperou.

— E nada — respondeu ela.

— Ele deu carona para você, trocaram apertos de mão como bons cidadãos britânicos e se despediram?

Tory tentava se convencer de que ele não conhecia a história. Ele não tinha estado no carro com os dois, e Charlie de certo correu para casa para confessar tudo.

— Foi mais ou menos assim — murmurou ela, finalmente. Lucas teve raiva dela. Bebeu o uísque até o final e depositou o copo sobre a mesa, causando um ruído. Levantou-se. Ela o observou cruzar a porta, aparentemente com a intenção de ir embora.

Ela deveria sentir-se aliviada, mas pelo contrário, viu-se caminhando ao largo da cama e dirigindo-se a ele.

— Nada aconteceu entre nós, se é isso que está querendo insinuar. Ele deteve-se e virou-se para olhá-la.

— Não aconteceu nada? — ecoou, mas havia um quê de perigo na voz. E quando ela recuou um passo, ele se aproximou para alcançar-lhe o braço.

Incapaz de recuar ainda mais, Tory tentava negar com a cabeça.

— Não, nada.

— Mentirosa.

A palavra foi vociferada em direção a Tory, e ele se aproximava mais dela.

— Eu jantei com um homem assombrado por um fantasma. Passei a maior parte do tempo tentando distrair sua esposa para que não percebesse o quão pasmado seu marido estava. Depois, tive de ouvir a história de Charlie, que mais parecia uma novela mexicana, sobre o amor de sua vida e como ele o perdeu.

— Eu não gosto mais de Charlie — disse ela em autodefesa.

— E isso melhora alguma coisa? — Era mais uma pergunta retórica, e ele prosseguiu: — Por que seduzi-lo então? Para ver se ainda era capaz? Ou era apenas vingança?

— Seduzi-lo? — repetiu Tory, enfurecendo-se. — Foi isso o que o Charlie lhe contou?

— Nem precisava. Era óbvio pelo jeito que ele estava agindo. Não significa nada para você o fato de ele estar casado e com filhos?

Ela balançava a cabeça, negando que tivesse feito algo, mas ele preferiu interpretar errado e pensar o pior dela.

— Claro que não. Eu estou avisando, se você se aproximar de Charlie novamente, vai se arrepender.

— É mesmo? — A ameaça parecia não assustá-la, mas irritá-la. — Então o que vai fazer, Sr. Ryecart? Deixe-me adivinhar. Vai me demitir? Sem problemas. Não se preocupe, porque eu é que me demito. Agora.

— Não pode se demitir — retrucou ele.

— Não posso? — bradou Tory, tentando livrar-se das mãos dele. Ele segurava seus braços com força.

— Você assinou um contrato e está no meio de uma missão. Pensei que soubesse separar a vida profissional da pessoal.

Tory reconheceu a obrigação e não gostou nada de ser lembrada disso.

— E esta história entre você e Charlie — continuou — não tem nada a ver com trabalho, mas tudo a ver com Caro e seus três filhos. Você só quer destruir a vida deles, porque Charlie foi um covarde de não se casar com você?

É claro que Tory não tinha qualquer intenção, mas o tom dominador de Lucas a instigou.

— Por que não? Não espera nada melhor de mim, não é? Acha que vou sair dormindo com qualquer um por aí? Qualquer um, menos você — respondeu de forma imprudente.

Não se arrependeu naquele instante. Ela gostou de fazê-lo perder aquele ar de superioridade que foi transfigurado para uma expressão de ódio.

— Acha que desejo dormir com você?

O tom de voz afirmava que não lhe tocaria, mas os olhos diziam o contrário.

— Na verdade, eu é que quero — zombou Tory.

Tory sentiu as mãos de Lucas comprimirem seus braços e esperou que ele a empurrasse.

Mas estava enganada.

— Você quer ver? — disse ele, puxando-lhe contra seu corpo. No último momento, ela tentou se desvencilhar, mas era tarde demais. Sentiu sua mão em seus cabelos segurando-lhe a cabeça com força. Viu a boca se curvar em um sorriso seco e pousar-se sobre a sua.

— Você tem razão — murmurou ele, próximo à sua boca. — Eu ainda quero você.

Foi a última palavra que trocaram, antes do desejo vencer a razão.

Mais tarde, Tory tentaria convencer-se de que ambos estavam sob efeito dos drinques. Foi mais uma compulsão, quando ele começou a tocá-la, a mão escorrendo roupão adentro, abrindo-o em busca dos seios inchados e salientes, dedilhando-os até ela suplicar que sugasse seus mamilos flamejantes. Sentiu necessidade e desespero com ele na cama e o guiou até a parte quente e úmida de seu corpo, entregando-se profunda e intimamente até que o desejo lhe atingisse o ventre, e ele aproximou seu quadril do dela.

Estava despida, ele, vestido. Juntos, tatearam até o zíper e uniram-se em necessidade mútua.

No primeiro movimento, penetrou-a profundamente. Ela começou a gemer até que ele cobriu sua boca com um beijo doce e entorpece-dor. Ele movimentou-se lentamente para dentro e fora de seu corpo, que se abriu para ele como se já o conhecesse. E ela agarrou seus ombros, oscilando em cada completa penetração, ofegante e palpitante, os dois quase como um, unidos num prazer desenfreado e incontido.

Os dois refestelaram-se na cama, num instante suspenso no tempo. Em seguida, os corpos saciados de prazer deixaram-se, aos poucos, tomar pela razão.

Tory jamais sentira-se daquela maneira, possuída até sua essência. Jamais desejara que um homem a penetrasse assim.

Cada instinto lhe mandava fugir. Então levantou-se da cama e vestiu o roupão.

Luc não se surpreendeu com tal reação. Estava mais estupefato com o que acabara de acontecer.

Levantou-se da cama em seguida, alisando as roupas. Pensou em desculpar-se, mas seria mera hipocrisia. Não lamentava o que havia feito. Pelo contrário, quando lembrou da reação dela, tão quente e apaixonada, quis repetir tudo.

A postura rígida de Tory, no entanto, indicava-lhe que a guerra fria havia

recomeçado.

Conteve o ímpeto de atravessar o quarto e tomá-la nos braços.

— Quer que eu vá embora? — perguntou.

— Quero. — Tory não se arriscou a dizer mais nada.

— Está bem — respondeu ele, igualmente lacônico.

Mas Tory não imaginou que ele fosse, e não acreditou quando ouviu a porta bater atrás dela.

Ele partira. Sem dizer nada.

Mas não poderia esquecê-lo. Como poderia fazer aquilo, após deixar uma marca em seu corpo e seu coração dilacerado?

Tomou um banho e tentou livrar seu corpo do cheiro, do gosto e do toque de Lucas. Secou a pele do corpo até doer, subiu na cama desarrumada e cerrou os olhos hermeticamente, rezando para adormecer.

Quando finalmente adormeceu, encontrou-o em seus sonhos.

Ele abriu uma porta que ela era incapaz de fechar.

CAPÍTULO OITO

Tory acordou, desejando que tudo não tivesse passado de um sonho. Mas o copo de uísque fez com que se lembrasse nitidamente do que acontecera na noite anterior.

Jamais cedera a sexo casual antes, mas o que ela e Lucas fizeram não poderia ser descrito de outra maneira.

Não sabia como poderia encará-lo novamente. A solução mais fácil era não vê-lo nunca mais. Mas sabia que essa atitude prejudicaria sua carreira e as finanças.

Era o trabalho que dava forma e significado para sua vida. Então, guiada por uma mistura de orgulho e pragmatismo, Tory levantou-se da cama, tomou uma ducha, vestiu-se e ficou pronta para seu primeiro dia como funcionária da *Toi*.

Entrou no escritório com um ar quase indiferente e imediatamente marcou uma reunião com as três assistentes. Escutou enquanto lhe explicavam o trabalho em andamento, antes de fazer comentários apropriados e sugerir novas abordagens para um ou outro artigo. Deixou claro que as assistentes teriam autonomia.

Assim, ela sobreviveu ao dia com a credibilidade intacta e ainda ficou trabalhando até mais tarde, lendo e analisando alguns artigos enviados por escritores autônomos. Um se destacava como altamente editável. Colocou uma cópia na mesa de Amanda, pedindo sua opinião.

Voltou ao hotel um pouco relutante. Ocupada durante todo o dia, evitou pensar em

Lucas Ryecart, mas agora, de volta ao quarto, não conseguia esquecer os acontecimentos da noite anterior. Achou que poderia se distrair com qualquer coisa, até que ligaram da recepção dizendo que havia uma visita: Caro Wainwright.

Tory supôs que fosse uma visita breve — talvez Caro quisesse oferecer mais conselhos sobre o trabalho. Apesar de ter gostado dela, Tory achou que manter mesmo que uma tênue amizade não era aconselhável. Mas recusar-se a vê-la poderia levantar suspeitas.

Tory decidiu descer e se esforçou para agir naturalmente. Cumprimentou Caro com um sorriso educado.

— Hoje é meu dia de fazer ginástica — explicou Caro, referindo-se ao seu traje: um agasalho esportivo sobre um top —, mas na última hora decidi vir aqui ver como você está.

— Muito melhor — disse Tory.

— Que bom — murmurou Caro.

Os cumprimentos foram seguidos de um momento de silêncio, até que Tory acrescentou:

— Poderíamos tomar um drinque no bar. Caro assentiu, um pouco insegura.

— Talvez não me deixem entrar vestida assim.

— Acho que não vai ter problema — disse Tory, mostrando o caminho.

Elas se dirigiram para um local nos fundos. Tory insistiu em comprar as bebidas e escapou até o bar. Quando voltou, Caro deu um bom gole no gim-tônica que pedira. A bebida deu-lhe coragem e ela retomou o assunto.

— Eu estava atormentada para vir aqui, mas não pensei muito mais do que isso.

Tory sentiu o estômago embrulhar. Não era necessário ser um gênio para saber aonde Caro queria chegar.

— Você sabe quem eu sou, não sabe?

— Lucas contou para você? — perguntou Tory, com um tom de acusação.

— Quando eu perguntei, ele contou — interrompeu Caro —, mas não ontem à noite.

Tory ficou ouvindo. Caro prosseguiu:

— Eu sabia que alguma coisa estava errada naquele jantar. Charlie estava agindo de uma maneira estranha, mas achei que fosse algo relacionado ao trabalho. Então, enquanto eu fazia café, Luc saiu e Charlie ficou muito inquieto de pensar que Luc passaria a noite com você.

— Ele não passou a noite comigo — negou Tory.

— Eu sei — disse Caro. — Luc me disse que ficou com Chuck, seu padrasto. Mas Charlie pensou diferente. Na verdade, eu também. Fiz uma piada a respeito, algo sobre Luc ter encontrado seu par, e Charlie ficou com muita raiva. Fingiu estar triste em memória da irmã. Mas tudo se relacionava a ele... — Caro transpareceu a dor

que sentia.

— Charlie lhe contou quem sou?

— Eu adivinhei depois. Lembrei da sua reação ao ouvir o nome de Charlie, seu mal-estar repentino. Ficou óbvio que você o conhecia.

— Se eu soubesse quem você era, nunca teria ido embora.

— Bem, é muito tarde para mudar as coisas. A pergunta é o que faremos daqui para a frente — disse Caro.

— Não sei se estou entendendo muito bem — respondeu Tory com cuidado.

— Olha, sei que Charlie gosta de você. Por acaso, hoje de manhã, eu o ouvi pedindo para falar com Victoria Lloyd. É você, não?

— Eu não recebi nenhuma ligação.

— Ele não deve ter encontrado você — concluiu Caro —, mas isso não importa. O fato é que ele ligou.

— Talvez tivesse ligado para se desculpar. Ele foi um pouco grosseiro comigo ontem à noite.

— Grosseiro? — repetiu Caro, surpresa.

— É. Disse que me tornei uma pessoa muito dura — disse Tory, com sinceridade —, o que é um descaramento vindo dele. Você sabe que foi ele que me deixou, não sabe?

— Eu nunca soube o que aconteceu entre vocês — disse Caro.

— Ele não estava pronto para assumir um compromisso — respondeu Tory, de cara amarrada. — Bobagem, com certeza. Ele estava pronto alguns meses depois quando conheceu você, não estava?

— Deus, o ciúme deixa as pessoas muito bobas — olhou timidamente para Tory. — Eu devia ter escutado Luc.

— Luc? — repetiu Tory — O que ele disse?

— Apenas que ele achava que você não se interessaria por Charlie, que você tinha outra pessoa.

— Quando disse isso?

— Hoje de manhã, quando liguei choramingando.

Tory estava levantando suas próprias suspeitas. E se Luc tivesse dormido com ela apenas para desonrá-la perante os olhos de Charlie?

— Ele disse que falaria com Charlie — Caro parecia confirmar a idéia —, mesmo estando certo de que eu tinha entendido tudo errado, o que, com certeza, parece ser verdade.

Caro estava um pouco distraída.

— A revista, claro! Como foi?

— Nem queira saber — disse Tory, como se um desastre se aproximasse, e as duas

trocaram sorrisos.

As duas terminaram seus drinques, despediram-se e separaram-se no saguão.

Tory foi à recepção e perguntou se havia recebido algum recado. Voltou com vários papéis.

Havia quatro, três de Charlie. Teria sido fácil ignorar a mensagem, mas seria mais prudente respondê-la, e melhor agora do que depois.

De volta ao quarto, discou o número e, quando Charlie atendeu, não lhe deu chance de dizer mais nada. Estimulada pelo barulho de crianças brincando ao fundo, foi direta. Não sabia por que ele estava ligando para ela e não queria saber, a não ser que fosse para se desculpar pela grosseria da noite anterior. Não queria que ele voltasse a ligar. E desligou o telefone.

Ela não conhecia seu lado cruel. E, de fato, até que gostou. Sentira-se liberta depois de dizer exatamente o que pensava.

Tory olhou para a última mensagem que tinha nas mãos.

"LIGUE PARA MIM. É IMPORTANTE. LUCAS."

Na verdade, a mensagem não podia ser mais breve. Ninguém diria que eles eram amantes. Ou melhor, tinham sido amantes. Uma vez.

Tory pegou o telefone mas colocou o fone no gancho novamente. O silêncio era a sua melhor demonstração de desprezo. Limitou-se a rasgar a mensagem.

Tory não podia evitar Luc para sempre. Mas, pelo menos, tinha tentado.

No dia seguinte, quando o celular tocou, mostrando um número que ela não conhecia, preferiu desligá-lo em vez de atender. E quando Lucas ligou diretamente para a revista, ela estava "em reunião" de manhã e "fora do escritório" à tarde, mentiras facilmente transmitidas por Liz, a telefonista.

No entanto, Tory recebeu uma ligação de Alex. Estava ligando insistentemente para saber como ela estava indo, mas, depois de demonstrar um interesse meramente simbólico, começou a contar suas próprias novidades. Rita, sua esposa, tinha finalmente concordado que ele fosse à Escócia visitar as crianças. Alex queria ir durante o fim de semana, dependia apenas de encontrar um *flat* para hospedar-se.

Tory sabia aonde ele queria chegar. Sim, ele poderia ficar mais uma semana, mas apenas sob a condição de ir à Escócia.

Então ele disse, com um ar quase malicioso:

— Por falar nisso, você tem de ligar para Ryecart. Há algumas novidades que precisa saber. Eu me ofereci para passar a mensagem a você, mas parece que ele não confia em mim.

Tory ficou pensando sobre a natureza dessas novidades. Seria relacionado ao trabalho ou ao assunto Wainwright? Se pudesse ter certeza, saberia se devia ignorar ou não o recado.

No final do dia, ainda não se sentia pronta para falar com Lucas, qualquer assunto que fosse. Voltou para o hotel.

Tinha acabado de comer quando a recepção passou uma ligação de Alex Simpson.

— Alex, o que foi agora? — perguntou ela, já com um tom bastante impaciente.

— E assim que você fala com seu chefe?

— Você! — disse ela, quase brigando com ele.

— Sim, eu — concordou Lucas, antecipando-se ao próximo passo dela. — Não desligue! Senão vou continuar ligando a noite toda.

— Eu posso pedir para a recepção não me passar suas ligações — contrariou-o ela.

— As minhas ligações ou as do Alex?

— Eu... — Tory se perguntou por que estavam tendo aquela conversa. — Ligações de qualquer um com sotaque americano.

— Posso imitar um sotaque britânico — respondeu ele. Tory suspirou e, resignada, perguntou:

— O que você quer?

— Por que não começamos com um pedido de desculpas?

— Desculpas?

— Minhas, para você.

— Ah!

Tory ficou esperando.

— Eu não devia ter falado com ninguém sobre você e Charlie naquela noite.

— É isso?

— Mais ou menos — confirmou ele.

O silêncio de Tory não demonstrava surpresa.

— A não ser que você queira que eu assine o pedido de desculpas com sangue — sugeriu ele em um tom bastante arrependido.

— Seria um bom começo — resmungou Tory.

— Desculpar-me do resto seria hipocrisia. Eu não estou arrependido de termos feito amor. Na verdade, gostaria de fazer novamente, talvez um pouco mais devagar dessa vez.

Tory já devia estar acostumada com seu comportamento casual em relação ao sexo, mas isso a magoava de qualquer maneira.

— E tirar algumas fotos para Charlie, quem sabe?

— O quê?

— É isso que você quer, não é? Desonrar-me?

— O quê? — repetiu ele, totalmente incrédulo. — Você acha que dormi com você para me vangloriar disso para o Charlie?

Tory já não tinha mais tanta certeza. Mas não iria retroceder.

— Eu não disse nada para o Charlie — acrescentou ele, entre os dentes trincados. — Não é para mim que ele anda ligando.

— Não é minha culpa e, só para você saber, eu disse a Charlie exatamente em que pé as coisas estão. Pode perguntar a ele se não acredita em mim. Eu também garanti a Caro que não estou interessada no marido dela.

— Você ligou para a Caro?

— Não, ela me procurou. Aqui no hotel.

— Eu falei para ela não fazer isso. O que você disse a ela?

— Por que você não pergunta a ela?

— E isso que vou fazer.

Ele obviamente não confiava nela. Ainda a via como uma destruidora de lares.

— Então, se isso é tudo... — Tory supôs que não tinham mais o que dizer.

— Estou com a agenda cheia durante o resto da semana — continuou ele, indiferente —, mas devemos nos encontrar na sexta.

— Você e Caro?

— Não, eu e você. A propósito, como vão as coisas na *Toi*? — acrescentou, para distraí-la.

— Mais fácil do que o esperado, e mais interessante.

— Não está pensando em desistir, está?

— Não estava, mas agora que você mencionou...

— Você tem certeza? Com todas aquelas mulheres traiçoeiras?

— Você acha que elas são piores que Simon e Alex? — respondeu ela, sem pensar.

O problema é que ela sempre esquecia que Lucas Ryecart tinha duas personalidades: a de ex-jornalista despreocupado, caçador de mulheres, e o chefe sério, dono da Eastwich.

— Não foi isso que eu quis dizer — acrescentou ela, rapidamente.

— Foi sim, mas vou esquecer o que você disse. Com o tempo, vou formar minha própria opinião sobre os dois — disse ele.

Tory supôs que ele já tinha uma opinião formada.

— Além disso, acho que você deveria saber que não vou espalhar o que aconteceu entre nós na outra noite, se é que isso a preocupa.

Preocupava, claro. Tory não queria fazer fama por ter dormido com o patrão, uma fama que poderia manchar sua imagem no ramo.

— Obrigada.

— É assunto nosso — respondeu ele com discreta sinceridade. Os dois ficaram em silêncio por um momento, cientes do incomum acordo. Tory esperava que ele continuasse e fizesse outro pedido para sair com ela.

— Na verdade, da próxima vez que nos encontrarmos, vamos fingir que não nos

conhecemos. Acredite, será uma boa idéia — disse ele, em um tom enigmático. Parecia que estava planejando alguma coisa. Mas o quê? Tory não teve chances de sondar mais, já que ele se despediu dizendo:

— Eu vou pensar em você até lá.

Tory ficou confusa com as mensagens embaralhadas que ele estava enviando.

Ela queria esquecer o que acontecera entre eles. Esquecer que eles haviam se conhecido. Se ao menos ela pudesse.

CAPITULO NOVE

— Ele não está falando sério — exclamou Amanda, enquanto se aproximavam de uma trilha de terra, onde o grupo da *Vitalis* já os esperava.

O coordenador do centro de atividades anunciara que teriam de caminhar o resto do trajeto carregando as bagagens.

Tory não foi a única a esconder o sorriso quando viu as malas sofisticadas de Amanda. Foram instruídos a levar somente uma mochila com os itens essenciais, mas Amanda ignorou a orientação.

— É muito longe? — perguntou alguém.

— Não muito — disse o motorista. — Uns três quilômetros.

— *Três quilômetros!* — gritou Amanda, horrorizada. — Não vou conseguir carregar minhas malas por três quilômetros.

— Não mesmo — concordou o coordenador.

Ele começou a explicar que todos caminhariam em pares com um membro designado do outro grupo, e sairiam a cada três minutos. Então Amanda se dirigiu a Tory e ordenou:

— Você vai ter de levar uma dessas.

Amanda fora particularmente cruel com ela durante os dois últimos dias. Tory não sentiu necessidade alguma de lhe ser simpática.

— Não — respondeu apenas. — Por que trouxe tanta coisa?

— O quê? — Amanda não acreditou no que ouviu.

— Você não leu o guia? — continuou Tory.

Amanda bufou, mas em vão. Tory foi chamada, e saiu sem olhar para trás, acompanhada de seu par.

Ele apresentou-se como Richard Lake, editor da *Vitalis*. Era o mesmo cargo que Tory estava fingindo exercer na *Toi*. Ao questioná-la sobre sua experiência, ela lhe revelou que trabalhava na *Toi* havia apenas uma semana.

— Alguém tem de avaliá-la — comentou enfim. — Na *Vitalis* temos de continuar

com a mesma equipe até o dia F.

— Dia F?

— Dia da Fusão.

— Então, falaram com você — disse Tory.

— Na verdade, não. Foi só especulação.

O fim de semana seria tenso se todos dividissem a mesma paranóia. Melhor para o documentário, embora Tory tivesse suas reservas éticas com respeito a espiar essas pessoas.

Não que estivesse fazendo isso sorrateiramente. No guia estava escrito que grande parte da viagem seria filmada e quando desembarcaram do microônibus, um dos funcionários do centro carregava uma câmera.

Será que ele havia filmado Amanda se queixando? Certamente ela não teria se dado conta. Não agiria daquela forma se percebesse.

Tory estava curiosa para saber como Amanda estava sobrevivendo àquela caminhada. Para alguém desacostumado a fazer exercícios físicos, poderia ser difícil. Richard logo mostrou sinais de cansaço. Tory era mais preparada devido às aulas semanais de aeróbica, *squash* e *windsurf*.

— Vamos parar um pouco — sugeriu Richard.

— Por que não? — Tory não estava cansada, mas viu que ele já estava sofrendo.

— Eu estou mais para homem urbano. — E tirou uma das botas.

— Eu não faria isso — advertiu Tory. — Pode ter problemas para calçá-las novamente.

— É melhor continuarmos. Você estabelece o ritmo.

— Claro — disse Tory.

Ficou aliviada por Richard, que mancava quando chegaram ao centro. Havia um conglomerado de casas de pedras antigas no alto de um monte. À entrada das garagens encontravam-se os dois microônibus que haviam trazido os grupos de Londres.

Um comitê de recepção com organizadores uniformizados aguardava-os na entrada. Tory não esperava reconhecer ninguém, e seu queixo quase caiu quando viu Lucas Ryecart.

Ele estava tranqüilo, obviamente esperava vê-la.

— Eu sou Luc — apresentou-se. — E serei o observador esta semana.

— Prazer em conhecê-lo — respondeu Richard, educado.

O coração de Tory batia tão forte que achou que o mundo inteiro poderia ouvi-lo.

Lucas abriu um sorriso e disse:

— Conversaremos depois.

Seus olhos se fixaram em Tory, transmitindo-lhe uma discreta mensagem.

Uma mulher do centro orientou que todos se encaminhassem para seus respectivos dormitórios. Tory, no "piloto automático", confirmou com a cabeça.

Designada a dormir na cama de baixo de um beliche em um quarto para seis, Tory agachou-se repentinamente e abraçou os joelhos, tentando assimilar a presença de Lucas.

Passara a semana tentando tirá-lo da cabeça, embora ele insistisse em aparecer em seus sonhos e fantasias. Agora, lá estava ele, ao vivo e em cores.

Agora aquela conversa de seu último telefonema fazia algum sentido.

Tinham de fingir não se conhecer na próxima vez em que se encontrassem. Mas por que não lhe contar logo que ele estaria lá, fingindo-se de um dos organizadores?

A resposta parecia óbvia e todo o prazer que sentiu ao encontrá-lo amargou-se. Ele não confiava nela. Nem no seu nível profissional. Ele lhe deu seu principal projeto, mas com reservas sobre suas capacidades. Sentiu-se magoada.

— Droga de caminhada forçada. Com licença, meu nome é Mel — apresentou-se — Imagino que veio com a *Toi* — sugeriu Mel.

— Isso, editora. — Tory já acreditava nisso.

— Sou da área de vendas da *Vitalis* — respondeu Mel. — Ou era, quando saímos do escritório.

— Foi promovida? — questionou Tory.

— Quem dera. — Mel mudou de expressão. — Não, mas acho que ninguém mais pode confiar em ninguém até este fim de semana.

— Acha que é um tipo de teste?

— O que mais seria?

— Um exercício de aproximação dos funcionários antes da fusão da *Toi* com a *Vitalis*.

A sugestão provocou um olhar cético de Mel.

— Acredita nisso? Tory não deu opinião.

— É a sobrevivência do mais apto — começou Mel. — Ou do mais sã, após um fim de semana inteiro de confinamento. Mas deve haver alguma compensação. Alguns instrutores gatos, você viu?

— Nem reparei — respondeu Tory.

— Não me diga que é comprometida, casada ou cega? — zombou Mel.

— Sou solteira, mas seletiva — disse Tory.

— *Muito* — concordou Mel. — Ah, se o Sr. América não estivesse dando bola para você.

Tory devia ter imaginado. Foi por Lucas que Mel se interessou.

— Devia tê-lo visto. Cabelos escuros, boca sensual. Me apaixonei na mesma hora! É, o final de semana promete — comentou Mel, sorrindo.

Tory não gostou de saber que várias mulheres poderiam ser suscetíveis a Lucas. Provavelmente todas eram tolas o bastante para se deixar levar por aquele rosto bonito e pelo belo par de olhos azuis.

— Ele gostou de você — disse Mel. — Menina, você não sabe o que está perdendo. Bem, quanto menos concorrência, melhor. Como são as outras de sua equipe?

— Não as conheço muito bem. Entrei para a revista esta semana.

— Entendi — avaliou Mel. — Nem adianta então perguntar sobre a vaca da sua editora-chefe. Porque ouvi dizer que ela é uma das principais candidatas a ser a nova bruxa megera — confidenciou Mel.

Bruxa megera? Essa era nova para Tory. A relação de Amanda com Mel não seria muito promissora.

Mel continuou encarando-a curiosamente. Tory temeu estar diante de alguém esperto, capaz de desvendar a farsa.

A conversa, no entanto, foi interrompida pelas pessoas que chegavam. Tory torceu para que a cama ainda desocupada fosse de qualquer um exceto Amanda, mas a esperança se desvaneceu assim que Amanda chegou, queixando-se que suas roupas e botas novas estavam surradas depois da caminhada.

A mochila esfarrapada que carregava havia sido alugada do centro, substituindo todas as outras que havia levado.

Amanda ficou lançando olhares venenosos a Tory até a hora em que o sinal do jantar soou.

Ainda havia divisão de grupos. A equipe da *Toi* estava sentada a uma mesa e a da *Vitalis* em outra.

Ao fundo da sala estava a equipe organizadora com seus distintos casacos verdes. Tory arriscou um olhar em sua direção e viu Lucas conversando com uma garota de uns vinte anos e corpo atlético. Conversando com a mulher mais bonita de toda a equipe?

Afastou o olhar. Ela não estava ali para monitorar o charme de Lucas mas para se concentrar no potencial de realização do documentário.

Havia um clima de atrito no ambiente em relação ao fim de semana. Todos consideravam as atividades sem sentido.

Tory também tinha lá suas dúvidas. Enxergava a teoria por trás daquilo, entretanto aquele momento estava apenas aumentando a paranóia.

Após a refeição, todos foram encaminhados a uma sala comum onde Tom Mackintosh, diretor do centro, descreveu os jogos e as atividades. Houve diferentes reações. Uns pareceram tensos, outros demonstraram indiferença.

Na primeira tarefa, foram proibidos de falar antes de receber um pedaço de papel com um número de 1 a 12 escrito e serem vendados. Em seguida, tinham de se

organizar e fazer uma fila seguindo uma ordem de números ascendente da plataforma até os fundos do corredor.

Depois de algum tempo, o elemento diversão já contagiava e alguns já riam andando e tropeçando uns sobre os outros.

Houve uma sensação de triunfo quando finalmente estabeleceram a fila com códigos de aperto de mão.

Certamente quebrou-se o gelo. Em seguida, cada um teve de se descrever. Tory decidiu não inventar muita história e deu detalhes pessoais e verdadeiros, como idade, estado civil e interesses.

Depois, foram divididos em três grupos de quatro para trabalhar na próxima tarefa, que consistia em procurar um tesouro por meio de pistas e mapas. A meta principal era fazê-los cooperarem como uma equipe e resolverem o mistério. O prêmio era uma garrafa de champanhe gelada.

Tory estava no grupo de Richard. Ela percebeu que ele era esperto e inteligente. Ria de suas piadas, antes mesmo de perceber que Lucas observava a distância. Então, começou a rir um pouco mais forçado. A mesa deles não venceu, mas chegou perto e todos deram abraços de consolação.

Tory estava arrumando os mapas quando Lucas se aproximou.

— Vou mostrar-lhe onde são guardados.

Tory seguiu-o em direção a um armário no fundo da sala.

— Por acaso você está tentando me deixar com ciúmes? — murmurou ele.

— É claro que não.

— Bom, de qualquer forma, está conseguindo — declarou ele. Tory arriscou um olhar em sua direção. Ele não transparecia ciúmes. Tinha o mesmo semblante folgado e bonito demais para ela.

Procurava a melhor forma de esnobá-lo, quando Mel surgiu por trás de ambos. Tory imaginava o porquê.

— Deixe que eu cuido desses. — Lucas esvaziou as mãos de Tory, antes de avisá-la.

— Deixou cair alguma coisa.

— Não deixei. — Tory foi lenta para pegar o pedaço dobrado de papel caído no chão.

— Bem, alguém deixou. — Mel curvou-se para pegá-lo. — Acho que é um bilhete.

Finalmente Tory deu-se conta e tirou-o da mão de Mel.

— Ah, lembrei, é meu mesmo.

— Está bem. — Mel ergueu as mãos zombando de Tory. — Eu não ia ler, mas sei quem escreveu.

— Ah, você sabe?

— Bem, eu poderia estar errada. Mas apostaria dinheiro que é de Richard, o editor.

Ele está de olho nela, não é, Tory?

Em circunstâncias normais, Tory teria negado. Mas ficou aliviada naquele momento. Quando Mel começou a puxar assunto com ele, Tory aproveitou para se afastar. Não abriu o papel imediatamente. Preferia estar sozinha para lê-lo. Já era tarde quando todos se encaminharam para os dormitórios. Não havia chuveiros para todos, então um revezamento era necessário. Tory ofereceu-se para ser a última. Trancou-se em um cubículo e pôde finalmente desdobrar o bilhete.

"TENTE DAR UMA ESCAPULIDA. PRECISO FALAR COM VOCÊ. QUARTO 12. L."

Enquanto tomava banho, planejava suas próximas ações. Tinha apenas uma vaga idéia de qual era o quarto 12. Mas e se fosse flagrada dirigindo-se ao quarto dele? E daí? Encontros secretos não eram incomuns nesses finais de semana. Por que concluiriam que seria algo diferente?

Resolveu ir logo. Tinha o álibi de não estar no dormitório ainda por ser a última a tomar banho.

Saiu do banho, vestiu um pijama arrasador de algodão, caminhou pelo corredor e encontrou o quarto 12. Entrou sem dizer nada.

Lá estava ele. Coberto apenas com uma toalha levemente enrolada na cintura.

Ela jamais o tinha visto nu. Seus olhos caminharam pelos largos ombros, descendo pelo peito levemente cabeludo, passando pela altura da toalha, chegando até as pernas finas mas musculosas. Não tinha consciência de estar examinando-o, até que ele ergueu uma das sobrancelhas, de forma zombeteira, esperando por aprovação.

Ela deveria ter fugido, mas agir como uma virgem violentada parecia patético em certas circunstâncias.

— Queria falar comigo?

— Estava brava comigo?

— Por que eu estaria brava? Pretende colocar **todo o projeto em** risco me vigiando?

— Temia que você interpretasse as coisas assim.

— Existe alguma outra forma de interpretar?

— A Wiseman Global queria mandar um observador para avaliar as atividades. Chuck me perguntou se eu poderia vir. Não tem nada a ver com a Eastwich. Desculpe, se você se sentiu traída — acrescentou arrependido.

— Se esta é a verdade, por que não me contou quando me ligou? Você já sabia que viria, não sabia?

— Bem, é, eu deveria ter mencionado. Mas, para ser sincero, temi que não viesse. Ele encarou-a longa e sinceramente.

— E o Sr. Wiseman não poderia ter mandado mais ninguém? — interrogou ela.

— Está bem, você me pegou. Eu joguei a toalha. Não literalmente, Tory esperou.

Lucas abriu um leve sorriso antes de continuar.

— Má escolha de palavras... Admito. Eu me ofereci para poder vê-la outra vez. Mas acredite, não tem nada a ver com o trabalho na Eastwich.

Tory o encarou e o olhar de Lucas disse tudo. Ele a queria de novo. Queria-a tanto que enfrentaria um fim de semana de colchões duros e banhos tépidos.

Começou a aproximar-se de Tory, que se recostou na porta.

— Tenho de ir — murmurou, alarmada com o ritmo de seu próprio coração.

Ele não fez nenhum movimento para impedi-la, mas continuou encarando-a.

Tory sabia muito bem que seus sentimentos eram o verdadeiro perigo. Sentiu a maçaneta da porta contra seu corpo. Bastava alcançá-la com a mão e abri-la.

Mas ele tocou-lhe o rosto e ela permaneceu imóvel. As mãos desceram para acariciar-lhe o pescoço. A verdade era que ela também queria, precisava dele.

Ele a puxou contra si e ela aceitou. Não se defendeu, mas, gemendo, abriu os lábios para aceitar o beijo, ambos explorando-se as bocas, enquanto as mãos exploravam os corpos.

Desta vez, estavam sóbrios e o calor entre eles era espontâneo. Ele a puxou pelas roupas, abriu-lhe os botões da camisa e deslizou as mãos por dentro do pijama, em busca dos seios rígidos e inchados.

Ela deu um profundo suspiro. Ele afastou a boca. Ela apoiou-se na porta e agarrava seus cabelos, forçando a cabeça de Lucas para o lado, oferecendo-lhe o seio.

Eleja estava praticamente nu. Ela tocou-lhe e ele inspirou profundamente. Ele gemia alto e se deixava tocar até perder o controle. Em seguida, arqueou as mãos por baixo dos quadris dela e ergueu-a.

Tory percebeu que ele queria penetrá-la, ali, contra a porta. Também o queria dentro dela. Pousou os braços sobre os ombros dele, preparando-se para a primeira penetração apaixonada.

Tory perdera a consciência do mundo ao seu redor quando um alarme ensurdecedor soou repentinamente.

Sem entender ela arregalou os olhos em direção a Luc.

— Minha nossa, alarme de incêndio — disse ele, interrompendo o ato.

Lucas colocou-a de volta no chão, ajudou-a a vestir o pijama, enquanto passos corriam de um lado para o outro no corredor e portas foram golpeadas e vozes gritavam em emergência:

— Todos para fora! Esta não é uma simulação!

Era difícil não entrar em pânico, mas Luc conseguiu manter-se calmo e instruiu-lhe:

— Saia e siga em frente! — antes de lhe dar um último beijo rápido.

A porta fechou-se por trás dela. Tory entendeu que Luc poria uma roupa e sairia em questão de segundos.

Foi quando um dos funcionários do centro agarrou-lhe pelo braço e gritou:

— Mova-se!

Arrastou-a para fora da casa para juntá-la aos outros. Mas ela permaneceu afastada do grupo, observando as portas e avistou Luc surgindo pela saída de incêndio, dirigindo-se calmamente para fora do edifício.

Tory quis correr e abraçá-lo. Felizmente se deu conta de que havia testemunhas ao redor. Só Deus saberia se alguém a tinha visto saindo do quarto de Luc.

Ela se afastou, incapaz de encará-lo. Buscou abrigo por entre as pessoas no meio da multidão. As explicações foram dadas mais tarde. Parece que alguém entrara numa das salas para fumar e jogou a guimba numa lata de lixo. Queimou o papel que estava lá dentro. O fogo não se espalhou, mas houve fumaça suficiente para disparar os alarmes.

A maioria das pessoas tremia dentro dos pijamas, e olhos acusadores buscavam um culpado.

Tory foi tomada pela declaração de Amanda:

— Você ficou ausente por algum tempo, querida Victoria, onde você estava?

Tory presumiu que ninguém lhe daria crédito, mas os olhares ao redor provaram o contrário. Tory teve a esperteza de dizer:

— Eu não fumo.

— É o que você diz. — Amanda claramente não acreditou em sua palavra.

Tory se deparou com o olhar de Luc sobre os ombros de Amanda. Ergueu uma sobrancelha e Tory entendeu a mensagem imediatamente. Ele intercederia e contaria ao grupo que ela estava ocupada. Ela negou com a cabeça, horrorizada.

Mas Mel interveio:

— Vi Tory saindo do banheiro quando o alarme soou.

Tory dirigiu-se para o lado de Mel e, quando teve oportunidade, agradeceu.

— Obrigada.

— De nada — murmurou Mel. — Na verdade, eu vi você saindo de outro lugar.

Ela meneou com a cabeça em direção a Lucas. Tory ficou sem graça e Mel prometeu:

— Não se preocupe, minha boca é um túmulo.

E claro que seria querer demais que ninguém a tivesse visto saindo do quarto de Lucas. Deveria dar graças a Deus que Mel visse o caso como sexo casual e não conspiração.

Mais tarde, deitada na cama, ela pensava se seu subconsciente realmente a havia levado a ir atrás de Lucas. Como Tory o desejava. Era como se tivesse se tornado outra pessoa. Com outros homens, sempre teve o controle. Com Lucas, não havia razão. Parecia que era só tocá-la para despertar seus desejos por ele. A paixão vencia tudo.

E não havia como dizer que da próxima vez ela não permitiria que algo acontecesse. E não poderia descrever aquilo como "somente sexo", porque não era. Nada jamais foi parecido com aquilo.

Mas o orgulho dizia-lhe que, para ele, ela era somente mais uma distração. Sexo era esporte para ele, um esporte para o qual tinha talento. Amor era outra coisa, sem ligação com sexo.

Tinha de lhe dar uma lição. Ele nunca usou a palavra amor, nem pretendia usar. Desde o começo, era questão de sexo. Depois de uma semana pediu-lhe para sair da casa de Alex e morar com ele. Mas sempre deixou claro que sexo era a força motriz.

Tentando ignorar a ânsia dentro de si, não precisava se esforçar para lembrar que ela também não usara a palavra amor. Mas pensara a respeito.

Mas e se fosse consumida pelo desejo?

CAPÍTULO DEZ

Tudo deveria estar diferente pela manhã e quando Tory acordou ao som dos resmungos de Amanda, a noite anterior assumiu um ar de irreabilidade. Ela se sentiu cansada e irritável.

Quando entrou na fila para o café, estava rabugenta.

Tory só soube que Luc estava lá porque, a caminho de sua mesa, momentaneamente viu seus olhos. Ele estava como sempre — divertindo-se com a vida. Ele não mostrou nenhum sinal de arrependimento por seu comportamento na última noite.

Tory sentou-se propositadamente de costas para ele. Planejou passar o restante do fim de semana ignorando-o.

Isso não era tão fácil assim, ele parecia estar sempre à vista, sorrindo, mesmo quando ela o ignorava.

Ela ficou contente por estar razoavelmente adaptada.

Na verdade, Tory se saía bem em desafios físicos, mas isso mal a tornava mais admirada por Amanda, que ficava cada vez mais indignada. Tory tomava cuidado para reagir o mínimo possível. Não queria insinuação de que ela havia estimulado Amanda a se enraivecera diante da câmera.

Os membros do curso eram francos, considerando que sabiam que estavam sendo filmados. Tory ficou surpresa com isso. Era fácil avistar as câmeras. E, após alguma resistência, as pessoas se esqueciam delas.

Elas estavam mais cautelosas com o próprio Lucas, assistindo das laterais. Lucas era popular demais.

Ela deu de ombros, com uma falsa indiferença, e retomou a tarefa, fazendo uma

boneca da nova revista. As idéias começaram a fluir e este acabou se revelando um exercício agradável. Houve muita comemoração no grupo quando sua criação foi declarada vencedora.

Elas se sentaram juntas, brindando umas com as outras com seu prêmio de champanhe quando Lucas e outro membro da equipe vieram se sentar, cumprimentando-as. Tory não lhe deu nenhuma oportunidade para que ele se dirigisse a ela diretamente. Parecia infantil, mas tinha medo de revelar alguma emoção.

Ele, é claro, estava relaxado como sempre. Quando lhe perguntou se ele trabalhava para o centro ou para a Wisemun, ele não afirmou nada e, sem contar nenhuma mentira explícita, deu a impressão de que era uma pessoa de fora que estava interessada em abrir seu próprio curso de gerência.

— Bem, querido — continuou Jackie em seu estilo exagerado —, se você substituir o curso de rapei e as chuveiradas frias por homens fortes e disponíveis como você, nós nos inscreveremos, não é mesmo, garotas?

Todas concordaram dando risadas.

Tory permaneceu a distância, mas um olhar furtivo confirmou que Lucas não estava nem um pouco desconcertado em ser o centro das atenções.

— Fico lisonjeado com o elogio, senhoras — respondeu ele —, embora, não esteja mais disponível.

Os olhos de Tory dirigiram-se involuntariamente para os dele. Ele percebeu a surpresa neles e deu-lhe um sorriso.

— Você é casado? — concluiu Jackie.

— Ainda não.

— Mas pensa em se casar?

Ele não respondeu especificamente.

— Quem é ela, então? — perguntou Mel.

Tory se perguntava a mesma coisa. Em nenhum momento ele sugeriu que havia alguém com quem tinha planos sérios.

Ele olhou de relance para ela e, percebendo o olhar furioso que ela lhe lançava, respondeu com cautela:

— Eu não posso contar ainda.

Isso fez Tory ficar mais irritada. Ele achava que ela não tinha dignidade, que brigaria por ele?

Jackie e as outras continuavam intrigadas.

— Ela é casada?

— Não que eu saiba — respondeu.

— É famosa?

-- Não, nada disso. E apenas uma pessoa muito reservada que não gostaria que eu contasse a todo o mundo sobre ela. Sobretudo quando ainda não criei coragem para lhe dizer o que sinto.

Esta notícia foi recebida com um suspiro coletivo. Ele, era um romântico.

Tory preferiu acreditar na fraude que agora sabia que ele era.

Não podia mais assistir àquilo. Antes que pudesse ouvir qualquer coisa sobre a outra garota de Lucas, afastou-se.

Estava deitada em seu beliche, tentando concentrar-se em vão em um romance, quando Mel apareceu.

— Você está bem?

— Ótima — respondeu de pronto.

— Você pareceu um pouco chateada quando Luc estava falando sobre sua namorada.

— Por que eu ficaria chateada? — disse Tory.

— Nenhuma razão, a não ser que depois da noite passada...

— Nada aconteceu na noite passada! — negou Tory. — Não foi o que você está pensando.

— Não? — Mel olhou-a cética.

— Não! — negou Tory retumbante.

— Então você não irá se importar em ouvir sobre sua outra namorada — desafiou Mel.

Tory queria saber por que Mel estava determinada a desafiá-la.

— Eu não poderia me importar menos — afirmou ela.

— Ela é um pouco mais jovem que ele. Reservada mas com personalidade forte. Esportiva. Não muito glamourosa. Encantadora, com uma pele bonita e olhos grandes e comoventes. Parece com alguém que você conhece? — acrescentou Mel a seu silêncio.

— Por que deveria? — perguntou Tory em alto e bom som. — Acabei de conhecer o cara...

Mel olhou para ela com descrença, pegou uma toalha e foi para o chuveiro.

Mais tarde, Tory pensava novamente nos atributos da namorada de Lucas, descritos por Mel, e ficou cada vez mais convencida de que ele inventara tudo. Lembrou-se do sorriso maroto quando começou suas "confissões". Era o sorriso que dizia que a vida era uma piada.

E isso, suspeitou ela, era o que ele estava fazendo com as outras — contando sobre uma namorada fictícia para mantê-lo longe das atenções.

Ou podia ser o oposto? Lucas era astuto o bastante para perceber o quão desejável isso o fazia parecer. Mesmo quando ele afirmou não estar disponível, estava

jogando verde para ver se apareceria outra idiota como ela?

Ela poderia fingir ser experiente, até mesmo convencer a si mesma de que estava a par da realidade, mas sozinha com Lucas por um único minuto ficava tão fácil de seduzir quanto uma colegial.

Um olhar, um beijo e seu coração disparava como se fosse amor verdadeiro.

A melhor opção era manter-se longe dele, e isso ela conseguiu fazer no café da manhã seguinte, que foi seguido pelas orientações sobre o principal evento do dia: uma caminhada de 16 quilômetros e uma caça ao tesouro. Mas ele esperava por seu momento, segurando-a quando ela descia para buscar alguns suprimentos na cozinha.

— Escute, Tory... — ele a levou a um canto — sobre a outra noite...

Tory não quis escutar.

— Tem alguém vindo — disse a ele baixinho, só para se livrar. Ele, ao contrário, puxou-a para o cômodo mais próximo. Tory arrancou o braço, queixando-se:

— Você vai estragar meu disfarce.

— Resolver as coisas entre nós é mais importante.

— Bem, *eu* me importo — retrucou ela —, e sou eu quem vai nessa caminhada de 16 quilômetros com essa gente. Se acontecer alguma coisa, eu quero poder confiar nelas. Olhe, tenho de ir. O microônibus está esperando para nos levar ao ponto de partida.

— Venha me encontrar quando você voltar, então?

— Não terei tempo. Depois, teremos de voltar para Londres.

— Eu poderia levar você — ofereceu-se ele.

Tory fez um gesto de recusa com a cabeça. Ainda estava levando este projeto a sério, mesmo que ele não estivesse.

— Certo, então vou seguir você e a encontrarei fora do ônibus. Tory estava cansada de discutir. Ela se acalmou e disse:

— *Ela* não vai se importar? A garota sobre quem você estava contando a Mel e às outras.

Seu olhar tornou-se surpreso, e depois como se estivesse se divertindo:

— Ah, essa garota.

Para um homem pego em flagrante, não mostrou nenhum sinal de culpa.

— A menos, é claro, que você a tenha inventado — sugeriu Tory mordaz.

Ele ergueu a sobrancelha com ironia. .. — Por que eu teria feito isso?

— Quem vai saber? — Ela não sabia mais.

— Bem, não, ela é bem real — confessou ele, com um sorriso nos lábios —, mas não precisa ficar com ciúmes...

— Ciúmes? — Tory o interrompeu — Eu? Você acha que estou com ciúmes?

— Eu não disse isso.

Mas Tory não queria apaziguar as coisas. Era muito mais seguro ficar arrogante.

— Por que eu deveria ficar com ciúmes? — desafiou-o e, antes que ele pudesse responder, continuou precipitadamente: — Eu tenho Alex, lembra-se?

As palavras já tinham saído antes que percebesse o que tinha dito. O Sr. Seguro-de-si de repente transformou-se no Sr. Nervos-à-flor-da-pele, rangendo os dentes:

— Alex?

— Sim. — Era tarde demais para retroceder.

— Então, me diga, você sabe onde Alex está neste fim de semana? Ela sabia a resposta. Alex estava em Edimburgo, tentando entender-se com sua esposa. Mas por que Lucas perguntaria tal coisa?

A menos que ele também soubesse.

— Você sabe?

Presumiu que ele sabia. Esperou que ele jogasse isso em sua cara.

— Esqueça. — Ele finalmente abriu a porta, permitindo que ela saísse.

Tory saiu com o coração pesado. Fez todas as suas negações anteriores parecerem mentiras.

Orgulho.

Deixou seus pensamentos de lado e retornou a si rapidamente. Tinha de parar com isso. O que sentia por Lucas também não era amor. Ela não deixaria que fosse.

Reuniu os suprimentos e se dirigiu ao ônibus, onde encontrou sua equipe já a bordo esperando por ela.

Deveriam ser seis em sua equipe, mas Jessica Parnell, editora da *Vitalis*, decidiu que a vida era curta demais para ficar subindo e descendo montanhas para manter um emprego que já detestava nos últimos dois anos. Dividiu essa sensação com Tom Mackintosh e foi embora.

Foi Mel quem lhe contou essa história. Amanda quase ronronou de satisfação. Seu repúdio, entretanto, foi demais para Carl, o diretor de vendas que era normalmente calmo.

Ele comentou alto:

— Só convivendo é que se conhece as pessoas.

— O que disse? — indagou Amanda. Carl não se deixou dominar.

— Você ouviu.

Amanda não estava acostumada a ser contrariada. Isso a deixou enfurecida.

Para Tory, foi o aspecto mais interessante do fim de semana. No escritório, Amanda comandava a *Toi* com punho de ferro, mas, no centro, as pessoas não estavam dispostas a dançar conforme a música de Amanda. Tory estava quase pesarosa por não poder retornar ao escritório para ver a possível continuação dessa rebeldia.

Amanda agora se queixava em voz alta e chegava a sugerir que algumas pessoas estavam procurando um despertar rude na manhã de segunda-feira. Carl começou a cantar alto e Mel sorria, divertindo-se com a discussão.

Não formavam uma equipe. Isso aumentava a preocupação de Tory quando foram largados no meio do nada com suprimentos básicos, uma bússola, um mapa e uma série de pistas quanto aos pontos de referência que tinham de capturar com a câmera digital que receberam.

Cada equipe tinha um suposto especialista. Carl era o delas e realmente parecia saber o que estava fazendo, embora Amanda tentasse prejudicá-lo desde o primeiro passo.

Apesar disso, conseguiram seguir a trilha correta, encontrando as pistas.

Estavam mais tranquilos e com mais da metade da prova concluída quando a chuva começou. Sem lugar para se abrigarem, eles prosseguiram vigorosamente. Até Amanda os acompanhou, mas quando passaram pela beira de um terreno inclinado ela tropeçou e rolou. Tory correu para segurá-la, mas Amanda gritou quando Tory tocou em sua perna.

Parecia ter arrebentado o joelho contra a pedra. Era difícil de medir a gravidade.

— Teremos de usar o rádio para chamar o resgate — disse Tory. Carl parecia ressentido, mas pegou o rádio na bolsa. Mas ele não estava funcionando.

Poderiam sentar e esperar pelo resgate, mas Carl admitiu que havia desviado da rota sugerida e poderia levar horas até que fossem encontrados. Olharam com hostilidade, mas ninguém fez qualquer comentário. Ainda tinham de confiar nele para levá-las de volta.

Outra tentativa foi feita para sustentar o peso de Amanda entre Carl e Tory. Amanda rangeu os dentes e tentou suportar, mas o progresso deles era dolorosamente lento.

Tory ficou aliviada quando avistaram finalmente um abrigo.

Era uma pequena caverna, com espaço para duas pessoas. Eles colocaram Amanda no chão com cuidado. Uma pessoa deveria permanecer com ela. Antes que alguém se oferecesse, Amanda falou:

- Eu gostaria que Victoria ficasse.
- Bem? — perguntou Carl.
- Tudo bem — concedeu Tory com graça.

Tory tentou deixar Amanda mais confortável, apoiando-a contra um travesseiro improvisado com suas mochilas antes de estender o cobertor sobre ela.

Não falaram muito no início, mas Tory logo deu asas à curiosidade.

- Por que você quis que eu ficasse? Nós não nos damos tão bem assim.

Amanda fez uma careta, e em seguida explicou:

- Detesto aquela tal de Mel, e quanto a Lucy, ela é tão idiota.
- Então sou convocada à revelia — concluiu Tory.
- Talvez — admitiu Amanda.

Amanda estava se comportando bem diante das circunstâncias. Embora agora tivesse algo real para se queixar, estava quase estóica.

- Quanto tempo você acha que vai levar até sermos resgatadas?
- É difícil dizer. — Tory não queria fazer falsa promessa.
- Acho que Carl sabe nossa localização no mapa. — Tory quis ser otimista.

Amanda assentiu, e comentou:

- Meu Deus, que diabos estamos fazendo brincando de escoteiras em nossa idade?
- Você não é tão velha — protestou Tory.
- Quantos anos você acha que eu tenho?
- Trinta e três — disse ela, diminuindo cinco anos.
- Quem me dera — respondeu Amanda, lisonjeada. Mas não revelou sua verdadeira idade.

- Estou no ramo há mais de vinte anos. O tempo voa.

Havia um tom de vulnerabilidade em Amanda, mas Tory ficou imaginando se não era decorrente da situação atual.

- Num instante você é a coisa mais quente da cidade — prosseguiu Amanda —, no seguinte você está se despencando em um maldito penhasco. E o que você têm a mostrar?

- Um armário repleto de roupas feitas por estilistas, o mais chique dos carros esportivos e provavelmente um apartamento com jardim.

- Sim, admito que há umas compensações... Apenas não penso que elas são o bastante — disse Amanda, sorrindo.

Tory não estava acostumada a isso vindo de Amanda.

- Por que está me dizendo tudo isso? Amanda percebeu seu olhar suspeito.
- Você quer dizer que não estou agindo como a editora chefe?
- Isso. — Tory ficou surpresa.

- Não tenho certeza. Talvez eu me veja como você se eu retroceder quinze anos. Na verdade, estou disposta a apostar que tivemos criações parecidas — prosseguiu Amanda. — Criadas por mãe solteira no centro de Londres. Escola pública. Um desejo ardente por algo melhor.

Não era uma cópia exata do início de sua vida. Mas era bem parecido.

- Isso é tão errado assim? — perguntou ela por fim.
- De modo algum — respondeu Amanda —, mas saber o que você *não* quer da vida não é o mesmo que saber o que você quer.
- Então o que você quer? — Tory não ficou convencida.

— A curto prazo, sair deste buraco. A longo prazo, o que todas nós, garotas, realmente desejamos em segredo: um homem, um lar, uma família.

Por um instante, Tory não teve reação. Amanda prosseguiu:

— Você pode negar isso, se quiser. Eu certamente fiz isso durante anos, então um dia você acorda. Só que nessa hora todos se foram.

Tory não sabia o que dizer. Nem em um milhão de anos ela suspeitaria que uma mulher infeliz, frustrada por não ter filhos e solitária, vivesse sob a rigidez de Amanda. Sentiu um impulso em confortá-la, mas não achou que Amanda aceitaria.

— E difícil não invejar as pessoas às vezes. Eu tive um namorado uma vez, um noivo, na verdade. Não deu certo, e ele se casou com outra pessoa e teve filhos. Eu o encontrei recentemente e presumi que eu estava com inveja, mas acabou que os dois não eram tão felizes como pareciam.

— Mas talvez não ser *infeliz* seja o suficiente — comentou Amanda. Tory não tinha certeza se concordava.

— Acho que se casar e ter filhos acaba deixando uma pessoa mais infeliz do que se estivesse sozinha.

— Assim fala uma garota de vinte e poucos anos — opinou Amanda.

— Veja como você se sente aos quarenta, supondo que você ainda esteja sozinha.

Tory ouviu o tom de autopiedade e ficou imaginando se seria diferente para ela.

Não que fosse desejar Lucas para sempre. Haveria outros homens. Talvez não tão atraentes. Mas iria querer outro relacionamento que fosse superficial outra vez?

Não havia nenhum mal em querer o que ela não poderia ter.

Talvez tivesse mais sorte do que Amanda, sabendo o que não era possível.

— Agora que deixei nós duas deprimidas, você pensa em uma maneira de passar as próximas horas? — disse Amanda.

Começaram a inventar vários jogos e passatempos mas, como o tempo se arrastava e a tempestade não diminuía, começaram a tremer de frio.

Amanda caiu num sono inquieto, com dor em sua perna machucada. Tory estava preocupada. A chuva tinha parado, mas ainda estava frio.

Tentou planejar seu documentário. Ela uniria as palestras da equipe de funcionários e a realidade de quanto "desenvolver uma equipe" e "mudança de atitude" tinha sido eficaz. Esse episódio iria causar um impacto mais dramático, prova dos procedimentos falhos do centro e demandas muito severas, mas seria relutante em usá-lo como um sinal de retribuição a Amanda, mesmo que ela tivesse estragado o fim de semana.

Era curioso pensar que sob a couraça de Amanda residiam inseguranças profundas. Tory presumiu que era o mesmo para a maioria das pessoas — um lado que mostravam ao mundo, e outro que mantinham em segredo.

Bem, talvez nem todos. Involuntariamente seus pensamentos se dirigiram a Lucas. Tory desejava poder ser, a exemplo dele, mais implacável, ou ao menos mais honesta. A verdade era que tinha adorado cada segundo daqueles cinco minutos desesperados com Luc.

Agora ela imaginava se seria mais simples desistir de lutar contra esse sentimento, aceitar que iriam ter um relacionamento e deixar as coisas acontecerem. Seria breve. Como poderia ser diferente? Nenhum dos dois poderia se comprometer. Mas se ambos mergulhassem nisso de cabeça, mas com os olhos bem abertos, onde estava o mal?

Tory ainda pensava no assunto quando ouviu um som abençoado. Como poderia ouvir o motor de um carro se não havia nenhuma estrada a quilômetros de distância? Mas era isso, ou mais precisamente um jipe, aumentando e diminuindo a rotação dos motores enquanto atolava no terreno.

Tory sacudiu Amanda delicadamente para acordá-la, e em seguida se pôs de pé, pretendendo ir em direção ao som. Mas depois de horas sentada com roupas molhadas, uma câimbra a fez desmoronar no chão em agonia.

Agora nenhuma delas podia se mover, mas podiam gritar, o que se puseram a fazer até que ficaram roucas e a primeira figura apareceu na clareira diante delas.

Era o instrutor do centro, seguido de perto por três outros homens. Tory só tinha olhos para um deles e ele só tinha olhos para ela, enquanto se deixou cair de joelhos ao lado dela.

— Você está bem?

Bem? Ela estava ótima agora que eles tinham vindo. Que *ele* tinha vindo.

— Sua perna? — tentou adivinhar Lucas. Tory percebeu que ainda estava massageando-a.

— É só câimbra. Está passando. Mas Amanda está machucada.

— Os médicos estão cuidando dela.

Tory olhou para o grupo em volta de Amanda. Um homem já estava cortando a perna da calça dela para examinar o joelho. Carl, o que lia os mapas, também tinha vindo e estava segurando a maça.

— Você consegue andar? — perguntou Lucas.

— Acho que sim. — Ele colocou o braço em volta dos ombros dela e a ajudou a se levantar. Ela foi mancando antes de ser literalmente carregada.

Ele disse aos outros que a estava levando de volta, e em seguida tomou seu caminho com cuidado sobre o terreno irregular até onde os dois veículos estavam.

Ele a deslizou para o banco traseiro. Uma calça *jeans*, uma camiseta e um moletom limpos estavam sobre o assento ao lado dela.

— É melhor você tirar essas roupas molhadas — orientou ele. Ela assentiu e tremeu,

mas não pareceu ter energia. Ele olhou de soslaio para ela antes de dizer:

- Isso não é nenhum pretexto para fazer você tirar a roupa.
- Eu sei — disse ela, batendo os dentes.
- Vou ligar o aquecedor. — Depois pulou para o banco traseiro com ela.
- Vamos, confie em mim. — Ele abriu o zíper do casaco dela. — Prometo que vou me comportar como um cavalheiro.

Tory não resistiu quando ele abriu seu casaco antes de ajudá-la a vestir as roupas secas.

- Você fica aí atrás e tenta descansar enquanto eu a levo para casa.

Tory não tinha certeza do que ele queria dizer com casa — o centro, o hotel em Londres ou de volta para Norwich.

- Podemos esperar? — perguntou ela. — Para ver se Amanda está bem.
- Tudo bem — concordou ele com alguma relutância. — Vou só manobrar.

O veículo ficou na direção da qual ele tinha vindo e os outros apareceram, carregando Amanda na maça.

O joelho dela havia sido enfaixado e os homens a colocaram com cuidado no banco do outro carro.

- Para onde vão levá-la? — perguntou Tory a Lucas.
- Para o hospital mais próximo, imagino. Podemos ligar para o centro mais tarde — prometeu ele. — Por ora, sugiro que você descanse.

Foi o que Tory fez enquanto o veículo seguia aos solavancos no terreno irregular e ela sacudia para lá e para cá.

Eles levaram quase meia hora para chegar ao que poderia ser descrito como uma estrada. Tory tentou descobrir se estavam indo para o leste, na direção de Norwich, ou para o sul, a caminho de Londres, mas não se importou na verdade. O calor do carro a estava deixando em um estado de sonolência. Quando acordou, estava desorientada demais para saber onde estava, até que Lucas deu a volta para ajudá-la a descer na calçada de seu apartamento em Norwich.

Estava contente. Sentia-se fraca e trêmula. Sua casa parecia o melhor lugar para se recuperar.

Ele colocou a mochila no ombro e, segurando o cotovelo dela, apoiou-a nos degraus até a porta da frente. Entrando no apartamento, Tory ficou aliviada em encontrar as luzes apagadas, sugerindo que Alex ainda não tinha voltado. Ela poderia lidar com este novo Lucas solícito, mas suspeitou de que o velho estava à espreita em algum lugar, pronto para emergir se Alex aparecesse.

Alex tinha deixado muitos sinais de sua presença. Tory sentiu-se cansada só de ver a bagunça das embalagens de comida para viagem, das roupas e dos livros.

— Eu diria que não foi você quem deixou o lugar assim — concluiu Lucas. — Fico impressionado como você tolera isso.

— E você é o Sr. Limpo e Arrumado, não é? — disparou ela num tom infantil, ressentindo-se com a crítica.

— Não, mas não sou um porcalhão. — Seu olhar parou em uma cueca que se encontrava no sofá.

Tory torceu o nariz, imaginando se estava suja ou não, e resolveu pedir a Alex para ir embora o quanto antes.

— Bem, obrigada pela carona — disse ela antes que Lucas pudesse fazer qualquer comentário.

Imaginou que ele estava morrendo de vontade de ir para seu apartamento limpo e agradável em Abbey Lodge. Ele a ignorou, entretanto, e disse:

— Você não comeu nada desde o almoço. Vou lhe preparar alguma coisa.

— Está tudo bem — surpresa, Tory recusou a oferta —, eu só quero descansar.

— Você tem de comer um pouco — insistiu. — Vá para a cama e eu levarei chá e torradas.

— Duvido que tenha pão. Alex não faz compras. — Comentou sem pensar.

Ele não perdeu a chance, e rebateu:

— Eu imagino o que Alex realmente faz... nem me diga. Poderia ter sido uma piada, mas seus olhos disseram que não.

— Não, por favor... — Tory não terminou o apelo. Mas ele compreendeu, retomando a preocupação.

— Certo, vá descansar e eu vou vasculhar a cozinha.

Tory hesitou. Não tinha energia nem para continuar discutindo com ele, tampouco para ir para a cama com este homem.

— Não se preocupe, você estará a salvo. — Ele a interpretou com uma exatidão irritante. — Compartilhar a cama de outro homem não tem graça para mim.

Tory ficou vermelha. Era absurdo. Não tinha que se sentir culpada ou envergonhada.

— Dez minutos — ele lhe deu um empurrãozinho delicado na direção da porta do quarto —, e espero vê-la na cama com seu ursinho e um pijama de mangas compridas abotoado até o pescoço.

Desta vez ele estava brincando, mas Tory se ateu à mensagem subjacente. Não tinha nada com o que se preocupar.

— Você poderia ligar para o centro e perguntar sobre Amanda?

— Sim, claro — ele concordou de imediato. — Agora vá.

Em seu quarto, aliviada, não viu nenhum sinal de Alex. Ao menos tinha respeitado a privacidade dela.

Ela escolheu uma camisola que, embora curta, fosse apropriadamente não sensual, e seguiu para a cama, pensando o tempo todo se deveria lhe dizer a verdade. Que Alex não era nada. Mas ele acreditaria em tal confissão?

Não chegou a nenhuma conclusão antes que seus olhos ficassem pesados demais e se deixou adormecer.

Lucas pôs a bandeja de chá em uma cômoda e sentou-se em uma cadeira de vime, observando-a. Dormindo, parecia muito mais jovem e vulnerável, mas isso era uma ilusão. Certamente tinha provado ser uma das mais fortes no curso do fim de semana.

Ele lembrou-se de sua reação quando o grupo dela retornou. Estava esperando por ela naturalmente. Estavam atrasadas havia horas. Ele já havia insistido para que o centro chamasse uma equipe de resgate quando elas finalmente chegaram, encharcadas e aflitas.

Ficou furioso quando ouviu a história. Tendo abandonado Tory e Amanda, ficaram desorientados e passaram meia hora se abrigando antes de continuar. A garota chamada Mel tinha tentado tranquilizá-lo de que Tory estava bem, mas não fez diferença. Tudo em que podia pensar era em Tory encharcada e comprimida em algum lugar na escuridão. Ele se juntou ao grupo de resgate em seu próprio veículo, enfrentando a oposição do centro com uma ameaça de processá-los se algum mal acontecesse a Tory.

Sua reação pareceu exageradamente dramática. Tory não estava em nenhuma situação de perigo real. Ela se protegeu e esperou o resgate — exatamente como deveria ter feito. Mas Lucas não estava raciocinando direito; o que estava acontecendo com Tory de algum modo se misturou em sua cabeça com o acidente em que perdera Jessica, sua primeira esposa.

Não era a mesma coisa. Jessica morrera em um acidente de carro. Não havia nada que alguém pudesse ter feito, muito menos ele, que estava do outro lado do mundo. Mas ainda assim parecia uma reprise — como se ele estivesse indo ver Tory em alguma maça mortuária fria.

Lucas balançou a cabeça para apagar a imagem. Não era um homem dado a premonições e se esta fosse uma, estava longe da realidade. Mas ele reconheceu a emoção envolvida — o medo da perda.

CAPÍTULO ONZE

Tory acordou durante a noite e encontrou Lucas adormecido na cadeira. Ficou olhando para ele por um tempo como ele tinha olhado para ela. A maioria das

peessoas parece relaxada enquanto dorme. Lucas era diferente — ficava tenso e agitado, como se coisas ruins estivessem acontecendo em seus sonhos.

Sabia que não devia acordá-lo de repente. Colocou delicadamente a mão sobre a nuca dele, a outra sobre sua mão e pressionou de leve.

Pensou que ele despertaria aos poucos, mas a reação dele foi imediata, estremecendo-se ao toque dela e emitindo um breve grito de espanto.

Tory teria recuado, mas ele agarrou a mão dela num aperto-forte, quase convulsivo. Somente quando abriu os olhos para ver o que o tinha acordado que ele a soltou.

— Um sonho ruim. Desculpe. — Ele conseguiu esboçar um sorriso preguiçoso.

Mas Tory não se enganou.

— Isso acontece com frequência, não é? — Ela sabia disso. Apenas sabia.

Ele deu de ombros.

— Na verdade, não.

— Coisas que você viu? — interpretou Tory.

— Em parte.

Tory não o pressionou. Se quisesse lhe contar mais, ele contaria.

— Eu tenho de ir — disse ele.

Mas não se moveu. Ela estava perto demais.

Tory não quis recuar porque ela finalmente tinha aceitado. Este homem era seu destino, para o bem ou para o mal. Estava cansada de fugir dele.

Queria que ele a tomasse nos braços, cobrisse o corpo dela com seu calor rígido, fosse carinhoso, violento, que a controlasse, a possuísse, mas que no fim a amasse. Desejava isso mesmo quando reconheceu que amar este homem podia destruí-la — sobretudo se não pudesse amá-la também.

Lucas encarou o olhar dela e compreendeu o bastante para saber que ela se rendera. Pegou-lhe a mão e a abaixou delicadamente. Pôs um dos braços em volta da cintura dela. Ela era macia, quente e dócil. Desejou-a de imediato, mas desta vez não queria apressar as coisas.

Esperou que ela tomasse a iniciativa. Tory tomou o rosto dele em suas mãos e o beijou.

Foi o mais simples dos beijos, seus lábios secos nos dele. Casto mas também sensual. Tory compreendeu que tinha de tomar a iniciativa, seduzi-lo.

Ela enfiou os dedos em seus cabelos escuros e grossos até poder puxar ligeiramente para trás sua cabeça e mais uma vez colar os lábios nos dele, só que desta vez deslizou a ponta da língua entre seus lábios, umedecendo-os. Aninhou-se no pescoço dele, provocando-o, unindo os braços em volta dele, lambendo e provando suavemente sua pele, mordendo sua orelha com uma ferocidade delicada, até que sentiu a respiração dele começar a ficar mais profunda e irregular. Então deslizou

sua boca para a dele e roubou sua respiração e sua razão enquanto o beijava com uma paixão desimpedida.

Exploraram um ao outro suas bocas, com uma sede desesperada, enquanto seus corpos se esticavam para juntar, para ser um só. Todos os pensamentos se perderam no calor do desejo. As mãos dele estavam em toda parte, deslizando pelas costas dela, envolvendo seus seios, descendo até seu bumbum, entre as coxas. Então, ainda sentados, os dois se moveram até que ela ficou quase de joelhos, suas pernas abrindo totalmente as dele, enquanto ele arrancava a camisola dela pela cabeça e levava sua boca aos seios, e começou a chupar seus mamilos com um apetite que se igualava aos ruídos ardentes que ela fez.

Quando finalmente a penetrou, o fez delicadamente com seus dedos hábeis. Ela já estava molhada de desejo e seu corpo fechou-se em volta dele em um espasmo, e em seguida se abriu e se fechou como uma flor, enquanto ele lhe proporcionava um prazer que a levou ao orgasmo.

Ela gemeu quando ele parou de repente e a empurrou ligeiramente. Então ela abriu os olhos e entendeu.

Lucas tinha aberto o zíper, colocando para fora o membro que latejava dolorosamente. Então a ergueu ligeiramente para penetrá-la.

Tory gritava alto cada vez que ele a penetrava profundamente, até que gozaram juntos em um misto de agonia e êxtase.

Ela desmoronou sobre ele, sufocando em soluços.

Lucas tentou acalmá-la com beijos delicados e sussurrando:

— Eu magoei você. Eu sinto muito. Eu não tinha esta intenção.

Ela balançou a cabeça contra o ombro dele.

— Shh. Está tudo bem. — Ele a carregou para a cama e se deitou ao lado dela, tirando os cabelos revoltos de seu rosto, limpando uma lágrima com os dedos. — Você quer que eu vá embora?

Tory balançou a cabeça outra vez e olhou para ele com olhos tristes.

Queria que ele a amasse.

Começaram a se tocar em silêncio. Ele a amou. Desta vez lenta, infinita e delicadamente, conhecendo cada parte dela, os lugares mais íntimos, até que o prazer se tornasse um longo suspiro que os deixou nas nuvens.

Sim, ele a amava — mesmo que fosse somente com seu corpo.

Dormiram e acordaram com o sol para fazer amor outra vez e se aninharem, satisfeitos, nos braços um do outro. Foi assim que foram descobertos.

Por Alex.

Tiveram, no máximo, dez segundos de aviso.

Tory ouviu a porta se abrir, achou que fosse sua imaginação.

Ambos ouviram a batida à porta do quarto dela.

— Tory, você voltou? — Alex chamou por ela, e, não recebendo nenhuma resposta, colocou a cabeça pela porta.

Não foram pegos no ato, mas foi por pouco. Tory tinha conseguido se sentar, e Lucas só se inclinou para trás contra a cabeceira da cama, nu.

Alex examinou a cena, estupefato.

Quando por fim falou, foi um "Certo".

Tory não sentiu que estava tudo certo.

Não queria compartilhar isso com Alex.

— Chefe — disse Alex. — Com licença. Acho que vou preparar o café.

— Curioso — disse Lucas, incapaz de esconder um sorriso forçado. — Ele aceitou bem, você não acha?

Tory achou que deveria explicações e se virou para contar-lhe.

— Talvez ele tenha ido procurar por uma arma carregada. O que você acha? — Lucas levantou uma das sobrancelhas na direção dela.

— Acho que você sabe — opôs-se Tory.

— Sei o quê?

— Que Alex estava em Edimburgo, na esperança de se reconciliar com a esposa.

— Mas se você sabia... — interrompeu Lucas. — Isso significa que você e Alex terminaram ou você e Alex nunca começaram.

— Última opção — explicou Tory. — Ele estava duro e sem ter onde morar, então eu o trouxe para cá até ele encontrar outro lugar.

— Como um cão perdido? — perguntou Lucas num tom seco.

— Exato — concordou Tory —, só que um cão provavelmente seria mais adestrado.

Lucas sorriu com o comentário áspero.

— E então, ele encontrou algum lugar? — Lucas ainda não estava tranquilo com a proximidade de Alex.

— Não, e não posso colocá-lo para fora agora. — Ela suspirou exasperada. — Não se quisermos que ele prometa ficar calado.

--Sobre?

— Você e eu. Na cama. Juntos.

Ele ficou estarelecido com a resposta quase casual dela e perguntou:

— Nós temos de pedir que ele fique calado?

— Sim, é claro. Não posso continuar trabalhando na Eastwich com todos sabendo que você e eu estamos... — Ela procurou as palavras certas.

— Estamos? — ele a instigou e, como Tory não disse nada, sugeriu — Estamos morando juntos?

— Nós não estamos.

— Poderíamos estar.

Tory olhou fixamente para ele, surpresa.

— Por que não? — acrescentou ele simplesmente e, segurando o queixo dela com uma das mãos, tentou persuadi-la de um modo mais eficaz.

O beijo ameaçou rapidamente fugir ao controle, e Tory se afastou, esquivando-se para o outro lado da cama para pegar uma camiseta e a *calça jogging*. Não precisava que o sexo anuviasse a questão.

Ele continuou falando no assunto:

— Você poderia vir morar comigo. Comprei um apartamento na cidade. Você poderia manter este lugar e sublocá-lo para Alex — terminou ele.

— Não sei. — Tory não se opunha à idéia. Mas parecia dar um passo maior do que as pernas. Nunca tinha vivido com um homem antes, nem mesmo com o ex-noivo.

— Eu tenho bons hábitos de higiene, sempre fecho a pasta de dentes e abaixo a tampa do vaso sanitário.

Não foi a mais romântica das propostas, mas fez Tory sorrir e ela assentiu, pensando que poderia mudar de idéia depois.

— Você termina de se vestir enquanto vou falar com Alex — determinou ele e se dirigiu à sala, ainda descalço.

Quando ela surgiu depois, um pouco tímida, encontrou os dois homens conversando, tomando cerveja e comendo, salgadinhos de milho. Já estava tudo definido.

Tory mal acreditou quando se mudou para o *loft* luxuoso de Lucas, situado em um armazém na beira do rio.

Por um tempo não parecia real para ela, comendo, dormindo e acordando com Lucas antes de cada um ir para a Eastwich em seus próprios carros, tomando cuidado para manter distância. Isso se mostrou mais fácil do que ela poderia ter esperado, pois Alex manteve um silêncio discreto antes de acabar aceitando um emprego novo na BBC da Escócia.

Ela ainda trabalhava ao lado de Simon, mas ele estava profundamente envolvido com seu próprio projeto e, com a saída de Alex, tinha virado um *workaholic*, sem tempo para curiosidades sobre a vida particular de Tory.

Em casa, Lucas e ela riam muito e conversavam sem parar, ávidos para saber coisas um sobre o outro, seus pensamentos, sonhos, medos e fracassos. Ela ficou sabendo do que se tratava aqueles pesadelos ocasionais — coisas que testemunhou, os mortos e os moribundos, as bombas de que escapou, a bala que o atingiu quando era correspondente. Ela retribuiu com histórias da sua infância — horrores diários do abandono de sua mãe seguidos de episódios de reconciliação.

Ele cozinhava e ela comia. Faziam compras juntos. Ele consertava as coisas e ela

arrumava. Saíam às vezes, mas na maior parte do tempo ficavam em casa. Faziam amor freqüentemente. Com o tempo, transformou-se em uma vida normal. Tory parou de se preocupar com o futuro, e apenas vivia. Estava feliz — alegremente feliz por quatro meses maravilhosos — até que um dia a sensação de irreabilidade voltou. Lucas logo notou sua distração, mas não tinha certeza se queria descobrir o motivo. Sabia apenas que a tinha feito feliz todos esses meses, e de repente ela não estava mais. Continuavam a fazer amor e quando terminavam ela adormecia em seus braços, mas um dia ela estava agitada, ansiosa e evasiva, e, como um covarde, ele não perguntou por quê. Uma semana se passou antes que Tory finalmente lhe contasse. Ela pensou em esconder tanto quanto possível, mas isso parecia desonesto. — Há algo que você deve saber — disse ela à mesa do jantar, e em seguida fez uma pausa longa.

Ela ensaiara as palavras o dia inteiro, mas colocá-las para fora era outra coisa. Decidiu contar-lhe a história inteira na esperança de que ele pudesse compreender e, ao menos, perdoar.

— Quando eu era pequena — começou ela calmamente —, tive leucemia. Tinha dez anos e fui tratada com uma combinação de quimioterapia e radioterapia. Você se lembra quando eu disse que nunca teria filhos?

Ele assentiu, os olhos azuis fixos nela.

— Tal tratamento tem o efeito colateral de deixar as pessoas inférteis. — Ela fez uma pausa.

— Do jeito que você falou, pensei que era uma escolha de estilo de vida.

— Provavelmente eu dei essa impressão — admitiu —, mas, na época, não me senti obrigada a entrar em detalhes.

— E depois? — ele a desafiou. Tory inclinou um pouco a cabeça.

— Tinha medo de você me largar.

— Porque você não poderia ter filhos? — Um tom irritado tomou sua voz. — É o que pensa de mim?

— Charlie Wainwright me largou — respondeu na defensiva.

— Foi por isso que terminaram?

— Basicamente.

— Suponho que você também tenha escondido isso dele.

— No início. Mas depois eu não acreditei mais na nossa relação.

— Sabe que eu amo você, não sabe, Tory?

Era a primeira vez que ele usava a palavra amor.

— Não, Luc! — Sabia que ele podia desdizer tudo logo depois. — Não até eu terminar tudo que tenho a dizer.

— Achei que tínhamos terminado. Você não pode ter filhos — afirmou ele. — Eu

posso aceitar isso.

Não era o que Tory queria ouvir.

— Eu não — retrucou ela calmamente. Os olhos dele se estreitaram.

— Não compreendo.

— Deixe-me explicar tudo. Então Charlie e eu ficamos noivos e eu contei a verdade a ele no dia seguinte. Não sei o que eu esperava. De qualquer maneira, ele não poderia aceitar isso. Sua descendência na família Wainwright dependia dele, então o deixei livre.

— Bem, fico feliz que tenha feito isso. Quem precisa de filho»? — Fez um gesto de desobrigação. — Então, não temos problema? — Ergueu uma das mãos para afagar sua face.

A ternura no gesto quase a desmontou. Mas ele estava certo. Nós não tínhamos um problema. Ela tinha. Não era culpa dele.

— Não — concordou ela.

— Podemos continuar como estamos — acrescentou ele.

Tory poderia ter concordado. Era muito mais fácil mentir. Mas de repente se sentiu nauseada.

— Com licença. — Ela se pôs de pé quando percebeu que ia passar mal.

Não poderia pensar em nenhuma invenção, então foi pelo corredor em direção ao banheiro. Não se preocupou em trancar a porta. Quando Lucas a seguiu, ainda estava inclinada sobre a pia, o filete de água fria da torneira correndo enquanto ela lavava a boca.

— Não posso dizer que eu já tenha provocado esse efeito em uma mulher antes. — Lucas escondeu no humor seus verdadeiros sentimentos.

— Não é você. — Ela se endireitou e imediatamente se sentiu tonta.

Ele viu a oscilação dela e, segurando seu braço, conduziu-a até um assento próximo à janela.

— Eu amo você — admitiu ela num tom suave. — Eu só me sinto presa.

— Você está mentindo — afirmou ele. — Se sentir preso não tem nada a ver com isso, não quando você ama alguém.

Havia um tom amargo na voz dele, que Tory nunca tinha ouvido antes. Lágrimas escorriam de seus olhos.

— Pelo amor de Deus, não chore por minha causa, Tor... Aqui. — Ele lhe entregou um lenço de papel de uma caixa na prateleira.

Ela enxugou as lágrimas.

— Escute, eu sinto muito... — ele se inclinou para se ajoelhar a seu lado —, mas já decepcionei mulheres o bastante para conhecer os sinais. Preciso que você seja direta e honesta comigo. Apenas diga: "Eu não amo você, Luc." Então um de nós vai

arrumar suas coisas e nós nos cumprimentaremos desejando o melhor um para o outro.

Mas ela não conseguia dizer que não o amava. Ela o adorava. Estava absolutamente, irreversivelmente, penosamente apaixonada por este homem.

— Não, por favor... — Fez um apelo para que ele compreendesse. Lucas não compreendeu, mas ainda pôs seus braços em volta dela e a balançou até que seu choro passasse.

Tory não conseguiria deixá-lo. Não hoje. Por ora queria continuar a amá-lo, fazer amor com ele, e quando suas lágrimas secaram, ela virou a cabeça e procurou sua boca com a dela.

Lucas deixou que ela o beijasse e retribuiu o beijo. Ergueu-a e a carregou para a cama. Encontrou seu corpo doce e delgado por mais alguns momentos preciosos.

Então ficou deitado lá, vendo-a recuperar o fôlego, redescobrimo pela centésima vez como era linda, e pronunciou palavras que ele prometeu que não diria.

— Fique comigo, Tor... — Ele quase implorou. — Dê outra chance. Tory cobriu a boca dele com a mão, incapaz de agüentar e finalmente usou a verdade como uma arma para interrompê-lo.

— Estou grávida.

Ela não falou mais nada, não foi necessário. Pendia entre eles uma explosão que deixava silêncio em seu rastro.

Desta vez todas as emoções que cruzavam seu rosto podiam ser interpretadas. Choque. Descrença. Raiva.

— Repita isso — exigiu ele.

— Estou grávida.

— Você não pode estar. — Sentou-se na cama sem olhar para ela. Tinha que pensar direito.

Tory também se sentou, inclinando-se para trás nos travesseiros.

— Sei que eu não posso estar, mas estou. Os médicos se enganaram ou talvez tenha sido uma chance em um milhão, e eu tive sorte.

— Sorte? — Ele olhou de relance para desafiar sua escolha de termo.

— Sim. — Era como se sentia. — Passei metade da minha vida pensando que nunca teria filhos e agora isto acontece.

— Você vai tê-lo? — acrescentou ele.

— Sim. Eu não planejei, mas aconteceu, vou aceitar. É por isso que estou indo embora. Não posso e não espero nada de você, Luc.

Uma vez conversaram rapidamente sobre contracepção. Ele disse que iria se precaver e ela afirmou se cuidar. Ela cometera o erro. Ele se virou e a interpretou equivocadamente.

— Não é meu, é?

Ele realmente acreditava que ela lhe fora infiel?

— Se prefere colocar as coisas desta forma.

— E claro que não! — disse ele irritado.

Mas Tory sentia-se emocionalmente frágil demais para um bate-boca e levantou.

Ele a seguiu e a jogou na cama. Então olhou fixamente para ela, para a ligeira curva de sua barriga.

Tory tremeu com sua intensidade e se esquivou quando ele pos a palma da mão sobre o lugar onde o bebê deles estava crescendo.

— É meu agora. — Ele afagou sua pele.

O mais íntimo dos atos sem qualquer conotação sexual.

— Você é minha, então ele é meu. É simples. Assim como eu sou seu. O que aconteceu antes de ficarmos juntos não tem nenhuma importância.

Tory finalmente entendeu. Ele estava pensando que ela já estava grávida. E agora, estava passando por cima dos seus sentimentos para poder ficar com ela.

— Eu amo você, Lucas Ryecart. — Queria que ele soubesse disso.

— Mas isso não vai funcionar. "Quem precisa de filhos?" Lembra? Foi o que você disse há menos de meia hora.

— Certo, eu disse isso. Mas o que você esperava? A garota com quem estou planejando me casar tinha acabado de me dizer que não poderia ter filhos.

— Se casar? — Tory repetiu com um leve deslumbramento.

— O quanto antes melhor, você não acha? Tory ainda não acreditava.

— Isso não é convencional demais? Ele fez uma careta.

— Atualmente, o convencional é: o homem foge da mulher, deixando-a com o bebê. Eu estou supondo que é o que aconteceu.

— Quem?

— Quem quer que seja.

Tory poderia ter ficado realmente enfurecida com ele, mas o amava e ele estava disposto a cuidar dela e da criança.

— Meu último amante era comentarista esportivo que trabalhava na TV — relatou ela.

— Acho que não quero ouvir isto.

— Que coisa, machão! Escute-me. Nós tivemos um caso rápido porém feroso, que terminou amigavelmente quando ele foi cobrir a Copa do Mundo.

— Mas isso. foi há dois anos?

— Exatamente, e eu estou com três meses de gravidez.

Tory preferiu esperar até que a ficha caísse e, sentindo que era um tanto absurdo discutir nua, foi recolher suas roupas do chão. Lucas começava a compreender a

verdadeira situação.

— Este bebê é meu. — Era uma afirmação desta vez. Tory se virou e deu-lhe um sorriso forçado.

— Então por que você deixou que eu acreditasse que era de outro? — indagou, tentando continuar irritado com ela.

— Eu disse: "Estou grávida." Você disse: "Não é meu, é?" Eu dei por encerrada a minha argumentação... Estou morrendo de fome. Quer jantar?

Ele parecia pronto para explodir, mas Tory estava muito feliz para se importar. A semana inteira se atormentou sobre como seria a reação dele. E dizer a ela que a amava certamente era melhor do que o que ela previra.

Ele a seguiu, ainda discutindo a questão.

— Mas por que outro motivo manteria em segredo? Por que não me contou antes? Você ficou sabendo há alguns dias, não foi?

— Pensei... — ela fez uma pausa — ...que você julgaria ter sido proposital. Que eu engravidara para amarrar você. Você havia deixado claro que não planejava ter filhos, e eu disse que estava me precavendo. Eu realmente pensava que era impossível, entende?

Ele assentiu e percebeu como cada um havia interpretado equivocadamente o outro.

— Na verdade, ter filhos fazia parte do meu plano para daqui a cinco anos.

— Plano para daqui a cinco anos?

— No primeiro ano você vem morar comigo. No segundo, eu a convenço a se casar comigo. No terceiro e quarto, nós fortalecemos nossa união. No quinto, nós nos reproduzimos.

Tory ficou imaginando se ele realmente poderia ter pensado tão à frente assim.

— Eu arruinei isso, então. — Ela fez uma careta pedindo desculpas.

— Então as coisas acontecerão um pouco mais rápido. — Ele encolheu os ombros e pôs os braços em volta da cintura dela por trás. — E dinheiro não é problema. Você pode escolher: retomar sua carreira e contratar uma velha e boa babá britânica, ou trabalhar meio expediente se o patrão for receptivo — terminou ele.

— E ele é?

— Muito.

Era uma brincadeira, mas Tory acrescentou ainda mais séria:

— Ele é de verdade? Com relação à paternidade, eu quero dizer.

— É claro que sim. — Ele retribuiu o sorriso. — Se eu esperasse muito mais tempo, seria velho demais para balançar o bastão de beisebol.

— Bem, pode ser uma menina.

— Qualquer Um será bem-vindo — respondeu ele sorrindo.

Ela virou em seus braços e se esticou para lhe dar um beijo no rosto e dizer:

– Obrigada.

Ele lançou-lhe um olhar zombeteiro.

– Obrigada por quê?

– Por aceitar que está tudo bem.

– Tudo bem? – repetiu ele rindo alto. – É maravilhoso!

E Tory finalmente acreditou que era real a vida de felicidade se projetava diante dela, com um colorido vivido do homem estava a seu lado.